

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
INSTITUTO DE LETRAS

MARIA SANDRA CAMPOS

O ALÇAMENTO DAS VOGAIS POSTERIORES EM SÍLABA
TÔNICA: um estudo do português falado em Borba no
Amazonas

Faculdade de letras – UFF

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARIA SANDRA CAMPOS

**O ALÇAMENTO DAS VOGAIS POSTERIORES EM SÍLABA
TÔNICA:** um estudo do português falado em Borba no
Amazonas

Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para
obtenção do título de Doutorado em
Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Jussara
Abraçado de Almeida.

Faculdade de Letras – UFF - Niterói

2009

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

C198 Campos, Maria Sandra.

O ALÇAMENTO DAS VOGAIS POSTERIORES EM SÍLABA TÔNICA: um estudo do português falado em Borba no Amazonas / Maria Sandra Campos. – 2009. 203 f.

Orientador: Maria Jussara Abraçado de Almeida.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2009.

Bibliografia: f. 152-167.

1. Língua portuguesa – Regionalismo - Amazonas. 2. Língua portuguesa - Fonologia. 3. Língua portuguesa - Fonética. 4. Língua portuguesa – Português falado - Amazonas. I. Almeida, Maria Jussara Abraçado de. II. Universidade Federal Fluminense. III. Título.

CDD 469.7

DEFESA DE TESE

CAMPOS, Maria Sandra. **O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica**: um estudo do português falado em Borba no Amazonas. 2009, 203 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2009.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Maria Jussara Abraçado de Almeida – UFF (Orientadora)

Professor Doutor José Ribamar Bessa Freire - UERJ

Professor Doutor Ricardo Stavola Cavaliere – UFF

Professora Doutora Vanda Cardozo de Menezes – UFF

Professora Doutora Leticia Rebollo Couto - UFRJ

Professora Doutora Mônica Maria Guimaraes Savedra Barretto - PUC-RJ

(Suplente)

Professora Doutora Mariangela Rios de Oliveira - UFF

(Suplente)

Examinada a Tese

Conceito: 9,0

Em: 08 / 04 /2009

DEDICATÓRIA

A Deus, por sua proteção em todos os momentos difíceis.

À minha mãe (*in memoriam*), pelo exemplo de bravura.

À Madre Tereza de Calcutá, por cuidar dos humildes.

AGRADECIMENTOS

Ao órgão brasileiro de fomento à pesquisa, CAPES, por ter custeado meus estudos aqui no Brasil e em Portugal, possibilitando a realização deste grande sonho e desejo.

À minha orientadora, Jussara Abraçado, pela compreensão, dedicação e colaboração e ensinamentos para a realização deste sonho.

Às minhas co-orientadoras, Lurdes Moutinho e Rosa Lídia Coimbra da Universidade de Aveiro, pelo ensinamento e carinho que me dedicaram durante minha estada em Portugal.

Aos meus informantes ribeirinhos das águas barrentas do rio Madeira, e amigos de Borba, que me ajudaram a construir este estudo.

Aos alunos dos Cursos de Letras da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal do Amazonas, pela preciosa colaboração durante o teste de percepção.

Aos professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação da UFF.

Aos professores que, gentilmente, aceitaram o convite para participarem da banca examinadora, e, desta forma, contribuíram com esta pesquisa.

À Marta Reis, pela companhia solidária durante a Expedição no rio Madeira.

Ao Cirineu Cecote, grande amigo, pela companhia durante a Expedição no rio Madeira.

Ao Robert Fischer, pela colaboração prestada durante a nossa Expedição no rio Madeira.

À Elenise Scherer, por ter-me feito enxergar neste trabalho o meu lugar de origem.

Sou filho do Amazonas

*Sou filho do Amazonas e gosto da minha terra,
e se um dia eu achar quem fale dela, dizendo que não é bela,
pois eu faço guerra, eu faço guerra, eu faço guerra
o dia q'eu achar um cabra pra falar de minha terra,
eu posso andar em meu Brasil, São Paulo, Rio, Minas Gerais,
mas sei que não abandono o meu Amazonas que é bom
demais! temos nossos grande [sic] rios e os grandes pantanais,
a nossa verde floresta que é linda até demais,
este chão que Deus criou e abençoou com amor e paz,
eu adoro o Amazonas, minha terra onde eu nasci,
Amazonas, enquanto eu viver sou por ti!
Amazonas que tem fama da tua grande riqueza
e teus filho [sic] são feliz em contemplar tua beleza
nela está minha Borba, no rio Madeira, é a princesa.*

(Composição de Manuel Moisés Ramos, “seo Nilinho”,
informante do G2 desta pesquisa)

RESUMO

Neste trabalho é abordado o fenômeno do alçamento das vogais posteriores em posição tônica, observado na fala dos habitantes de Borba, município do estado do Amazonas. O referido estudo foi resguardado teoricamente pelos pressupostos lingüísticos e sociolingüísticos, e, desta forma, sustenta-se, teórico-metodologicamente, em estudos fonético-fonológicos anteriores e em análise qualitativa e quantitativa dos dados (esta, em termos percentuais), de modo a considerar tantos aspectos estruturais quanto sociais na descrição do fenômeno em pauta. Seguindo os procedimentos ditados pela sociolingüística, constituímos um *corpus* que contou com dados extraídos da fala de vinte e quatro informantes, alocados em quatro grupos representativos das localidades compreendidas em todo o vale do rio Madeira. Na análise dos dados, buscamos desvelar os fatores lingüísticos e sociais favorecedores da ocorrência do alçamento. Os resultados encontrados mostram que o fenômeno: (1) é bastante recorrente na região em investigação e se configura ao longo do rio Madeira; (2) é mais produtivo na fala de pessoas idosas, iletradas e do gênero masculino.

Palavras-chave: Alçamento; Fonética; Fonologia, Variação; Mudança.

ABSTRACT

This work has dealt with the phenomenon of the rising the tonic position back vowels in the speech of the inhabitants of the Municipal District of Borba in the State of Amazonas. This study has been theoretically supported by linguistic principles and reviewed under the sociolinguistic perspective. It is, thus, underpinned by previous phonetic and phonological studies and by qualitative and quantitative analysis of data (this in percentage terms). For the analyses, diastratic and diatopic factors, such as, age, gender and place, in addition to linguistic factors will be used as a thermometer, and on them shall weigh the responsibility for verifying if the phenomenon is already going through transformation. We have elected a *corpus* requiring the participation of twenty-four informants allocated in four groups. For each one of them, we chose three subgroups representing such factors as age and gender. Research results have shown that the rising is recurrent in the region under study. They have also shown that this is not an exclusive prerogative of the individuals of the rural zone, as we had envisioned. We have identified it in the speech of the citizen from Borba living in the urban zone, that is, he who lives in the seat of the municipality. We have outlined the profile of the man and the physical space of the region, as a way of understanding the factor as intermediators in the linguistic variations occurring in the Borba speech.

Keywords: Rising, Phonetics; Phonology; Variation; Change

LISTA DE TABELAS, GRÁFICOS E QUADROS

TABELAS

Tabela 1: <i>corpus</i> para o teste de percepção do APT	98
Tabela 2: ocorrências do APT nos grupos G0, G1, G2 e G3	100
Tabela 3: resultado do teste de percepção	103
Tabela 4: levantamento do APT no contexto lingüístico	130
Tabela 5: ocorrências do APT nos grupos da zona rural	133
Tabela 6: ocorrências do APT em relação ao gênero (zona rural)	135
Tabela 7: ocorrências do APT em relação à faixa etária (zona rural)	137
Tabela 8: ocorrências do APT no grupo G0	140
Tabela 9: ocorrências do APT nos grupos G0, G1, G2 e G3	141
Tabela 10: ocorrências do APT nos gêneros do G0	143
Tabela 11: ocorrências do APT nas faixas etárias do G0	145

GRÁFICOS

Gráfico Geral 1: percentuais gerais do APT pelo G0, G1, G2 e G3	101
Gráfico 2: percentuais do teste de percepção	104
Gráfico 3: percentuais do APT nos grupos da zona rural	134
Gráfico 4: percentuais do APT em relação ao gênero (zona rural)	136
Gráfico 5: percentuais do APT em relação à faixa etária (zona rural)	138
Gráfico 6: percentuais do APT no G0	141
Gráfico 7: percentuais gerais do APT nos grupos G0, G1, G2 e G3	142
Gráfico 8: percentuais gerais do APT nos gêneros do grupo G0	143
Gráfico 9: percentuais do APT nos gêneros dos grupos G0,G1,G2,G3	144
Gráfico 10: percentuais gerais do APT nas faixas etárias do grupo G0	145

Gráfico 11: percentuais do APT nas faixas etárias dos grupos da ZU (G0) X ZR (G1, G2, G3)	146
---	-----

QUADROS

Quadro 1: arredondamento dos lábios	27
Quadro 2: informantes do Grupo 0	87
Quadro 3: informantes do Grupo 1	88
Quadro 4: informantes do Grupo 2	90
Quadro 5: informantes do Grupo 3	91

LISTA DE MAPAS E FIGURAS

MAPAS

Mapa 1: divisão política do Estado do Amazonas	60
Mapa 2: Comunidades constitutivas dos grupos	84

FIGURAS

Figura 1: Aparelho fonador	22
Figura 2: Trapézio vocálico	23
Figura 3: Movimento horizontal da língua	25
Figura 4: Movimento vertical da língua	26

TRANSCRIÇÃO DO *CORPUS*

E	entrevistador
F	falante
I	interveniente (uma terceira pessoa presente por ocasião da entrevista)
(hes)	hesitação
(inint)	fala ininteligível
°	indica o tempo de gravação em cada entrevista

TRANSCRIÇÃO DOS DADOS LINGUÍSTICOS

/ /	representação de fonemas
[]	representação de realizações fonéticas
'	indica a tonicidade
x ~ y	x varia com y
x > y	x origina y
x < y	y origina x

SIMBOLOGIA DAS VOGAIS ORAIS E NASAIS

[a]	vogal baixa central aberta oral	c[a]sa
[ã]	vogal central nasalizada	maç[ã]
[e]	vogal média-alta anterior fechada oral	b[e]bo
[ɛ]	vogal média-baixa anterior aberta oral	f[ɛ]
[ě]	vogal anterior nasalizada	l[ě]nda
[i]	vogal alta anterior fechada oral	f[i]co
[ĩ]	vogal anterior nasalizada	z[ĩ]nco
[o]	vogal média-alta posterior fechada oral	t[o]lo
[ɔ]	vogal média-baixa posterior aberta oral	b[ɔ]ja
[õ]	vogal posterior nasalizada	c[õ]ta
[u]	vogal alta posterior fechada oral	t[u]do
[ũ]	vogal posterior nasalizada	j[ũ]to

SIMBOLOGIA DAS CONSOANTES

[p]	oclusiva bilabial desvozeada	[p]ato
[b]	oclusiva bilabial vozeada	[b]ato
[t]	oclusiva alveolar desvozeada	[t]ato
[d]	oclusiva alveolar vozeada	[d]ado
[k]	oclusiva velar desvozeada	[k]aco
[g]	oclusiva velar vozeada	[g]ato
[f]	fricativa labiodental desvozeada	[f]ato
[v]	fricativa labiodental vozeada	[v]aca
[s]	fricativa alveolar desvozeada	[s]apo
[z]	fricativa alveolar vozeada	[z]agaia
[ʃ]	fricativa alveopalatal desvozeada	[ʃ]eio
[ʒ]	fricativa alveopalatal vozeada	[ʒ]elo
[tʃ]	africada alveopalatal desvozeada	[tʃ]ico
[dʒ]	africada alveopalatal vozeada	[dʒ]ia
[h]	fricativa glotal desvozeada	[h]ato
[m]	nasal bilabial vozeada	[m]ala
[n]	nasal alveolar vozeada	[n]avio
[ŋ]	nasal palatal vozeada	so[ŋ]o
[r]	tepe alveolar vozeado	ca[r]a
[ʀ]	vibrante alveolar vozeada	[ʀ]ata
[l]	lateral alveolar vozeado	[l]ata
[λ]	lateral palatal vozeada	pa[λ]a
[ɫ]	lateral alveolar vozeada velarizada	sa[ɫ]

ABREVIACÕES DO ALÇAMENTO

APT alçamento da posterior tônica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 ENFOQUE TEÓRICO-METODOLÓGICO	19
1.1 POSTULADOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS	19
1.1.1 A produção dos sons	21
1.1.2 A configuração dos sons	28
1.1.3 Breve histórico sobre o alçamento	32
1.1.4 A realização dos fenômenos em outras comunidades de fala	39
1.2 POSTULADOS SOCIOLINGUÍSTICOS	43
1.2.1 Variação e mudança da língua	46
1.2.2 Fatores reguladores da variação linguística	51
1.2.2.1 Fatores diatópicos	51
1.2.2.2 Fatores diastráticos	53
1.2.2.2.1 <i>Fator gênero</i>	54
1.2.2.2.2 <i>Fator faixa etária</i>	55
1.2.2.2.3 <i>Fator escolaridade</i>	57
1.3 CENÁRIO DA PESQUISA	59
1.3.1 Aspecto físico e densidade demográfica do município de Borba	65
1.3.2 O município e seus principais aspectos	66
1.3.2.1 Fundação	66
1.3.3 Infraestrutura do município	68
1.3.4 Alimentação do ribeirinho	70
1.3.5 Catequização e religiosidade	71
1.3.6 Cosmvisão do homem ribeirinho	73
1.4 TRABALHO DE CAMPO	78
1.4.1 Os grupos	80
1.4.2 Os informantes	85
1.4.3 Coleta de dados	93
1.4.4 Teste de percepção	96

2 O ALÇAMENTO NO CONTEXTO LINGUÍSTICO	99
2.1 Análise dos dados	99
2.2 Teste de percepção	102
2.3 Contexto de ocorrência do alçamento das vogais posteriores tônicas	105
2.3.1 Contexto de ditongo	106
2.3.2 Contexto de oclusiva	112
2.3.3 Contexto de fricativa	116
2.3.4 Contexto de nasal	119
2.3.5 Contexto de lateral	121
2.3.6 Contexto de vibrante	123
2.3.7 Contexto de tepe	123
2.3.8 O alçamento na constituição de sílaba	125
2.3.9 O alçamento após encontro de consoante	126
3 O ALÇAMENTO NOS EIXOS DIATÓPICO E DIASTRÁTICO	132
3.1 O FENÔMENO DO ALÇAMENTO NO EIXO DIATÓPICO	132
3.2 O FENÔMENO DO ALÇAMENTO NO EIXO DIASTRÁTICO	135
3.2.1 Gênero	135
3.2.2 Faixa etária	137
3.3 O GRUPO DE CONTROLE URBANO: G0	140
3.3.1 G0 X DEMAIS GRUPOS NO EIXO DIATÓPICO	140
3.3.2 G0 X DEMAIS GRUPOS NO EIXO DIASTRÁTICO	143
3.3.2.1 Gênero	143
3.3.2.2 Faixa etária	145
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS	152
LISTA DE ANEXOS	168

Introdução

Esta Tese tem por objetivo principal fazer um estudo descritivo do fenômeno lingüístico conhecido por alçamento das vogais posteriores tônicas do português falado em Borba, no Estado do Amazonas.

O português falado na região apresenta alguns traços peculiares bastante intrigantes, que vão do nível fonético-fonológico ao semântico, no entanto, determos-nos, aqui, devido à natureza do fenômeno a ser estudado, no nível fonético-fonológico. Neste nível, de acordo com o que propomos, serão reveladas algumas variantes singulares em relação ao português falado na maioria das regiões do país.

O município de Borba está entre os mais antigos do Amazonas. Durante o período colonial, o local serviu de entreposto para o escoamento dos produtos retirados da floresta. Sua localização geográfica representava um ponto estratégico na região para aqueles que exploravam as riquezas da floresta, recebendo, em virtude disso, um contingente significativo de colonizador português. Foi-lhe reservado nesta Tese um breve estudo, em que será traçado um panorama sócio-histórico-cultural do local e do homem que lá vive. O contexto sócio-histórico da comunidade merecerá atenção especial, devido a sua importância no que diz respeito ao fenômeno em estudo.

Além de discorrer sobre o *modus vivendi* do povo da região em investigação, para contribuir com o entendimento sobre o fenômeno estudado, faremos um breve recuo na diacronia da língua, buscando subsídios para a compreensão do fato lingüístico abordado. Além disso, evidentemente, para ilustrar e corroborar com este estudo, não deixaremos de mencionar outras comunidades de fala, onde o fenômeno do alçamento já foi registrado por outros estudiosos.

Esta pesquisa se sustenta teórico-metodologicamente em estudos fonético-fonológicos anteriores e em análise qualitativa e quantitativa dos dados (esta, em termos percentuais), de modo a considerar tantos aspectos estruturais quanto sociolingüísticos na descrição do fenômeno em pauta.

O material empírico - entrevistas e história social da região - que compõe o *corpus* aqui analisado foi recolhido dentro das perspectivas de análise dos estudos variacionistas. Seguindo os procedimentos ditados por esta teoria, as entrevistas realizaram-se de forma espontânea, prevalecendo o ambiente de conversa informal acerca do cotidiano da região e de cada informante.

Ainda contamos com a aplicação de um teste de percepção, que teve como participantes falantes de Manaus no Amazonas e de Niterói no Rio de Janeiro, cuja finalidade foi a de aferir se o fenômeno em estudo seria percebido por informantes que não o produzem. Os fluminenses representaram os participantes que, como pudemos constatar, sequer tiveram contato com o fenômeno, quer seja através da literatura especializada ou da convivência com pessoas em cuja fala o fenômeno se observa. Já os informantes amazonenses representaram os falantes

que tiveram contato com o referido fato descrito, em função do convívio com os borbenses ou falante de outra região onde se observa o fenômeno.

A raridade do fenômeno do alçamento das vogais posteriores tônicas no PB, e, principalmente pelo parco volume de estudos acerca do mesmo justificam o nosso interesse em estudá-lo e assinalam nossa contribuição em termos científicos.

Apresentamos, a seguir, exemplos do fenômeno que será aqui investigado.

a) o alçamento de /ow/ em “ficou” e “couro” em contexto de monotongação:

E- [...] caía essa pele aqui, fic[u] no c[u]ro mesmo... [...] (*apud* falante 42, OIF, CAMPOS, 2006, p. 365).

b) o alçamento de /o/ em “oito” em contexto de ditongação:

E- [...] era [uj]to feixe que eu tirei pra lavar, quando eu estava terminando de lavar [...];

c) o alçamento de /o/ em “toco” e “coxa” em contexto de oclusiva e fricativa:

E- [...] já o derradeiro, eu senti uma coceira bem no t[u]co da minha c[u]xa

[...] (*apud* falante 48, 1IM, id., *ibid.*, p. 416).

Considerando o que foi exposto, é nosso objetivo principal neste trabalho focalizar o fenômeno do alçamento das vogais posteriores tônicas, observado na fala de pessoas nascidas e residentes na região rural de Borba, dedicando-nos à descrição de aspectos que nos permitam responder às seguintes perguntas:

1. Em quais dos quatro grupos compostos pelas comunidades que compõem o *corpus* é maior a observância do fenômeno?
2. Quais os contextos lingüísticos fonéticos que favorecem a ocorrência do fenômeno estudado?
3. Qual a importância dos fatores sociais, tais como, gênero, idade e localidade considerados na descrição do referido fenômeno?

As páginas seguintes se estruturam de forma a responder a essas perguntas. No capítulo primeiro, trataremos de explicar as bases teóricas e procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, No capítulo segundo, procederemos à primeira parte da análise dos dados, observando o fenômeno em relação à atuação de fatores de natureza lingüística. No capítulo terceiro, nos ocuparemos da segunda parte da análise, esta voltada para aferição da influência sobre o fenômeno em investigação de fatores sociolingüísticos. Por fim, no capítulo quarto, apresentaremos nossas considerações acerca da pesquisa realizada.

1 ENFOQUE TEÓRICO-METODOLÓGICO

A pesquisa que desenvolvemos, devido a sua própria natureza, está atrelada a postulados fonético-fonológicos. Entendemos, entretanto, que a descrição e a explicação do fenômeno em pauta não podem prescindir de postulados sociolingüísticos. Assim sendo, nas páginas iniciais deste capítulo, discorreremos sobre os postulados fonético-fonológicos e sociolingüísticos que deram suporte à realização desta Tese.

1.1 POSTULADOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS

De acordo com Cagliari, a Fonética e a Fonologia são áreas da Lingüística que estudam os sons das línguas:

A Fonética preocupa-se principalmente com a descrição dos fatos físicos que caracterizam lingüisticamente os sons da fala. Descreve os sons da fala, dizendo quais mecanismos e processos de produção de fala estão envolvidos em um determinado segmento da cadeia sonora da fala (CAGLIARI, 2002, p.17).

A Fonologia, segundo o autor, interpreta os resultados das análises fonéticas, em função dos sistemas de sons das línguas e dos modelos teóricos adotados. Assim sendo,

A Fonética é basicamente descritiva e a fonologia, interpretativa. A análise fonética baseia-se nos processos de percepção e de produção dos sons. A análise fonológica baseia-se no valor dos sons dentro de uma língua, isto é, na função lingüística que eles desempenham nos sistemas de sons das línguas (op. cit., p.18).

Entretanto, observa-se na literatura especializada em Fonética e Fonologia, particularmente naquela inserida na linha de estudos denominada Fonologia Experimental, tendência ao entendimento de que os domínios da Fonética e da Fonologia estão relacionados, embora apresentem objetivos independentes.

Segundo explicam Moraes; Wetzels,

a Fonologia Experimental foi desenvolvida originalmente por Ohala, que a define como uma disciplina experimental que visa validar experimentalmente hipóteses sobre a organização fonológica das línguas (cf. Ohala & Jaeger 1986). A Fonologia Experimental se situa assim na interseção das questões fonológicas tradicionais com os métodos experimentais, fornecendo evidências empíricas para o fonólogo e se baseando, por sua vez, nas propostas e implicações da teoria fonológica (1992, p. 155).

Recentemente, conforme informam os autores, tem-se também utilizado o rótulo de 'Fonologia de Laboratório' (*Laboratory Phonology*) para designar o estudo das relações entre os componentes fonológico e fonético cuja realização requer utilização de métodos híbridos, oriundos das duas disciplinas.

Em outras palavras, a Fonologia Experimental constitui uma linha de pesquisa que promove a integração da fonética e da fonologia. Assim, para perguntas e indagações de base fonológica (que priorizam o aspecto funcional), buscam-se respostas com arsenal próprio da Fonética Experimental (articulatória, acústica ou auditiva).

Neste trabalho, embora não nos dediquemos à análise de natureza experimental, nos enquadramos, em termos teóricos, à Fonologia Experimental, uma vez que assumimos desenvolver uma pesquisa de caráter híbrido, em relação à abordagem, questões e aspectos considerados. Não adotaremos, portanto, delimitações entre os campos da Fonética e da Fonologia.

1.1.1 A PRODUÇÃO DOS SONS

Na complexidade articulatória dos sons, são utilizados órgãos com funções biologicamente primárias que se adaptaram a novas funções até formarem os sons da fala. Esses órgãos reunidos formam o aparelho fonador.

Esse aparelho é composto por uma complexa rede de articuladores considerados ativos ou móveis que se movimentam em direção ao articulador passivo, resultando na produção dos diferentes sons presentes nas línguas humanas. O maior representante da articulação ativa é a língua. Entretanto, podemos contar com a ação de outros órgãos necessários na produção dos sons, tais como: o lábio inferior, o véu palatino e as cordas vocais.

Entre os articuladores passivos, isto é, aqueles que não se movimentam durante o processo da produção sonora, estão: a arcada superior, os alvéolos e o véu palatino. Os articuladores se juntam para formarem os traços articulatórios, tais como: sonoridade, nasalidade, grau de abertura, altura, etc.

A figura abaixo representa a rede complexa, representada pelos articuladores ativos e passivos, os quais os falantes acionam no momento da produção dos sons.

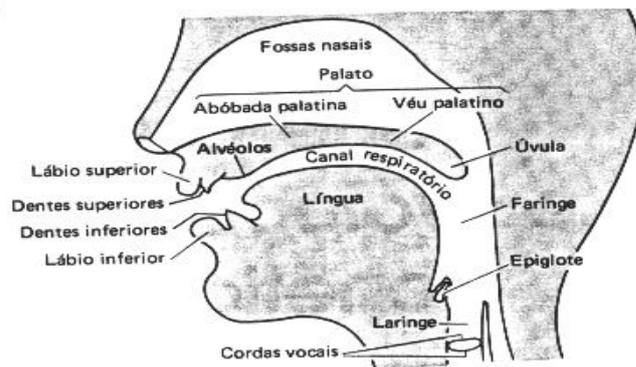


Figura 1: Aparelho Fonador

Fonte: (<http://www2.arts.gla.ac.uk/IPA/index.htm>). Acesso em: 24 mai. 2007.

Os órgãos envolvidos na fonação são em número reduzido, por essa razão, eles se superpõem durante o processo, sem, entretanto, distorcer os segmentos no sinal acústico.

A construção dos elementos sonoros que constituem a nossa fala é uma atividade que se dá concomitante à respiração: ambas as atividades se concretizam de forma sincronizada.

Na produção dos sons, quando o ar chega à caixa de ressonância, começa um movimento cadenciado de contração e, conseqüente, relaxamento dos articuladores ativos, os quais se coordenam sutil e continuamente, deslocando toda sua massa até atingir as posições necessárias para constituir uma seqüência inteligível. Embora essa não seja uma tarefa bastante complexa, o indivíduo sabe como coordenar o ritmo cadenciado dos órgãos envolvidos no processo fonatório.

A língua, por ser constituída de músculos que se adaptam a cada sistema fonético particular de um idioma, exerce um papel preponderante nesse processamento. Sendo ela um corpo maciço, assenta-se em uma base fixa, constituída por seis músculos responsáveis por seus movimentos sincronizados. É o órgão que mais se movimenta dentro da produção fonatória, adquirindo várias posições complexas e simultâneas necessárias para a realização distinta dos sons. A posição que ela pode assumir dentro do trato bucal lembra um trapézio com a base menor voltada para baixo. A figura a seguir demonstra esse comportamento no interior da boca quando as vogais são realizadas.



Figura 2: Trapézio vocálico

Fonte: (<http://www2.arts.gla.ac.uk/IPA/index.htm>). Acesso em: 24 mai. 2007.

No que se refere à produção dos sons, interessa-nos a produção das vogais e, mais especificamente, a produção das vogais posteriores. Assim sendo, discorreremos brevemente sobre alguns aspectos da produção dos sons vocálicos, dedicando mais atenção àqueles ligados à produção das vogais posteriores.

As vogais anteriores são o resultado do movimento articulatorio que o corpo da língua assume quando se posiciona para frente da cavidade bucal. As vogais centrais representam a posição intermediária do corpo da língua, isto é, sua posição de repouso dentro da cavidade e, por último, as vogais posteriores representam o resultado do recuo que a língua assume no momento da articulação destas vogais.

As vogais, na verdade, são tons laríngeos, pois, o ar ejetado dos pulmões passa pela laringe - uma espécie de anel cartilaginoso situado na parte superior da traquéia, onde se encontram as cordas vocais - e percorre o aparelho fonador livre e continuamente, sem enfrentar qualquer obstáculo.

Durante a articulação dos sons vocálicos, o ar egresso dos pulmões ocasiona maior vibração das cordas vocais, provocando um estreitamento da cavidade oral, em virtude da aproximação do corpo da língua e do palato sem que ocorra fricção do ar, o que torna esses sons vozeados ou sonoros.

Como já anunciamos, dedicaremos mais atenção às vogais posteriores, de cuja classificação, considerando a zona de articulação, o grau de altura e a forma dos lábios, falaremos a seguir.

a) Zona de articulação:

Na zona de articulação, ocorre a configuração das vogais em posteriores quando a parte posterior da língua (articulador ativo ou móvel) se desloca para a parte traseira da boca, fazendo um recuo em direção ao véu palatino. Esta é uma atitude posicional que a língua assume no eixo horizontal, tornando as vogais recuadas ou velarizadas.

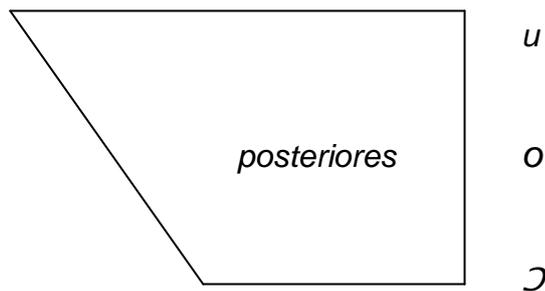


Figura 3: Movimento horizontal da língua

b) Grau de abertura:

De acordo com o movimento vertical, ou melhor, de acordo com os movimentos ascendentes e descendentes que a língua realiza dentro da boca, as vogais, segundo a proposta de classificação estabelecida por Ladefoged (1982, *apud* SILVA, 2003, p. 66), podem ser: alta, média-alta, média-baixa e baixa. As vogais posteriores assumem as seguintes posições: alta [u], média-alta [o] e média-baixa [ɔ]. Estas posições, segundo alguns autores, correspondem também à fechada, meio-fechada e meio-aberta respectivamente, isto é, correspondem à elevação máxima e intermediária da língua.

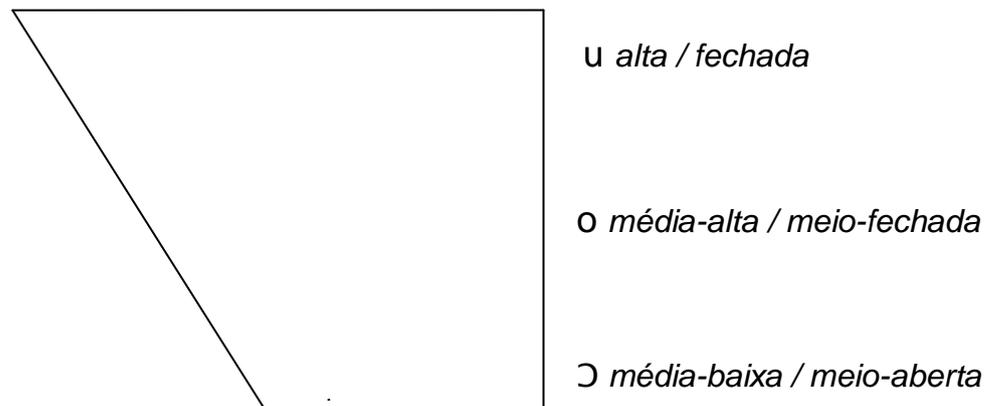
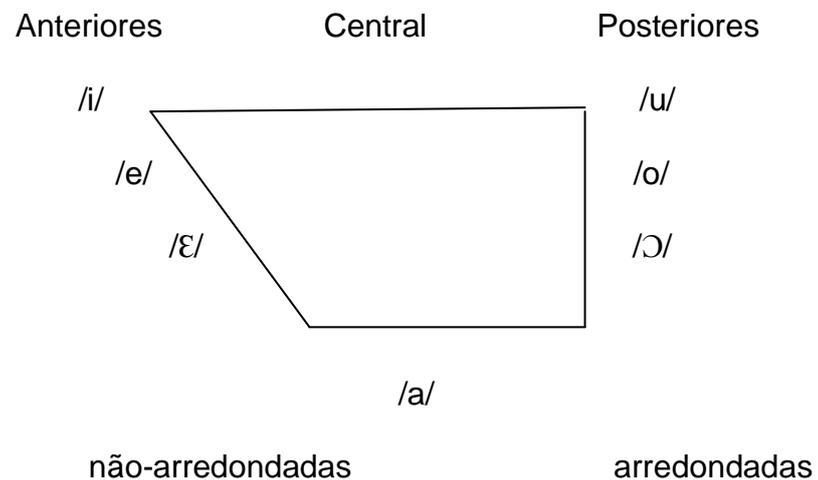


Figura 4: Movimentação vertical da língua

c) Forma dos lábios:

A forma que os lábios assumem no ato da produção das vogais posteriores, também conhecido como labialização, serve como parâmetro de classificação. Os lábios podem tomar a forma estendida (distensa) ou a forma arredondada. As vogais posteriores, quando pronunciadas, dão aos lábios a forma arredondada, pois, no momento de suas produções, os lábios se contraem, criando uma passagem arredondada para o fluxo de ar. O quadro seguinte demonstra a classificação das vogais, em relação à forma dos lábios.

Quadro 1: arredondamento dos lábios



1.1.2 A CONFIGURAÇÃO DOS SONS

Os órgãos, que se localizam na cavidade supraglotal ou caixa de ressonância, funcionam como filtros do ar egresso dos pulmões. Conseqüentemente, é nesse momento da articulação que as lufadas de ar assumem características diversas, ora atenuadas ora intensificadas, até atingirem sua própria identidade fonética.

As cavidades de ressonância têm um papel fundamental na configuração do som, pois nelas é que ocorrem as modificações do som fundamental produzido na laringe. Uma corrente de ar modulada forma-se e encontra um obstáculo na saída da traquéia, empurrando-o até forçar a passagem e escapar pela laringe, passando, em seguida, pelas cordas vocais e, dependendo da posição do véu palatino, ganha, de imediato, traços de oralidade ou de nasalidade.

A amplitude da voz se altera quando ela é transmitida através dessas cavidades. Isso ocorre por conta da ressonância. Esta, em si, é um fenômeno muito simples, embora suas conseqüências possam ser complexas. Há ressonância quando um corpo vibra numa freqüência tal que corresponde a um modo natural de vibração de um corpo próximo, o qual, nesse caso, se põe a vibrar em uníssono. Nas vogais, por exemplo, a ressonância se dá pelo trato vocal inteiro.

Os pontos da articulação no trato bucal e nasal são responsáveis pela configuração dos fonemas da língua. Estes, devido ao seu papel distintivo dentro do próprio sistema lingüístico, obedecem a uma exigência psicológica, segundo a qual se um fonema se realiza em determinado ponto, outro não poderá ocupar o mesmo espaço. Esses pontos, após serem acionados pelo cérebro, articulam-se em sincronia até atribuírem as propriedades físicas para cada um dos fonemas.

Quem propôs esta noção de distintividade foi o lingüista Roman Jakobson (1896-1982). Para ele, os fonemas se agrupam em classes, mas podem pertencer a mais de uma classe ao mesmo tempo.

Os traços distintivos são entidades discretas. Além dessa característica, os traços apresentam-se dicotomicamente, de forma que, cada dimensão divide-se em duas categorias polares, segundo Motta Maia (1991). Uma dicotomia é uma escala discreta mínima e polar, isto é, tem dois membros que se opõem. Jakobson, Fant e Halle (1951) hipotetizaram que todos os traços distintivos são dicotômicos, ou seja, consistem na ausência ou na presença de uma determinada propriedade.

A distinção entre o traço de sonoridade, por exemplo, fisicamente, manifesta-se como um contínuo acústico e articulatório denominado tempo de início de sonorização (*voice onset time*), que pode ocorrer quando as cordas vocais vibram antes, durante ou depois da articulação supralaríngea, o que significa que a voz pode ocupar porções maiores, menores ou nulas de um segmento, em incrementos ou decréscimos contínuos.

Os fonemas, como entidades abstratas, manifestam-se através de segmentos fonéticos, mas não necessariamente idênticos a eles. É o caso de /o/ e /u/, fonemas que, na comunidade em estudo, realizam-se foneticamente como [o], [ɔ], [u] e [o], [u], respectivamente, em sílaba tônica.

Esse tipo de fenômeno ocorre devido à perda de oposição necessária, sendo o entendimento da mensagem resgatado pelo contexto.

Vale lembrar que a interpretação propícia à ocasião, é possível graças à capacidade que temos de integrar e ordenar uma sucessão de impressões auditivas diferentes. Este fato lingüístico ocorre com freqüência na comunidade em investigação, em palavras como *murro*, *soco* que são realizadas ['mohu], ['suku] respectivamente.

Entretanto, conforme já dissemos, em geral não há problemas com o entendimento do enunciado, porque, conforme afirma Motta Maia (op. cit., p. 11) “dois sons foneticamente distintos podem ser considerados o mesmo numa língua se nela desempenham a mesma função comunicativa”. Isto porque a percepção, segundo Moutinho (1999, p. 42), “é uma atividade mental de reconhecimento e interpretação da realidade física dos sons”. Esse processamento ocorre a partir do instante em que captamos aquilo que a fonética acústica denomina de ondas sonoras.

O ouvido pode captar mal um som, entretanto, o fato pode não comprometer o entendimento da mensagem, já que somos capazes de reconstruir o som mal captado, contando apenas com o conhecimento da própria língua.

Os fatos físicos e os fatos psicológicos, embora não homólogos entre si, conforme explica Motta Maia (op. cit.), mantêm uma relação inteligível, porém, extremamente complexa, já que os fonemas, efetivando a tarefa de representar a função significativa, mantêm a fluência e a inteligibilidade no conjunto. A concretização (envolvendo fatos físicos e acústicos) e compreensão (que envolve fatos psicológicos) dos elementos sonoros da fala humana não seriam possíveis se esses processos não se mantivessem, no decorrer da produção/percepção, em perfeita sintonia.

Assim sendo, analisar e interpretar os dados desta pesquisa só foi possível a partir do amparo teórico estipulado pela Fonética e pela Fonologia. Entendermos a complexidade dos movimentos articulatorios para a produção das vogais posteriores, facilita o nível de compreensão acerca da realização do fenômeno do alçamento.

1.1.3 BREVE HISTÓRICO SOBRE O ALÇAMENTO

Entendemos por alçamento, o movimento vertical que a língua assume no trato vocal, representando, portanto, a elevação que uma vogal assume quando passa de um nível de articulação baixo para outro mais alto. Ocorre, por exemplo, a elevação do traço de altura das vogais médias [ɔ] > [o] > [u] até chegar ao seu fechamento máximo. Segundo Rosseti (1962, p. 132), “o som lingüístico pode, pois, variar até ao limite em que a variação produz a sua passagem a outro som”, essa mudança ocorre porque o som é uma matéria, e toda matéria é passível de mudança.

Achamos necessário fazer uma brevíssima revisão na literatura, a respeito de alguns aspectos históricos que estão diretamente ligados com o fenômeno investigado, a fim de compreendermos melhor o movimento de alçamento das vogais posteriores.

Percorreremos algumas veredas históricas da língua latina até os nossos dias, através das quais faremos um breve levantamento do caminho seguido pelas vogais posteriores. Para tanto, empreenderemos uma busca a descrições do sistema vocálico do português cujo objetivo é o entendimento que teremos acerca do processo articulatorio, o qual suscitou a configuração de nosso sistema vocálico atual.

É do conhecimento dos estudiosos no assunto, como Câmara Jr. (1976) e Silva Neto (1988), por exemplo, que dois fatos foram decisivos para a evolução do nosso sistema fonológico: a instituição do acento tônico e a perda das oposições de quantidade das vogais. A alteração do acento latino, inicialmente de altura, que foi se tornando intensivo, desencadeou reformulações na estrutura fonológica do português.

As vogais no latim clássico eram dez, e apresentavam cinco timbres vocálicos, havendo uma vogal breve (mais aberta) e outra longa (mais fechada) para cada timbre. Cumpre esclarecermos que o desaparecimento da quantidade, não implicou, necessariamente, em perda de timbre. As vogais longas são fechadas e as breves, abertas.

O acento que marcava essas características era denominado musical. Isso representava a quantidade de tempo que o falante levava para pronunciar cada uma das vogais, as quais ficavam condicionadas pela incidência de maior ou menor durabilidade de tempo cujo traço exerce uma função distintiva no sistema vocálico. Se exigisse uma duração mais estendida, a vogal seria longa, se o tempo de duração fosse discreto, ela seria tida como breve, segundo Paul Teyssier (2001).

Os acentos breve e longo, no período do latim, representaram certa “confusão” para o falante. Nas apreciações de Faria (1957, p. 67-70), o e e o o soavam diferentemente se longos ou breves. O o breve se aproximava da pronúncia de o aberto, e o o longo soava como um o fechado. Há evidências da atuação das regras de mudança de timbre nas inscrições da época; por exemplo, era comum a

alternância das vogais: dol[u]rem por dol[o]rem, segundo o referido autor.

No século XVI, Fernão d' Oliveyra (1534) já demonstrava sua dificuldade em estabelecer a distinção entre as vogais anteriores *e* e *i* e as posteriores *o* e *u*, em razão das características semelhantes entre elas. O *u* e *o* eram realizados muito próximos na pronúncia, causando com isso confusão no ato de sua descrição. Enquanto uns pronunciavam *somir*, outros realizavam o alçamento da vogal posterior que assumia a pronúncia *sumir*. É bem verdade que essas características correspondiam às vogais átonas, entretanto, não descartamos a possibilidade de os fatos terem ocorrido igualmente em contexto tônico.

No latim, por exemplo, certas propriedades fonêmicas de palavras, ao passarem para o português, assumiram outros traços: ou do alçamento ou do abaixamento das vogais posteriores, por exemplo, como em *bucca* (latim) > *boca* (port.), *puppa* > *popa*, quando o fonema /u/ sofre um abaixamento para /o/ daquela língua para esta outra.

Se observarmos atentamente, o fechamento limite das posteriores está presente nas línguas neolatinas, mas, principalmente, foi um fenômeno bastante recorrente no próprio latim.

No latim balcânico, essa transformação foi evidente. Manteve-se o *ũ* como *u*, exemplo, *fūrca* > rum. *furca*, alb. *furke*, *gŭtta* > rum. *guta*, alb. *gute*, alb. > *guta*, rum., embora o *ĩ* se tenha igualado ao *e* *siccu* > rum., na análise de Silva Neto (op. cit., p. 180).

Nas análises realizadas por Clarinda Maia (1986) em textos datados do século XIII ao XVI há evidências do abaixamento como o que acontece com os pronomes demonstrativos [i]sto (lat. ĭpsu) concorrendo com [e]sto, ou o alçamento com f[ɔ]cu > f[o]go, etc. Observamos, portanto, que nesta palavra, o processo de alçamento se dá de uma vogal média-baixa /ɔ/ para a sua contígua média-alta /o/. Na morfologia, por exemplo, t[o]do era t[u]do. Em determinados verbos apresentavam-se irregularidades, como o verbo *cumprir*, que era conjugado c[o]mpro ou c[u]mpro, segundo Faria Paiva (1988, p. 46-49).

Anthony Naro (1973, p. 13), baseado em estudos anteriores, faz considerações bastante significativas sobre o estudo do fenômeno na fala cigana quando se trata das vogais posteriores. O autor diz que “(...) as vogais médias da língua cigana eram algo mais fechado do que as línguas européias em geral”. O que, certamente, resultaria no uso dessas mesmas qualidades sonoras no dialeto misto de espanhol e português que os ciganos adquiriram.

Em certos documentos que datam do período do século XIV, respaldado em estudos de José Leite de Vasconcelos (1959) e outros autores renomados da época, encontramos ocorrências acidentais das letras i, u, onde o esperado era encontrar e, o:

Século XIV	Atualmente
<i>fur</i>	<i>for</i>
<i>cum</i>	<i>com</i>
<i>duze</i>	<i>doze</i>
<i>amur</i>	<i>amor</i>
<i>furum</i>	<i>foram</i>
<i>sumus</i>	<i>somos</i>
<i>-mus</i>	<i>-mos</i>
<i>-us</i>	<i>-os</i>

Anthony Naro (op. cit., p. 15), a respeito do fato, tece as seguintes considerações:

A ortografia em alguns, mas nem em todos, esses exemplos [sic] é influenciada pelo latim; casos óbvios são *cum*, *sumus*, *-mus*, *-us*. Mas há exemplos que não podem ser assim explicados. Estes sugerem ou que as vogais médias tornam-se vogais altas em todas as posições, incluindo a tônica, ou que os pares [o, u], [e, i] eram suficientemente semelhantes para causar confusão, especialmente onde a imagem da forma latina estava presente. A primeira possibilidade é excluída porque as vogais tônicas médias e altas são distintas em quase todos os dialetos.

Outro fato que não podemos descartar é a influência provençal (Sul da França) sob a fala de Portugal. Silveira Bueno (1967, p. 43-44) faz referências a esse contato que houve antes mesmo que o português fosse instituído já desvinculado do galego. O autor revela o contato influente dos monges na península:

[...] Era natural que a língua provençal começasse a influir na formação do futuro português, no então dialeto da Galiza, como também no futuro castelhano. Começaram aí os primeiros galicismos que se intensificarão nos anos subseqüentes com o desenvolvimento da poesia trovadoresca, de cunho eminentemente provençal: ar, er, alhur, melhur... a dur, de dur [...].

Vejamos ainda o que o autor nos revela acerca do galego-português cujos traços fonéticos poderiam estar arraigados no português transplantado para solo brasileiro por ocasião do início da colonização:

A língua, nesse período, até mesmo depois, no final do século XV, apresentava gama vocálica bastante simples em comparação com o tipo de expressão moderna, portuguesa. Aproximava-se do vocalismo brasileiro que nos veio, justamente, com os primeiros povoadores de 1500 que falavam o tipo de língua, hoje classificado como arcaico. Nesta suposição, não possuía a língua antiga aqueles matizes fonéticos do português europeu atual, que tanto dificultam o entendimento no trato oral. A expressão aproxima-se, por tais tonalidades vocálicas, do francês moderno, [...] (BUENO, op. cit., p. 57).

A influência da língua *d'oïl*¹ e da língua *d'oc*² durante o período do galego-português tem diversas razões para se efetivar, provocada pela presença da dinastia de Borgonha, pela implantação das Ordens de Cluny e de Cister, pela chegada a Portugal de numerosos franceses vindo do Norte e do Sul, pela influência da literatura provençal, etc., segundo Teyssier (op. cit.). No século XVIII, o francês retoma o lugar influente ocupado pelo espanhol entre meados do século XV ao XVII.

¹ Língua *d'oïl* era a denominação que a língua dos francigenae (franceses do norte da França) recebia em oposição à língua *d'oc* no período do século XIII ao XIV, conforme Basseto (2001, p. 211).

² Língua *d'oc*, *proensal* ou *proensales*, era a língua que se opunha à língua *d' oïl*. O termo *langue d'oc* se referia inicialmente à região onde se falava essa língua, a *Occitania*. Tudo indica que tenha sido Dante Alighiere o primeiro a usar essa denominação, *língua d' oco* (*De Vulgari Eloquentia*, I, cap. VIII e *Vita Nuova*, XXV), opondo-se à língua *d' oïl* (fr.) e às do *si* (it. e cast.) (idem, ibidem).

No quadro das vogais tônicas, segundo Mattoso Câmara Jr. (1984), o dado novo foi o aparecimento de dois graus de elevação da língua em posição intermediária entre a posição baixa /a/ e alta /i/, /u/. Criou-se uma oposição distintiva entre /ɛ/, /ɔ/ abertos, com pouca elevação da língua, e /e/, /o/ fechados, respectivamente, com maior elevação da língua.

O grau médio aberto foi o resultado de /e/, /o/ breves. O grau médio fechado foi a confluência das vogais médias longas e das altas breves. Logo, /i/ e /u/ longos, perdendo sua quantidade distintiva, continuariam como vogais altas.

Na opinião do referido autor, este pode ter sido o quadro vocálico que atravessou o continente com os primeiros colonizadores.

1.1.4 A REALIZAÇÃO DO ALÇAMENTO EM OUTRAS COMUNIDADES DE FALA

O fenômeno do alçamento, identificado nas vogais posteriores tônicas deste estudo, embora ainda seja pouco divulgado no meio científico, não é uma prerrogativa do falar da região de Borba. O fenômeno pode ser identificado em outras comunidades de fala no Brasil e fora dele.

Tomemos aqui a concepção de comunidade de fala (*speech community*) considerada por Labov (1972), em que os falantes devem seguir as mesmas regras relativas ao uso da língua, monitorados por fatores sociais envolvidos no uso e na avaliação das variáveis lingüísticas.

Anthony Naro (1973) apresenta diversos exemplos da realização do fenômeno em textos do português arcaico falado por volta do século XIV em Portugal. O próprio autor ainda faz referências ao modo de falar dos ciganos portugueses registrado pelo teatrólogo Gil Vicente no século XVI.

Em Gil Vicente, *Auto de ãas ciganas*, (1562, *apud* SALES, 1988, *e-book*, 2005, p. 45), encontramos referência à forte tendência pelo uso do *u* no lugar de *o* na fala cigana.

Os ciganos são, à época, relativamente recentes em Portugal. Introduziram-se no Reino vindo de Andaluzia desde a segunda metade do século XV e é, por isso, possível que existissem em particular no Alentejo. [...] A letra *o* é substituída por *u*, o que revela segundo Teyssier, o substrato da língua que os ciganos falariam antes de chegar Espanha. [...] Estas características que

Vicente coloca no falar dos ciganos devem ser exageradas, talvez porque é a primeira vez que as apresenta. A *Compilaçam* tem memória de como as palavras foram proferidas. [...] Em Ciganas, Vicente mostra brincando, uma linguagem que devia soar estranha aos ouvidos portugueses. Nesse sentido, Ciganas é uma graça fonética.

Aqui apresentamos alguns recortes da fala dos ciganos durante suas apresentações no referido Auto, citados no trabalho de (SALES, op. cit., p. 4-10):

“E diz **Martina**: [...] Mantega, fidalguz, *ceñurez* (senhores) *hermusuz* (formosos) [...]” (p. 4) / *nuztra* (nossa) ventura que fue *cuntra nuz* (contra nós) / *dadnuz esmula* (esmola) [...]” (p. 8) / que *muztra* (mostra) uma *mueztra* e vende outro *pañõ* [...] (p. 9); “**Cassandra**: [...] *Dadnuz limuzna pur l' amur* (amor) de *Diuz / cristianuz çumus*, (somos) / *Dadme* uma camisa, açúcar / colado *nieve* de cira, firmal *preciuzu* (precioso) [...]”, (p. 5) / *mustra* (mostra) la mano, *ceñura* (senhora) [...]” (p. 10); “**Martina**: [...] oh *precuiza* (preciosa) *rozica ceñura* (senhora) [...]” (p. 5); “**Giralda**: oh *ruza* (rosa) nascida ribeira del Nilo [...]” (p. 5); “*Lucrécia*: a *eztaz siñuras* de gran *hermozura* [...]” (p. 6).

Em trabalho recente acerca da fala dos Açores, especificamente a fala de São Miguel, Maria Clara Bernardo, (2003) descreve a fala daquela comunidade referindo-se também ao fenômeno do alçamento /o/ >/u/ na ilha. Vale ressaltar que o processo de colonização portuguesa na região de Borba, local da investigação, deu-se com a chegada dos imigrantes oriundos da referida Ilha, segundo Silva Neto (1976, p. 45).

O fato lingüístico observado na região em estudo também já fora mencionado no livro *Aspectos da fonologia portuguesa* escrito por Maria Helena Mateus (1982, p. 6), no qual a autora cita exemplos de alçamento da vogal posterior tônica /o/ > /u/. No arquipélago açoriano, segundo a autora, o dialeto micaelense apresenta as vogais palatais [ü], [ö] que correspondem, respectivamente, a /u/ e /o/

(como em *uva*, [ü]va; *pouco*, p[ö]co; *boi*, b[ö]i; *piolho*, pi[ö]lho) e a elevação do /o/ tônico para [u], como em: *doze*, d[u]ze; *amor*, am[u]r. Essa é uma observação também apontada em Furlan (1989, p. 71). Segundo o autor, “em São Miguel, também o /o/ tônico soa [u]”.

Alguns estudiosos já descreveram o fenômeno do alçamento em outras localidades brasileiras. Dentre eles, observamos o trabalho que Hydelvídia Cavalcante (1980) registrou com a ocorrência do fenômeno do alçamento na região de Itacoatiara e Silves, municípios do estado do Amazonas.

Em sua dissertação de mestrado, defendida em 2005 pela Universidade Federal do Pará, Rodrigues (2005) descreve a fala do povo de Cametá, no estado do Pará. Para o autor,

O fenômeno lingüístico do alteamento /o/ > [u], com especial ênfase em posição tônica, no português falado no município de Cametá, sempre chamou atenção tanto de turistas como também de nativos com escolarização e vivendo intensamente uma realidade urbana, principalmente em interações com habitantes oriundos da zona rural, com especial destaque para os das diversas ilhas que constituem o território cametaense, identificando também lingüisticamente os habitantes desse município que, não raro, são estigmatizados pelo seu uso, como na expressão 'já me vu' de 'já me vou' (2005, p. 54).

O fenômeno lingüístico do alçamento no estado do Amazonas, como podemos constatar, não é uma prerrogativa do município de Borba. Além das localidades citadas acima, já observamos o referido fenômeno em outros municípios do estado, como: Parintins situado às margens do rio Amazonas, e Maués, que se localiza às margens do rio Maués.

Conforme o breve percurso histórico traçado, podemos constatar que o fenômeno do alçamento que pode ocorrer em função da proximidade articulatória que os fonemas, como as vogais posteriores, assumem no ato da fonação, apresentando, portanto, coincidência e aproximação de traços distintivos como: arredondamento, altura e zona de articulação.

1.2 POSTULADOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

Neste estudo, interessam os postulados sociolingüísticos mais gerais, atrelados à importância dos componentes sociais que funcionam como reguladores de toda e qualquer atividade lingüística.

Assim sendo, a Sociolingüística nos fornece fundamentos, no sentido de termos optado por uma abordagem que privilegia o uso da língua no seu contexto social, isto é, “no seio da comunidade de fala”.

Muitos foram os estudiosos que defenderam este tipo de abordagem que se pauta na observância da relação entre linguagem e sociedade.

Cohen (1956, *apud* ALKIMIM, 2001, p. 26) comenta essa relação da seguinte maneira: “os fenômenos lingüísticos se realizam no contexto variável dos acontecimentos sociais”, e, embora não descarte a necessidade de separar aspectos internos e externos, afirma que a relação entre linguagem e sociedade se realiza a partir de fatores externos. Nesse caso, devemos pensar em língua e sociedade se imbricando para a constituição de um sistema heterogêneo.

Èmile Benveniste (1989), também observa que é dentro da língua e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. Conforme explica Alkmin (*op. cit.*, p. 26), para Benveniste, a língua é a manifestação concreta da faculdade humana da linguagem, ou seja, é através da língua que “o homem

constrói sua relação com a natureza e com os outros homens”. A referida autora ainda faz referência ao modo inquestionável com que as estruturas básicas, língua e sociedade, influenciam na condição de “ser humano” do falante, como resultado de sua “inter-relações” e “inter-ações” com o mundo.

Silva Neto, por sua vez, tece as seguintes considerações acerca da relação recíproca entre língua e estrutura social:

As línguas são resultados de complexa evolução histórica e se caracterizam, no tempo e no espaço, por um feixe de tendências que se vão diversamente efetuando aqui e além. O acúmulo e a integral realização delas dependem de condições sociológicas, pois, como é sabido, a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou a lentidão das mudanças (1988, pág. 13) (grifo nosso).

Mas foi com William Labov, lingüista norte-americano, que a Sociolinguística se inseriu no patamar das investigações. Em seu célebre trabalho sobre a comunidade de Martha’s Vineyard, no Estado de Massachusetts, EUA (LABOV, 1972), demonstrou o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da diversidade lingüística observada e lançou os fundamentos da Teoria da Variação. Neste domínio, a língua é descrita no âmbito de sua diversidade, haja vista a diversidade de seus falantes.

Dermeval da Hora (2004, p. 18) se reporta à Teoria da Variação da seguinte maneira:

A Teoria da Variação opõe-se à ausência do componente social e à concepção de língua que até então impera na lingüística estrutural e gerativa. Situa-se em relação ao conjunto *língua e sociedade*, considerando a variedade das formas em uso como objeto complexo, decorrentes dos fatores internos, próprios do sistema lingüístico, e dos fatores sociais que interagem no ato da comunicação. [...]

Para Weinreich, Labov e Herzog (1968, p.99), um modelo de língua que acomodasse os fatos de uso variável, com seus determinantes sociais e estilísticos, não somente conduziria a descrições mais adequadas da competência lingüística,

como também produziria uma mudança da língua que separasse os paradoxos com os quais os lingüistas históricos vinham-se debatendo há mais de meio século. Uma teoria da mudança deve, pois, conceber a língua – de um ponto de vista diacrônico e/ou sincrônico – como um objeto possuidor de heterogeneidade sistemática. É na heterogeneidade refletida através do desempenho que se deve buscar estrutura, sistema e funcionamento da língua, bem como tentar explicar o necessário funcionamento dos sistemas em momentos de mudanças. Para tal, faz-se necessário estudar a língua do indivíduo na comunidade em situação de fala real. [...]

Do ponto de vista de Mota (1994, p. 112),

Se considerarmos 'competência' no seu sentido laboviano, a questão complexifica-se visto que competência supõe i) domínio da direção da mudança, ii) domínio da aceitabilidade das variantes em função do sistema (se quiser, em função dos parâmetros específicos daquela língua), iii) domínio da utilização estilística e socialmente adequada das variantes de que dispõe. Este conceito de competência implica que o falante seja membro de uma comunidade, partilhe atitudes e juízos de valor com ela.

A competência lingüística definida por Labov (op. cit.) certamente, não se encaixa nos moldes da concepção inatista empregada por Chomsky (1965). Para Labov, um falante demonstra competência na sua própria língua, no momento em que rompe com as barreiras da homogeneidade e passa a adotar, além de tomar como referência, os fatos de uso variável estipulados pelas pressões sociais e lingüísticas.

Desta forma, o indivíduo passa a ser o grande intermediador da heterogeneidade lingüística, quando estabelece o *feedback*, ou seja, “toma da sociedade e aplica na língua, toma na língua e aplica na sociedade”, para favorecer o processo da variação e mudança do qual a língua precisa para se manter dinâmica, segundo Alkmin (2001). Entretanto, esse *feedback* ocorre de forma bastante complexa. A sociedade passa a fazer uma espécie de filtragem do que vai para a língua, e como vão ser distribuídas dentro do sistema essas “normalidades” e “anormalidades”.

1.2.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA DA LÍNGUA

Entendemos por variação, o processo pelo qual os fatos da língua assumem uma nova possibilidade de configuração sem que para isso perca a sua identidade original. Desta maneira, uma nova possibilidade de dizer pode funcionar como um marcador característico de uma determinada região, passando a ser visto como um elemento identificador de sua cultura.

Toda e qualquer mudança que se observa numa língua ocorre por dois motivos: pela pressão instituída pelos elementos estruturais lingüísticos (pressão interna) e/ou pela pressão social (pressão externa), que se consagram no tempo e no espaço. De certa forma, a mudança reflete os conceitos de vida de uma sociedade. A evolução temporal, essa mudança diacrônica ou histórica é um dos aspectos mais evidentes da variação inerente a qualquer língua, segundo Mateus (2005).

A variação e mudança, no âmbito linguístico, ocorrem por força dos elementos linguísticos considerados mais fortes cuja pressão, por conta da contiguidade no contexto fonológico, vão modificar os elementos considerados mais frágeis. É o processo endógeno, isto é, o processo que ocorre dentro da própria estrutura interna da língua.

Já a variação e mudança na língua, no âmbito extralinguístico, não só ocorrem em função do tempo e do espaço, mas também motivados por outros

fatores socioculturais, denominados diastráticos, não menos importantes na motivação do processo.

Conforme resume Alkmin (2001, p.34), as variações observadas nas línguas são relacionáveis a fatores diversos:

dentro de uma mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade, de sexo diferente falam distintamente. (...) De uma perspectiva geral, podemos descrever as variedades lingüísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática).

As variações ocorrem em vários níveis da língua, a saber: fonético, morfológico, lexical e semântico. As formas alternantes de expressão, também reconhecidas como variantes, concorrem com outras formas, que gozam de destaque no meio em que são realizadas, as chamadas formas padronizantes.

O comportamento lingüístico de cada falante, tido como um agente modificador que contribui para a renovação e/ou constante mudança na sua língua, é denunciado através de vários fatores. Alguns são determinados pela sociedade, tais como, escolaridade e estratos sociais, outros são determinados pela biologia, como o sexo, por exemplo, além do construto cultural determinado pelo gênero.

É importante destacar a importância dos fatores sociais, que funcionam como reguladores das mudanças lingüísticas. À medida que a posição social, idade, nível escolar do falante muda, certamente, as mudanças lingüísticas ocorrerão em sua fala, instigadas por pressões sociais, que funcionam como verdadeiros controladores desse comportamento.

Assim sendo, em qualquer comunidade de fala, verifica-se a coexistência de um conjunto de variedades lingüísticas. Contudo essa coexistência,

não se dá no vácuo, mas no contexto de relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade. Na realidade objetiva, há sempre uma ordenação valorativa das variedades lingüísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais. Isto é, em todas as comunidades existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores (ALKMIN, op. cit., p. 38).

Conforme enuncia Mollica,

Numa perspectiva científica, cabe assinalar que todas as manifestações lingüísticas são legítimas e previsíveis, ainda que exista flutuação estatística. Embora os julgamentos de valor não se apliquem, os padrões lingüísticos estão sujeitos à avaliação social positiva e negativa e, nessa medida, podem determinar o tipo de inserção do falante na escala social (2003, p. 13).

A legitimidade e previsibilidade fazem com que as variações se sistematizem e sejam aceitas pelos membros da comunidade em questão sem questioná-las, apenas serão inscritas dentro de uma escala de valores que determinará o *status* de suas realizações, determinando, evidentemente, o *status quo* de seus realizadores.

As variações podem ocorrer, por diversos fatores, em vários níveis da língua. As formas alternantes (variantes) de expressão concorrem com outras formas (padronizantes). Para que um fenômeno seja considerado variável, é preciso que as variantes obedeçam às exigências relacionadas à manutenção do significado e à possibilidade de ocorrência num mesmo contexto.

Considerar a língua um sistema heterogêneo significa entender que todas as maneiras de expressão do falante, desde que estejam monitoradas pela normatização do sistema, se instauram legitimamente no contexto social e lingüístico. Umhas formas de dizer, às vezes legitimadas pelo contexto, prevalecem sob outras. No entanto, de acordo com as colocações de Roncarati,

Na variação do espaço fônico, enquanto certas variantes são favorecidas ou inibidas em função de sua relevância funcional no discurso (em virtude, por exemplo, da taxa de saliência ou proeminência perceptual ou da taxa de informatividade comunicacional de certos segmentos sonoros), outras são preferidas ou preteridas em virtude de sua identificação com formas padrão e não-padrão, que refletem tendências conservadoras ou inovadoras (1992, pág. 39).

Considerando que a variação pode ser de ordem lingüística e social, cumpre pontuar que, em termos lingüísticos, segundo Schane, (1975, *apud* RONCARATI, op. cit., p. 39) as mudanças que ocorrem no espaço fônico podem ser explicadas “como alteração de fenômenos articulatórios ou de percepção”. Isso significa dizer que, em razão da proximidade de traços distintivos de alguns fonemas, o aparelho auditivo pode interpretá-los de outra maneira. Um exemplo é o fenômeno denominado rotacismo que envolve os fonemas /l/ e /r/, explicado a partir da proximidade das propriedades articulatórias dos dois fonemas.

Câmara Jr. (2008, p. 37), referindo-se aos elementos sonoros, compreende que “um mesmo fonema possa variar amplamente, na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante”. No escopo da sua realização, estabelecem-se fatores de natureza articulatória, ou perceptiva da produção sonora da língua, em que a propriedade sonora de um elemento pode influenciar na de outro elemento que lhe é contíguo.

No escopo social, destacam-se as variáveis subjacentes ao processo de mudança da língua, tais como, classe social, faixa etária, grau de escolaridade, etc. Neste estudo consideramos a influência dos fatores gêneros, faixa etária e grau de escolaridade, dos quais falaremos mais adiante.

Toda e qualquer regra que motiva o surgimento da variação lingüística é determinada por fatores estruturais, isto é, fatores da ordem lingüística, também conhecidos por elementos internos, aqueles configurados no próprio sistema lingüístico, e/ou por fatores da ordem social, os chamados fatores externos, instituídos na e pela sociedade. Desta forma, os fatores sociais e lingüísticos, envolvidos nesta descrição, certamente, não de dar guarida aos resultados estimados por nós no decorrer da análise dos dados, fornecendo-nos subsídios para a explicação do fenômeno em estudo.

Os postulados estabelecidos pela Sociolinguística dão suporte para entendermos os resultados obtidos na análise de nosso trabalho. Através deles, podemos concluir que o fenômeno lingüístico do alçamento existe não só pelo fato de o sistema, por si só, possibilitar a mudança, mas também porque os falantes, juntamente com suas peculiaridades sociais, contribuem para a realização de tal fenômeno.

1.2.2 FATORES REGULADORES DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

Além do fator diatópico, isto é, dos diferentes espaços físico-geográficos onde a língua se concretiza, ocasionando as variedades de falares regionais ou variação dialetal, as línguas também apresentam variantes decorrentes dos diferentes grupos sociais a que pertencem os seus falantes, são eles: o fator faixa etária, o fator gênero, o fator escolaridade, etc.

Esses fatores, conhecidos como reguladores, isto é, controladores da maneira de falar do indivíduo, permeiam pelos caminhos da variação e da mudança da língua e, como o próprio nome determina, fundamentam e explicam a heterogeneidade lingüística, demonstrando que o comportamento lingüístico de um falante está menos sujeito ao seu livre arbítrio, estando, por conseguinte, pela força de sua própria condição social.

1.2.2.1 FATORES DIATÓPICOS

No domínio diatópico, ou do ponto de vista horizontal, as alternâncias lingüísticas que se instituem, regionalmente, revelam nuances das comunidades geográficas como marcadores regionais que identificam cada uma delas. Em geral, a linguagem não só identifica o local de origem do indivíduo, mas também o local onde mora e trabalha.

A região ou localidade também é o depositário lingüístico fixo das diversidades lingüísticas, segundo Alkmin (op. cit.). O falante é imediatamente reconhecido, fora do seu contexto social, pela sua forma de se expressar, desde que, evidentemente, os traços identificatórios do local seja acessível. As características culturais do local de origem revela a pronúncia, o léxico, ou o “semanticismo social”, a que a autora se refere. A zona rural do rio Madeira, no Amazonas, é um dos referentes locatários do falante que utiliza o alçamento das vogais posteriores tônicas em sua fala.

Entretanto, Mollica (1992, p. 14) argumenta que “a variação é contínua e, em nenhuma hipótese, é possível demarcarem-se nitidamente localizações geográficas e sociais em que ela ocorre”. Não sabemos, portanto, determinar com precisão onde termina e/ou inicia a variabilidade da língua, certamente, porque não sabemos delimitar os contatos dos falantes.

Trata-se, então, de uma tarefa árdua, sem nenhum consenso entre os teóricos, determinar onde começam e onde terminam os limites geográficos ou sociais de uma comunidade de fala, salientando-se o posicionamento de alguns expoentes dos postulados sociolingüísticos no que concerne à definição de comunidade de fala.

Do ponto de vista de Fishman (1972), uma comunidade de fala se efetiva a partir do fato de que todos os membros que lhe constitui tenham, pelo menos em comum, uma variedade lingüística, e, conseqüentemente, sejam orientados pelas mesmas normas do emprego lingüístico.

Isso significa dizer que, se os elementos lingüísticos forem referendados pelos seus falantes através de normas ou regras que resguardem a todos o uso da língua, podemos pensar na composição de uma comunidade de fala. Assim sendo, o que pode defini-la como tal é o emprego da língua pelos seus componentes e não os limites físicos ou sociais.

A variação e/ou mudança da língua, se ficar condicionada ao fator geofísico, poderá se instaurar de duas maneiras. Se o local permitir que seus falantes mantenham constantes contatos com os centros ebulitivos, é possível que a língua sofra uma ação inovadora, caso contrário, se o espaço físico se apresentar adversamente a eles, configurado o isolacionismo geográfico, da mesma forma é possível que a língua esteja fadada ao conservadorismo.

Muitas das vezes, o isolamento físico de uma região coloca os seus falantes em uma condição de desvantagem com relação a outros que habitam os centros mais desenvolvidos. Essa atitude, frequentemente, gera o preconceito em relação a alguns aspectos da fala desses indivíduos.

1.2.2.2 FATORES DIASTRÁTICOS

A língua, da mesma sorte que apresenta diversificados aspectos em função da condição geográfica dos seus falantes, está condicionada a fatores de

natureza social cuja transformação se instaura com resultados mais evidentes no que concerne à variação e/ou à mudança.

No eixo diastrático, ou do ponto de vista da estratificação vertical de valores que, basicamente, se estabelecem na sociedade, destacam-se as variáveis mais discutidas subjacentes ao processo de mudança da língua, tais como: classe social, gênero, faixa-etária e grau de escolaridade.

Os resultados das manifestações lingüísticas são previsíveis, quando se consideram esses fatores como elementos que diversificam a língua de uma comunidade, ora se apresentando positivamente, ora negativamente na sociedade.

Entender a língua como um sistema heterogêneo, significa dizer que todas as maneiras de expressão do falante, desde que estejam monitoradas pela normatização do sistema, se instauram legitimamente no contexto social e lingüístico. Umhas formas de dizer, às vezes legitimadas pelo contexto, prevalecem sob outras.

1.2.2.2.1 Fator gênero

Os estudos realizados por Fischer (1958), que dizem respeito à influência deste fator sobre o fenômeno da variação, demonstraram que o gênero feminino

representa a escala estatística de maior destaque, quando a forma de maior prestígio assume um lugar privilegiado no contexto lingüístico.

Trudgill (1979), referindo-se à diferença entre a fala de homens e mulheres, disse que as mulheres tendem a ser mais conservadoras no que diz respeito aos fatos da língua, além de valorizarem as formas de prestígio. De certa forma, podemos atribuir a esse comportamento a forma diferenciada com que elas são tratadas na sua educação.

Segundo Monteiro (2000, p. 75), “as diferenças lingüísticas em função do gênero surgem porque a língua, como um fenômeno social, está estreitamente relacionada às atitudes sociais”.

As construções com expressões polidas, a preferência pelas formas mais conservadoras da língua, a tendência ao uso de formas que gozam de maior prestígio, o emprego de expressões eufemísticas, o uso do diminutivo, etc., são alguns dos aspectos lingüísticos que caracterizam a fala feminina.

1.2.2.2.2 Fator faixa etária

A faixa etária é outro fator preponderante na diversidade lingüística. Neste aspecto, a variação é medida através de dois tempos determinantes: o tempo

aparente e o tempo real. O tempo que o indivíduo leva para adquirir o amadurecimento lingüístico, certamente, obedecerá a uma temporalidade suficiente para denunciar a transição ou não do estágio que uma variante pode assumir para outro. Esse tempo, no qual podemos detectar esse processo, é reconhecido no âmbito dos estudos sociolingüísticos como tempo aparente. Já o tempo real, determina o referido processo no âmbito da coletividade, considerando-se a margem de tempo de uso que uma variante pode assumir com relação à outra forma até se efetivar ou não a mudança.

Abraçado (1991), citando Labov (1972), diz que a mudança lingüística se origina em um determinado grupo da comunidade de fala, sendo conduzida a outros membros desse grupo por gerações sucessivas. Acrescenta a autora que,

Segundo Labov, é assim que os jovens incorporam a mudança lingüística e passam a aplicar a regra superando o modelo dos pais. Então, a medição da aplicação da regra, através da faixa etária dos informantes, é mais um importante recurso a ser utilizado para a identificação do estágio em que se encontra uma determinada mudança lingüística (ABRAÇADO, *ibid.*, p. 25).

Há de se observar, também, que há elementos dentro da própria língua que oferecem um grau de dificuldade na sua articulação, entretanto, essas dificuldades só vão ser resolvidas à medida que a idade avança. A criança, por exemplo, regulariza todas as formas dos verbos que, por ventura, venham a sofrer alguma alteração em suas formas. É o caso dos verbos ditos irregulares pela tradição. Um exemplo forte é o verbo *saber*, em português, que, na primeira pessoa do presente do indicativo *sei* é usado pela criança seguindo o elemento mórfico *sabo*.

1.2.2.2.3 Fator escolaridade

O fator escolaridade que põe em questão as formas prestigiadas, preconizada no domínio da norma culta de responsabilidade da escola, e as não-prestigiadas, que se instauram no uso descompromissado dos falantes, será aqui considerado apenas qualitativamente. Em virtude das condições próprias da comunidade investigada, a distribuição dos informantes não é representativa, em termos de grau de escolaridade, conforme detalharemos mais adiante.

Embora não tenhamos estabelecido o fator escolaridade como elemento de mensuração do alçamento, achamos necessário abrir um espaço neste trabalho para tecer algumas considerações acerca da importância desse fator.

Os níveis de escolaridade mensuram e põem em questão as formas prestigiadas e preconizadas da língua. O domínio da norma culta, onde se instauram as formas de prestígio lingüístico, é de responsabilidade da escola, e as não-prestigiadas se instauram no uso descompromissado dos falantes que, muitas das vezes, estão fora do domínio escolar. Desta forma, esses falantes contribuem para a baixa valorização ou estigmatização das formas variantes que não gozam de prestígio no contexto escolar.

Com o advento dos estudos que priorizam a língua no seu contexto social, segundo Mateus (2005), pensou-se que “as variantes utilizadas por classes não escolarizadas eram lingüisticamente mais pobres e insuficientes para servir a

expressão e comunicação de conceitos abstratos e sentimentos elaborados”.

Entretanto, esses estudos provaram que não há “insuficiências decorrentes das características lingüísticas desses socioletos”. De acordo com a autora, a exemplo de outras formas prestigiadas de falar, nada impede que o falante não escolarizado firme seu discurso através de conceitos científicos ou filosóficos.

Para a autora, a questão “centra-se nas necessidades e nos interesses socioculturais, que exigem da língua usada determinada especialização”. Estamos, portanto, diante de um conceito sociocultural aplicado às línguas e não diante de uma perspectiva lingüística.

Desta forma, criam-se modelos diferentes de dizer na língua. De um lado, cria-se a existência de uma norma prestigiada pelos seus falantes, de outro, formas que ratificam as expectativas da escola, a chamada norma padrão, e, porque ela, escola, é o palco marcado pela dominância da elite na sociedade, e, por fim, a evidência da não escolarização, quando se utiliza um registro que se distancia da norma, firma-se a forma estigmatizada, elemento que enfrenta a discriminação social.

1.3 CENÁRIO DA PESQUISA

Nesta seção, abrimos um espaço para falar sobre o homem e a geografia do município de Borba. Além das contribuições advindas de pesquisa bibliográfica e documental, influíram nas considerações que fazemos a seguir, os relatos feitos pelos informantes, na ocasião da entrevista.

O município possui uma área territorial de 44.251 km². O índice populacional é de aproximadamente 31.098 habitantes, sendo que a maior parte se concentra na zona urbana, segundo os dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³, projeção de 2000.

O município de Borba faz limite com os municípios amazonenses de Maués, Novo Aripuanã, Manicoré, Beruri, Careiro, Autazes, Nova Olinda do Norte e Apuí. É constituído pela sede, Borba, e por demais comunidades, as quais são chamadas, pelos ribeirinhos locais, interior⁴ ou sítio.

³ Disponível no site: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 11 fev. 2009.

⁴ Interior, em relação à capital, são os municípios menores, e em relação a estes, são os sítios ou comunidades que se localizam às margens do rio.

A configuração social da zona rural de Borba corresponde ao seu isolamento característico, que se dá em razão da vastidão do território amazônico. A densidade demográfica do município ainda é bastante tímida. Segundo os dados do IBGE, há 1.29 habitantes por km². Pudemos comprovar isso, quando nos deslocamos de barco da capital, ao longo do rio Madeira, até Borba. Observamos que, conforme nos distanciávamos da capital, o espaço desabitado era cada vez maior entre uma residência e outra. A baixa densidade do beiradão⁵ é mencionada depoimento de um informante⁶,

F-Antigamente, vínham umas pílula aí, amargosa... que a gente tumava, mas muita gente andárum murrendo ... num tinha recurso. Cumo aí, pra cima, diz que, tinha muita gente que até urubu cumeu, porque num tinha recurso pra ... [pra]- saí assim, sabe! Fica assim uma distância, né? um longe do ôtro, né? porque pelo menos aqui ... quando me intendi, existia três casa, uma aqui, utra lá imbaxo, utra lá im cima ... aí ... vucê sabe que, às vez, ninguém sabe nem o que tá passando cum o utro, né? é ... [é]- assim que acuntece (Informante 11, p. 88).

O rio Madeira, conforme manuais que tratam do aspecto geográfico local, é o maior afluente da margem direita do rio Amazonas. Com suas águas barrentas e caudalosas provoca expectativas temerosas naqueles que o utilizam como hidrovia. Este rio é considerado uma importante via de navegação no estado, uma vez que serve para escoar parte dos produtos oriundos do Sul, Sudeste e Centro-Oeste do país.

Ao longo de suas margens, está localizada Borba que abriga o homem

⁵ Denominação, às vezes, de cunho pejorativo que se usa para indicar qualquer lugar localizado às margens do rio.

⁶ Trecho retirado de entrevista efetivada com o informante 11, idoso, sexo masculino, iletrado, lavrador. In: CAMPOS, M. Sandra. **Amstras do português falado na zona rural de Borba**. UFAM/UFF/FAPEAM, 2005, p. 88.

ribeirinho, também conhecido por caboclo.

Observamos, durante a coleta de nossos dados, que as comunidades antes habitadas por inúmeras famílias hoje apresentam uma nova realidade estatística. Vários fatores podem estar contribuindo para o despovoamento da zona rural: o reduzido índice de natalidade nas famílias; o constante fluxo migratório para a capital ou para a sede do município, tendo em vista a falta de uma política desenvolvimentista que possa manter o homem na região; e as ameaças do fenômeno da “terra caída⁷”.

A economia primária, atualmente, é baseada na produção agrícola e na exploração de matérias-primas florestais como a castanha, borracha, e os produtos agrícolas, como a mandioca e juta. Estas duas últimas sofreram uma expressiva redução na sua exploração. A melancia e a exploração da madeira ganham espaço de destaque na atividade econômica do município atualmente⁸.

O processo de definição da identidade sociocultural e lingüística da região em investigação começa a partir do momento em que a Coroa portuguesa inicia o processo migratório para a região. Basta recuarmos na história da colonização para constataremos a veracidade dos fatos.

⁷ Fenômeno natural que acontece no momento em que o rio está enchendo. A força das águas bate na terra frágil da várzea e com isso provoca desmoronamentos que assustam os ribeirinhos, pois arrasta tudo pela frente como, habitações, árvores, plantações, etc.

⁸ Com a chegada dos primeiros colonizadores portugueses, verificou-se a extração das “drogas do sertão” - produtos extraídos da floresta: salsaparrilha, pimenta-do-reino, canela, cravo, baunilha e resinas aromáticas e plantas medicinais. Inclusive o cacau que no início da exploração era nativo, portanto, considerado fruta braba - que vinham garantir “as ações da companhia monopolista de comércio” como afirma Sampaio (2001, p. 03).

Ainda é visível e compreensível a influência, em vários níveis, das línguas nativas sobre o português falado no local, afinal, a região foi palco de concentração de inúmeras dessas línguas. Acerca da multiplicidade linguística na região, o professor J. Ribamar Freire manifesta-se da seguinte maneira:

No momento em que Camões morria, no século XVI, não havia um único falante de português na Amazônia, mas em seu território eram faladas cerca de 700 línguas indígenas, todas elas ágrafas, depositárias de sofisticados conhecimentos no campo das chamadas etnociências, da técnica e das manifestações artísticas, que eram transmitidos através da tradição oral e de diversos tipos de narrativas (2004, pág. 16).

A influência indígena está presente na toponímia, na onomástica, no léxico, na fonética, entretanto, não podemos descartar a hipótese de alguns fenômenos, principalmente o do alçamento das posteriores tônicas, terem sido provocados pela influência portuguesa, em virtude do processo de colonização iniciado pela Coroa portuguesa no século XVII na região amazônica, conseqüentemente, atingindo o município de Borba.

O homem que vive no local é o resultado da miscigenação entre o nativo da região (mais conhecido como índio) e o português colonizador. Desta mistura surgiu uma figura reificada, conhecido como caboclo, em cuja cultura estão arraigados os traços do homem europeu, do índio, além de imigrantes nordestinos que vieram para a região do rio Madeira, para a coleta do látex, no Amazonas, no período auge da borracha no final do século XIX.

Nas considerações de Lima (1999),

O termo *caboclo* é amplamente utilizado na Amazônia brasileira como uma categoria de classificação social. É também usado na literatura acadêmica para fazer referência direta aos pequenos produtores rurais de ocupação histórica. No discurso coloquial, a definição de categoria social caboclo é complexa, ambígua e está associada a um estereótipo negativo. Na antropologia, a definição de caboclos como camponeses amazônicos é objetiva e distingue os habitantes tradicionais dos imigrantes recém-chegados de outras regiões do país. Ambas as acepções de *caboclo*, a coloquial e a acadêmica, constituem categorias de classificação social empregadas por pessoas que não se incluem na sua definição (1999, p. 5, grifo nosso).

Principalmente o homem ribeirinho carrega consigo o fardo do estigma ocasionado pelo termo *caboclo*. Se por um lado, o resultado da miscigenação deixa marcas visíveis no seu biotipo, por outro, acentua-lhe as marcas do preconceito na cultura, e, conseqüentemente, essas marcas vão se estender até a sua forma peculiar de se expressar.

A população ribeirinha, quase na sua maioria, não possui escolaridade. São poucos aqueles que puderam cursar as primeiras séries de ensino fundamental. O índice de analfabetismo e o fraco desenvolvimento econômico-cultural fazem com que a renda *per capita* seja uma das mais baixas do território nacional.

O fenômeno que investigamos sempre representou, principalmente para os ribeirinhos, o fardo do preconceito lingüístico. Os falantes mais urbanizados não lhes perdoam os inumeráveis “erros” na sua fala, e, por esta razão, atribuem-lhe o estigma do “como diz o caboco”.

1.3.1 ASPECTO FÍSICO E DENSIDADE DEMOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE BORBA

O município de Borba faz parte da geografia do estado do Amazonas. Este possui hoje 62 municípios, os quais se espalham pela vastidão da floresta e, principalmente, pelos rios caudalosos que servem de hidrovias para os que ali habitam. A região é de clima equatorial úmido, contando apenas com duas estações bem definidas que determinam o ciclo das águas: chuvosa, que o homem local chama de inverno, e seca ou menos chuvosa, chamada de verão.

Na estação chuvosa, os rios aumentam o fluxo de água, ocasionando o fenômeno da *cheia* ou *enchente*. Na estação menos chuvosa, há o fenômeno da *seca* ou *vazante*. Cada período apresenta seus perigos para a navegação: durante a cheia o rio caudaloso arrasta as árvores de suas margens, levando-as para o seu leito. Durante a seca, os perigos são representados pelas inúmeras praias de água doce que surgem em virtude do deslocamento dos bancos de areia que se fixam em quaisquer lugares do rio.

O rio Madeira⁹, que está entre os principais afluentes da margem direita do rio Amazonas, banha o município de Borba, uma das localidades mais antigas da região. O município situa-se na sua margem direita, na 5ª microrregião do referido rio. Dista da capital do Estado, Manaus, 150 km em linha reta e 275 km por via

⁹ O rio Madeira foi denominado pelos nativos como *Caiari*, quer dizer "água branca", Acuña, *Nuevo Descubrimiento* (apud LEITE, 1943, p. 391). Há também aqueles que apontam a hipótese de ser assim chamado em função da quantidade de madeira que descia pelo rio, o que fazia com que os portugueses o chamassem de rio das madeiras.

fluvial. Possui uma área territorial de 44.259 km². Seu clima é tropical chuvoso e úmido, com temperatura em torno de 37^o, máxima, de 24^o, mínima, e de 27^o, média.

1.3.2 O MUNICÍPIO E SEUS PRINCIPAIS ASPECTOS

1.3.2.1 Fundação

A aldeia foi fundada em 1728 com o nome de Aldeia Trocano¹⁰ pelo jesuíta João Sampaio - nascido em Abrunheira, Portugal, pertencente à diocese de Coimbra, que entrou para a Companhia de Jesus a 13 de maio de 1701. Até 1755, Borba, com o nome de Aldeia Trocano, controlada pelos jesuítas; a partir dessa data passou ao domínio dos carmelitas.

Segundo informações de Serafim Leite (1949), a localidade recebeu, durante o período de colonização, vários nomes na condição de aldeia, vila ou freguesia. Por várias vezes, a aldeia foi transferida de local, em razão das constantes perseguições ocasionadas pelos índios Mura.

Além dos Mura, vários povos indígenas habitavam a região: Araras, Arikemas, Barés, Torás, Urupás, Mundurucus, Muras...", segundo Ferrarini (1981, p.15).

¹⁰ O trocano é um instrumento de larga repercussão (ver anexo 1, p. 169). Servia para chamar os índios dispersos à distância. Com ele dava-se o aviso de guerra e/ou de festa (MELLO, 1967, p. 92).

A aldeia foi alojada, primeiramente, na confluência do rio Jamari¹¹, afluente do rio Madeira. Em seguida, foi transferida para outro local situado à margem direita do rio Madeira, conhecido por Ararêtâma¹² (*sic*). Devido à perseguição do povo Mura, mais tarde foi obrigada a localizar-se no lugar denominado Trocano, na foz do rio Baêtas.

Finalmente, em 1º de janeiro de 1756, por decisão de Marquês de Pombal, cujo objetivo era fixar de vez o aporuguesamento na região, inclusive promover a língua portuguesa como sua língua oficial, o capitão general Mendonça Furtado eleva a Aldeia Trocano à categoria de Vila de Borba, a Nova. O predicativo se dá pelo fato de existir, na região do Alentejo em Portugal, uma cidade chamada Borba.

A cidade ainda preserva algumas unidades do casario (ver anexo 2, p. 170) que imitou a arquitetura portuguesa, resultando numa verdadeira arquitetura caricata da europeização na Amazônia.

¹¹ Aldeia de Jamari, (*jamari*, palavra de origem *nhengatu*, quer dizer *fruta agreste*, do umarizeiro, marizeiro), uma das denominações de Borba antes da política lingüística determinada por Pombal. Umari ou mari é uma fruta comestível da Amazônia com polpa amarelada e com odor muito forte.

¹² Ararêtâma vem de “arara”, *ave trepadora*, e “tetâma” > “retâma”, *região da terra*, que significa *Terra das Araras*.

1.3.3 INFRAESTRUTURA DO MUNICÍPIO

Atualmente, a sede do município conta com nove estabelecimentos do ensino médio e do ensino fundamental. A população já pode contar com a ação das universidades da região, tais como: Universidade Federal do Amazonas, que oferece cursos diversos de formação docente em Letras, Pedagogia, Matemática, Ciências, História, destinados aos professores da rede pública; a Universidade do Estado do Amazonas que atua também na formação de professores pedagogos com o Curso Normal Superior, e outros.

Já a zona rural não conta com os mesmos recursos. Excetuando-se comunidades com maior densidade populacional, como Axinim e Canumã, nas demais, apenas uma pequena parte da população freqüenta a escola municipal, em que só é possível cursar até a quarta série do ensino fundamental. O ensino atinge apenas os jovens e crianças que, ao final do limite oferecido, ficam repetindo por vários anos a série final do programa, conforme relato de alguns informantes.

Com relação à infra-estrutura básica, a sede do município conta com a Companhia Energética do Amazonas (CEAM). O abastecimento de água na sede do município está sob a responsabilidade da Companhia de Saneamento do Amazonas.

O setor de comunicação fica a cargo da TELEMAR e da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), e ainda conta com uma antena de

captação de sinal de televisão, via satélite, e duas estações de televisão: Rede Globo e Sistema Brasileiro de Televisão – SBT. Em algumas concentrações, a população ribeirinha já pode contar com transmissão de programas televisivos através de antenas parabólicas.

Quanto à infraestrutura social, um Posto de Saúde é mantido na sede do Município em parceria com a Fundação Nacional de Saúde (FNS) e o Governo do Estado. A população da zona rural conta, apenas, com um parco atendimento de Agentes de Saúde que, esporadicamente, atendem aos moradores cadastrados.

No que se refere à locomoção e integração com as demais regiões, o município de Borba conta com serviço aéreo de aeronaves de pequeno porte. A população, de um modo geral, serve-se do rio para se locomover até as regiões mais distantes, através de barcos de linha ou motores de recreio como são conhecidos na região (ver anexo 3, p. 171).

Já na zona rural, o modo mais prático que o ribeirinho utiliza para se locomover é através de canoas, de rabetas¹³ e de cascos¹⁴. Estes, no entanto, servem, especificamente, para a atividade da pesca por serem mais leves. As rabetas representam a maneira mais rápida e mais cômoda que o ribeirinho encontrou para vencer a distância que os separam da sede do município.

¹³ Tipo de transporte fluvial, semelhante a uma canoa com um motor na popa.

¹⁴ Pequena canoa, feita de tronco de árvore, geralmente, é mais utilizado na pesca.

1.3.4 ALIMENTAÇÃO DO RIBEIRINHO

Os ribeirinhos alimentam-se de pesca, caça e de produtos agrícolas, por exemplo, a mandioca, o feijão-da-praia, etc. Quando não podem contar com outra forma de conservação dos alimentos, salgam os peixes e as caças que foram conseguidos em excesso. O processo de salga é uma prática de conservação dos alimentos muito antiga na região, utilizada, principalmente, na conservação do pirarucu, peixe nobre, que passa por esse processo, para ser vendido na capital pelos regatões¹⁵.

A mandioca ainda é o alimento basilar para o homem ribeirinho. Quer seja pelo sistema de mutirão quer pelo trabalho em família, os moradores do beiradão preparam e cultivam seus roçados de onde retiram a farinha d'água, a farinha de tapioca, o beiju, a tapioca ou goma, o tucupi, enfim, todos os produtos que a mandioca pode lhe oferecer para o seu sustento.

O feijão-da-praia, como é conhecido na região, é bastante apreciado. Plantado nas praias que surgem nos períodos das secas, num período de seis meses, é o tempo que se observa o plantio e a colheita do produto.

¹⁵ Comerciante bastante atuante na região. A prática do regatão teve o seu período auge no ciclo da borracha, pois, com seus batelões (espécie de barco) os comerciantes recolham os produtos (pélas de borracha), castanha, cacau, etc., de porto em porto (lugarejos) e vendiam na capital do Estado.

1.3.5 CATEQUIZAÇÃO E RELIGIOSIDADE

No que concerne ao início da catequização, o processo da obra missionária no Amazonas teria sido iniciada antes de 1657. Portanto, somente a partir dessa data é que podemos ter notícias registradas acerca da chegada dos primeiros missionários no local.

Os jesuítas foram destinados a combater os ideais da Reforma e estabelecer um trabalho de catequização, a fim de trazer novos adeptos para a Igreja Católica. Tinham uma atuação evangelizadora, mas também evitavam que os ideais protestantes proliferassem pela colônia.

Como responsáveis pelos índios, promoviam a conversão, a alfabetização das crianças, o treinamento dos adultos para o trabalho e a organização de grupos para a defesa dos aldeamentos.

Em função das constantes discórdias entre os missionários e os novos colonos que chegavam à região para povoarem e explorarem as riquezas da floresta, os índios passavam por privações e maus tratos, ainda assim, preferiam a proteção dos jesuítas. Esse fato, segundo Pontes Filho (2000, p. 63), contribuiu para a desestruturação do sistema de vida que os índios levavam. Estes eram desagregados de suas terras através de rotineiras capturas, episódio que ficou conhecido por “descimento”. A destribalização foi um dos fatores que provocou a extinção de inúmeras culturas.

De certa forma, a ação de ambos os colonizadores atingiu o modo de viver daquele povo. Os jesuítas, a partir do processo de perda dos padrões indígenas, começaram a incutir traços e hábitos típicos do padrão europeu, é o processo de aculturação que se firmava em solo brasileiro.

O primeiro passo, já que essa era a finalidade dos jesuítas na região, foi apresentar um modelo de fé que só teria efeito eficaz se o gentio venerasse um único Deus. Logo o povo assume a sua convicção na sua ligação com o Sagrado através de Santo Antônio.

A prova cabal desse fato é o evento religioso mais expressivo do município: a festa do padroeiro da cidade, Santo Antônio de Borba¹⁶. A festa tem início no dia 1º de junho e se estende até o dia 13 do mesmo mês. O evento é realizado ininterruptamente há mais de dois séculos.

No estado do Amazonas, o evento é a mais expressiva representação de fé do povo interiorano. Os peregrinos vêm de diversas partes do país, e até de algumas partes do mundo para homenagear o santo milagreiro.

Há também, principalmente na zona rural, a dança do gambá. O gambá é um ritmo centenário na região. A dança ocorre por volta do mês de dezembro, e obedece a determinados rituais, como a visita a residências, as quais atribuem o

¹⁶ Além da devoção ao Santo, a toponímia borbense, principalmente nas localidades às margens do rio, representa o resquício da colonização efetivada pelos missionários e colonos portugueses, pois, em grande parte das comunidades visitadas, verificamos a existência de topônimos relacionados a algum santo da religião católica (por exemplo, São João, Santa Luzia, etc.). Poucas são as comunidades que mantiveram a denominação indígena (como, Axinim, Canumã, Auará, Caiçara, Tracanã).

donativo. A festa é um misto de religiosidade e profanação¹⁷, que homenageia São Benedito ou o Divino Espírito Santo.

Hoje já se pode constatar a presença de outras religiões na região. A Igreja Católica (anexo 4, pág. 172), no entanto, até quarenta anos atrás atuava praticamente sozinha no local. O que pudemos constatar, durante os depoimentos dos informantes, foi a desestabilização de alguns mitos e crendices na cultura dos ribeirinhos.

1.3.6 COSMOVISÃO DO HOMEM RIBEIRINHO

O homem ribeirinho tem um modo de viver bastante peculiar. Entendê-lo significa mergulhar em sua cultura que ora se apresenta com traços herdados do colonizador português, ora se revela fiel aos princípios indígenas.

Muitos traços culturais indígenas ainda são praticados pelos ribeirinhos, tais como a distribuição de alimento entre as famílias após a caça ou a pesca, que ainda é bastante praticada entre aqueles que moram em comunidades; a maneira de pescar, através do facho, da zagaia e da flecha; modo de dormir em rede; modo basilar de alimentação, através de peixe, de caça, de mandioca, etc.; o trabalho

¹⁷ Os festejos realizam-se em dois momentos: primeiramente, os acontecimentos religiosos ocorrem com rezas, oferendas e louvores aos Santos; após esses rituais religiosos, acontecem as danças, as quais são movidas a banquetes e bebidas.

praticado pelo sistema de mutirão, as curas medicinais realizadas através das ervas da floresta.

A seguir listaremos de forma sumária alguns costumes e credices próprios da região. Vale ressaltar que, para tanto, utilizaremos termos pertencentes ao vocabulário borbense. Assim sendo, neste tópico, além de revelarmos alguns traços das crenças e dos costumes do homem borbense, estaremos revelando também as variantes lexicais peculiares do local:

1. O homem borbense tem por costume dormir em redes que são protegidas por mosquiteiros, espécie de cortinados que servem para impedir a ação dos carapanãs¹⁸.
2. O trabalho na lavoura é realizado em regime de puxirum¹⁹. Sistema de trabalho coletivo muito praticado na região. Os agricultores preparam suas terras e plantam seus produtos com a ajuda de seus vizinhos, sem que para isso seja pago qualquer valor em dinheiro. O pagamento é realizado através da troca da força de trabalho.
3. O modo de diversão resume-se à realização de festas para comemorar o dia de um santo padroeiro.

¹⁸ Variação de mosquito ou muriçoca na região.

¹⁹ É uma variação de *mutirão* ou *ajuri*.

4. Alguns papéis sociais importantes são: o benzedor, que tira o quebranto transmitido à criança por alguém que chega a casa faminto; o rezador, que cura o vento-caído, o mau-olhado; a rasgadura (hérnia), que é costurada através de rezas e simulações de cosimento em tecido sobre o mal apresentado; o puxador, que *puxa a desmentidura*²⁰; e o curador, que quebra o encanto ou a assombração (geralmente provocada pelo boto²¹). Quando os pacientes são assistidos por essas figuras, na maioria das vezes, os remédios são retirados da terra.
5. O homem ribeirinho acredita na visagem, na mesura, no remorso, na cobra grande²² e no encantamento provocado pelo boto tucuxi.

²⁰ É o nome atribuído a um deslocamento de um osso no indivíduo.

²¹ No imaginário do caboclo, principalmente da moça solteira, são atribuídas ao boto inúmeras façanhas, tais como: engravidar as mulheres; encantar com sua flechada; levar para o fundo do rio, etc. Encantamento é o ato de sedução provocada por alguma entidade da floresta ou do rio. Para quebrar o *encante*, a pessoa incorpora, geralmente no curador, e estabelece o procedimento de desencantamento. Conforme podemos constatar pelo relato de um informante do *corpus*: “E2-dona Maria, como é essa história do boto flechar as pessoas? / F-é assombrá! / E2-ãnh! conte aí, como é que...? / F-é assombrá! / E2-como é que acontece? / F-o que acuntece, que tu í na bêra impatada (risos), e que achá um que tá, de vaga, né? pro lado dele, ele vai só... bobá cum ele! vai dançá! / E2-mas como é que ele flecha? / F-mana! ele assombra! pessoa fica doido, né?... fica assombrada! / E2-e, aí, tem remédio pra...? / F-tem! só tem que... quem sabe tira(r) ele, os... faze(r) banca, faze(r) isso pra tira(r). / E2-quem é que tira? / I-(inint) do pajé! / F-aqui só tem um, que eu gabo ele que <-té> é o cumpadre Antonio Ferro, mora lá im Borba! / E2-ele tira assombração? / F-unhun! ele tira na hora, mana! / E2-senhora já viu alguém aqui assombrado pelo boto? / F-já! uma cunhada minha... falava que só ela, aí, fui imbora, ela... até se arretirô daqui, ela foi imbora pra mora(r) lá im Borba... ãssim... runh! quase ela morre! / E1-como é que aconteceu com ela? / F-que aconteceu que ela correu... tava na bêra tumando banho, né? a filha desceu, impatada e se... fez já ela... desceru junto, tiveru lá, ela ainda tumô banho, e ela <-inda> ficô... aí, assombrô ela! aí, mana! runh! gente assombrado é um verdadeiro lascado! mas quase ela morre! / E1-a pessoa assombrada fica como? / F-<-ente> fica... <-ente> fica doido, né? fica doido mermo! / E1-mas o... o boto assim pra assombrar a pessoa, ele vira gente, como é que é? / F-mano! eu já vi dizeri, qu’eu não... diz que vira gente, né? a pessoa... eu tenho um... um cumpadre qu’é pirigoso! ele mora até lá im Borba, ele vinha até cumigo agora, mas eu foi fica(r)... eu foi... eu vim de lancha, e num deu pra mim traze(r) ele. / E1-mas ele é pirigoso por quê? / F-por casa qu’ele é bamba mesmo <pa> tira(r) os isprito que tive(r)... o assombrado que num... num tive(r)... é... tira mesmo!” (Informante 31, ver anexo 5. p. 214).

²² Relato do próprio informante do *corpus*: “[...] e a cobra grande ixiste também, porque uma viage... era até um italiano... era um cumerciante, ele num acreditava que ixistia <ta->... ixistia cobra grande, ele num acreditava que ixistia... era aí no capitari, no Madêra, no Capitari, abáxo do Urucurituba, bom! até qu’ile vinha passando num mutor, mutor dele andava bem à beça, quando ele deu fé, quando a bicha... boiô e butô im cima do mutor, aí, ele mandô o chofer puxá o que tinha de força no

6. As moças não comem determinadas frutas e carnes de animais quando estão menstruadas, (por exemplo, comer abacate, fruta ácida ou ovo pode causar doenças ginecológicas, ou seja, “doenças da mulher”).
7. Há peixes ou carnes consideradas reimosas, por trazerem complicações para a saúde, impedindo qualquer ação cicatrizante no tecido infectado.
8. Determinadas frutas não podem ser misturadas durante a alimentação, por exemplo, o leite com o açai; a manga com cupuaçu, etc.
9. Paciente com febre não come fruta ácida;
10. Pessoas com sarampo só podem comer o peixe “escolhido”, isto é, peixes que não sejam reimosos.
11. Homem com papeira (caxumba) não passa por debaixo de rede, caso contrário a papeira desce;
12. Quando morre algum parente, pessoas da família não comem frutas que caem das árvores ou apodrecem facilmente, pois acreditam que se isso acontecer, imediatamente, outro parente pode adoecer ou vir a falecer. A

mutor, né? e ele... tudo o tempo a bicha acompanhando o mutor, num ficava de jeito nenhum... aquele munstro bicho, mas num ficava, aí, ele se alembro que:... naquele tempo... tinha aquela festa de Borba, Santo Antonio de Borba, né? aí, diz que se o... aquele bicho... ele fizê cum que aquele bicho dêxá... a imbarcação e ficá que ele ia cunduzí pessuar de graça lá pra festa dele, né? aí, diz ele, que o bicho fui dêxando, aí, tirô assim (inint) assim, ficô lá no remanso novamente onde ela morava, no remanso! remanso é aquela... rebuliço de água, né? aquele negócio todo, né? tem aquele rebojo, aí, ele ficô pra lá! diz ele, mas viu! viu a bicha parmo im cima mesmo, quase bêra cum bêra cum o mutor assim, a cobra grande, aquele munstro do animal... é [...]” (Informante 48, ver anexo 5, p. 224).

banana maçã ou branca, como também é conhecida, é uma das frutas que são evitadas nesse período de luto.

13. O homem do vale também teme os presságios da natureza. Por exemplo, o acauã²³, quando canta próximo a casa está anunciando a morte de alguém da família; deixar o sapato emborcado também atrai maus presságios.

14. Criança que se agacha e olha para as pernas está chamando outro irmão.

15. Quando a mulher está grávida, costuma-se recorrer a simpatias para saber qual é o sexo da criança.

16. Mulher grávida não pode matar ou mutilar algum animal, caso contrário, o feto nascerá com alguma deficiência física.

Como podemos observar, essa é a cosmovisão do homem borbense, o qual construiu uma identidade cultural congregando elementos de duas visões distintas: a do colonizador português e a do nativo da região.

²³ Oriundo do tupi. Seu nome é atribuído à própria onomatopéia que emite, ave agourenta em função do som, que segundo os ribeirinhos, anuncia maus presságios.

1.4 TRABALHO DE CAMPO

A recolha dos dados para a composição do *corpus*, que durou cerca de vinte dias, deu-se em toda a extensão do município de Borba. Contamos com uma equipe constituída por dois pesquisadores e dois colaboradores.

O trajeto de Manaus até o Município de Borba deu-se através de barco de linha, estimando-se um tempo para chegar ao local em torno de 18 horas. Os barcos recebem este nome da população do estado, por se tratar de embarcações de grande porte que transportam cargas e passageiros da capital para o interior da região e vice-versa.

Já no município de Borba, para chegar a todas as localidades em que haveria coleta de dados, viajamos pelas águas barrentas do rio Madeira por cerca de 20 dias. Utilizamos um barco de médio porte para o estabelecimento de contatos com as localidades situadas nos igarapés ou nos lagos. Utilizamos ainda as rabetas ou canoas, pequenas embarcações apropriadas para enfrentarem os igarapés na época da vazante (época da seca na região).

As localidades, definidas como fonte de dados para a composição do *corpus*, localizam-se às margens do rio Madeira, com exceção de três. Destas, duas se localizam em lagos denominados Lago do Retiro e Lago do Acará; a terceira se situa às margens do rio Canumã, afluente do rio Madeira.

Nas localidades arroladas, foram entrevistados vinte e quatro informantes, distribuídos em quatro grupos. Para a formação do *corpus* foram definidas as localidades da zona rural que apresentam o maior contingente populacional, além da sede do município, que é mantido como um grupo de controle, cuja finalidade é a de estabelecer um contraste com as demais localidades do vale.

Para garantir a representatividade da amostra, selecionamos para cada grupo, subgrupos formados por seis informantes, estratificados em duas células para o fator gênero e em três para o fator faixa etária, ficando assim discriminados:

- a) gJ (grupo de jovens);
- b) gA (grupo de adultos);
- c) gI (grupo de idosos).

Como resultado final, constituímos quatro grupos, sendo que três deles representam a zona rural e um apenas representa a zona urbana, o grupo que convencionamos chamar de controle, classificado como grupo 0.

Quanto ao grau de escolaridade, os informantes da zona rural ou são iletrados ou possuem apenas o ensino fundamental. Salientamos que todos os informantes do Grupo de idosos (gI) da sede e do vale são iletrados. Todos os informantes dos Grupos de jovens e de adultos (gJ e gA), que representam as comunidades rurais, possuem escolarização até o nível fundamental. Apenas na zona urbana, no grupo 0, há Informantes com nível médio e superior de escolaridade. Em função da distribuição que acabamos de detalhar, o fator escolaridade, como já dissemos, será considerado apenas qualitativamente

1.4.1 OS GRUPOS

Os grupos foram constituídos por informantes de 15 localidades, as quais foram distribuídas em 04 grupos, sendo uma da zona urbana e três da zona rural.

Em primeiro lugar, estabelecemos como grupo 0 a sede do município - representante da Zona Urbana - cuja função é servir como grupo de controle: seus resultados serão comparados com os demais grupos representantes da zona rural, com o propósito de verificarmos, em relação ao fenômeno em investigação, a existência de limites fronteiros entre as duas zonas em questão, no que diz respeito tanto ao eixo diatópico quanto ao eixo diastrático, conforme detalharemos oportunamente.

Em segundo lugar, seguimos dois orientadores espaciais muito utilizados pela população local para efetivarmos a distribuição dos grupos: a parte de cima²⁴ e a parte de baixo²⁵ cujos pontos axiais de referência são a sede do município, localizada à margem direita do rio Madeira, e o percurso do referido rio.

²⁴ Tipo de orientação indicada pela subida do rio, ou contra a correnteza.

²⁵ Orientação determinada pela descida do rio, ou a favor da correnteza.

Salientamos que o maior número das localidades está localizado na parte de cima município. Entretanto, o maior contingente populacional concentra-se na parte de baixo.

Vejamos a constituição dos grupos. Vale ressaltar que todas as localidades foram situadas através de Sistema de Posicionamento Global (GPS)²⁶ cuja finalidade é proporcionar àqueles que, por ventura, se interessarem em investigar outros fatos da fala do homem borbense, possam chegar até as localidades com maior segurança:

1) O Grupo 0²⁷ é composto por informantes da sede do município, Borba.

É o único grupo que conta com a maioria dos informantes com nível de escolaridade mais elevado.

1) O Grupo 1²⁸ é formado por informantes de localidades situadas entre a cidade de Nova Olinda do Norte, cidade mais próxima da capital do estado, Manaus, e a sede do município, Borba. É o único grupo que está localizado na parte de baixo do rio. Este grupo está entre as áreas mais habitadas do município. Inserem-se nele as localidades de Axinim,

²⁶ Sistema de Posicionamento Global (GPS). Mede, via satélite, a Latitude e a Longitude de cada local.

²⁷GPS do G0: Borba: *S04o23'06.0" / W059o35'32.1"*

²⁸ GPS do G1: Axinim: *S04o14'49.2" / W059o30'54.6"*; Canumã: *S03o59'47.2" / W059o05'30.8"*; Caiçara: *S04o15'31.6" / W059o25'10.1"*; Trocanã: *S04o14'49.2" / W059o30'54.6"*.

Canumã²⁹, Caiçara e Trocanã. Axinim, por exemplo, é a localidade que concentra o maior contingente populacional entre todas as pesquisadas. A localidade do Canumã faz fronteira com a cidade de Nova Olinda do Norte, estabelecendo-se assim um contato social mais efetivo com o referido município do que com a sede. Trocanã e Caiçara são comunidades que se situam próximas da sede do município.

2) O Grupo 2³⁰ compõe-se por informantes da região situada entre Lago do Acará e Auará Grande, a saber: Vila Gomes, São João, Santa Helena e Auará Grande. Estas localidades posicionam-se, relativamente, próximo à sede, por essa razão, o contato político-administrativo é feito com esta.

3) O Grupo 3³¹ é constituído por informantes das localidades compreendidas entre a Comunidade do Alexandre e Espírito Santo, são elas: Comunidade do Alexandre, Lago do Retiro, Vila Isabel,

²⁹ Esta é a única localidade do lado de baixo do município que não é banhada pelo rio Madeira. Localiza-se às margens do rio de mesmo nome.

³⁰ GPS do G2: Lago do Acará: *S04o21'50.9" / W059o40'00.2"*; Vila Gomes: *S04o19'33.9" / W059o41'00.1"*; Lago do Piauí: *S04o19'01.6" / W059o44'13.2"*; Auarazinho: *S04o23'10.5"*; São João: *S04o25'54.9" / W059o49'02.4"*; São Sebastião do Jauari: *S04o24'50.3"*; Santa Helena: *S04o27'23.9" / W059o49'06.4"*; Paraná do Mandií: *S04o28'59.4" / W059o53'13.7"* e Auará Grande: *S04o30'11.5" / W059o50'40.8"*.

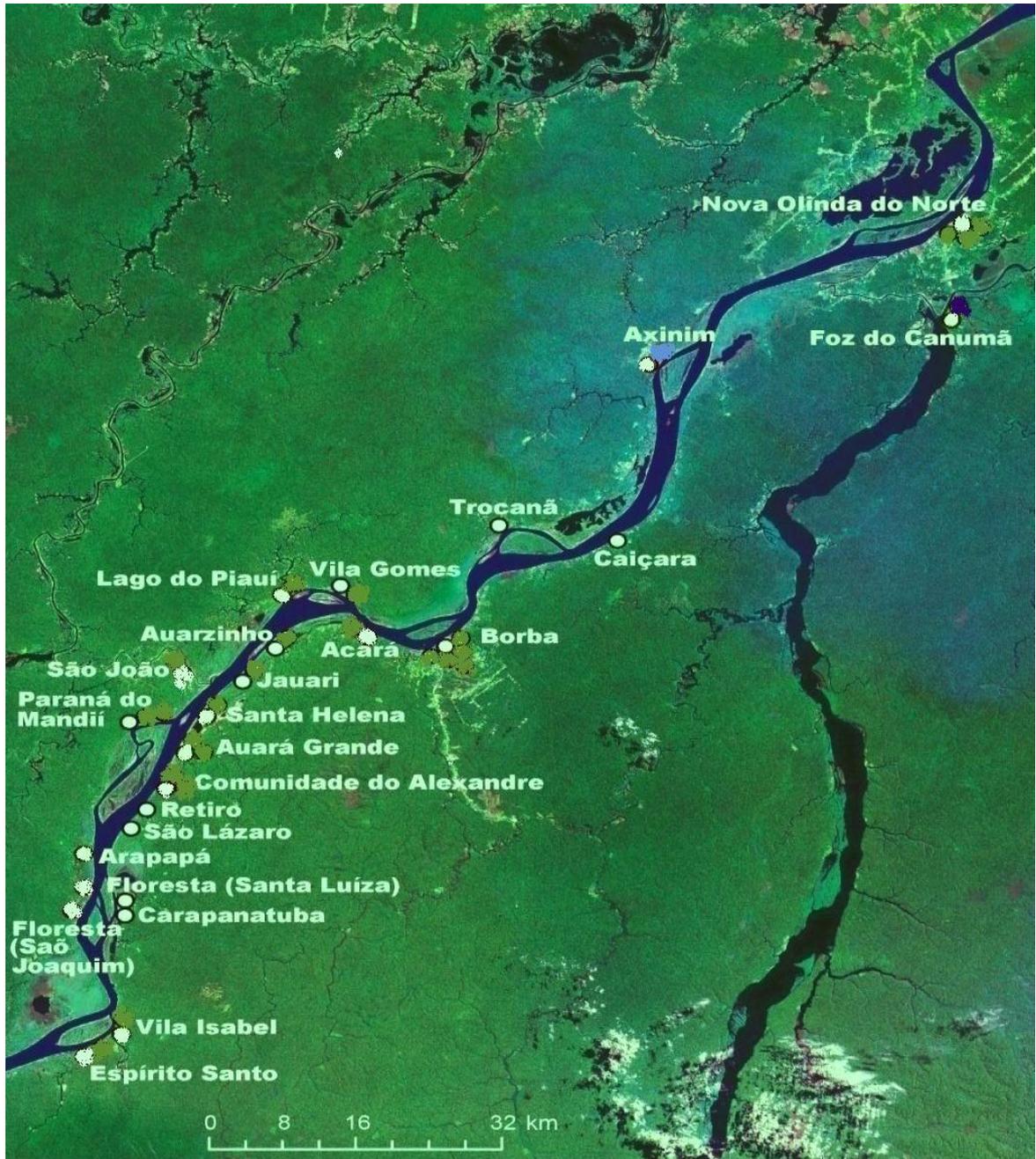
³¹ GPS do G3: Comunidade do Alexandre: *S04o32'51.2" / W059o51'52.3"*; São Lázaro: *S04o36'00.0" / W059o53'56.0"*; Lago do Retiro: *S04o35'35.4" / W059o52'34.9"*; Costa do Arapapá: *S04o38'14.5" / W059o55'51.9"*; Ponta Alegre: *S04o34'44.8" / W059o52'58.2"*; Floresta (São Joaquim): *S04o42'19.3" / W059o56'39.5"*; Floresta (Santa Luzia): *S04o40'39.5" / W079o55'56.7"*; Vila Isabel: *S04o50'26.8" / W059o54'37.5"*; Carapanatuba: *S04o41'52.0" / W059o54'26.8"* e Espírito Santo: *S04o51'48.4" / W059o55'57.1"*.

Carapanatuba e Espírito Santo. Estas são as localidades que ficam mais distantes da sede do município, estando mais próximas do município de Novo Aripuanã, que faz fronteira com Borba nesta parte de cima. Entretanto, a sede do município vizinho é ainda mais distante, o que faz com que as localidades deste grupo mantenham relações sociais e político-administrativas exclusivamente com Borba.

As comunidades que constituem o Grupo 1 já contam com alguns recursos implementados pelo governo federal, um deles é a instalação de energia, resultado da política Luz para Todos; no que diz respeito ao ensino, já conta com o ensino fundamental e médio e serviço de telefonia. Entretanto, as demais localidades que constituem os outros grupos, ainda não podem contar com esses benefícios. O ensino se resume às quatro primeiras séries do ensino fundamental, razão pela qual, muitos jovens estão migrando para a sede em busca de concluir os estudos. Este fato pode ser um dos fatores responsáveis pelo esvaziamento da zona rural de Borba.

Pelo mapa abaixo, podemos visualizar todas as comunidades que compõem os quatro grupos apresentados.

Mapa 2: localidades constitutivas dos grupos



Fonte: foto cedida por Robert Fischer, participante da Expedição no rio Madeira.

1.4.2 OS INFORMANTES

As condições consideradas para a seleção dos informantes foram estabelecidas dentro dos parâmetros exigidos para um estudo de cunho sociolingüístico, no entanto, devido a especificidades da região alvo de investigação, em relação a alguns fatores, não nos foi possível segui-las com todo o rigor necessário. A seguir listamos as condições que nortearam a escolha dos informantes, lembrando que o Grupo 0 foge ao padrão de seleção adotado, em função de tratar-se de um grupo de controle. As condições foram:

1. Terem nascido e serem moradores da região em estudo, sem nunca terem se afastado dela por longos períodos;
2. Terem idade igual ou superior a 14 anos (consideramos faixas etárias a partir dessa idade, por entendermos serem as entrevistas mais produtivas, em termos de volume de informação e qualidade dos dados);
3. Não terem ultrapassado o ensino fundamental (em função de, em muitas das localidades, não haver condições de se ir além das quatro primeiras séries escolares, estabelecemos o ensino fundamental como limite na seleção dos informantes).

Para garantir a representatividade da amostra foram selecionados seis informantes, estratificados em gênero, faixa etária e grau de escolaridade, conforme relatado acima.

Cada subgrupo compreende a seguinte faixa etária:

- a) gJ – com faixa de idade entre os 14 e 20 anos
- b) gA – com faixa de idade entre os 21 e 54 anos
- c) gI – com faixa de idade entre os acima de 55 anos

A seguir, apresentaremos informações acerca de cada informante cuja identificação foi estabelecida pelo seguinte código:

1. O numeral identifica a zona à qual o informante pertence: 0 (grupo da zona urbana), e 1 a 3 (grupos da zona rural).
2. A primeira letra determina o fator regulador faixa etária: J (grupo jovem), A (grupo adulto) e I (grupo idoso).
3. A segunda letra identifica o fator regulador gênero: M (masculino) e F (feminino).

Os quadros que se seguem reúnem as informações apresentadas:

Quadro 2: informantes do Grupo 0

Informantes	Idade	Natural	Profissão
0JF	15	Bba	estudante
0JM	17	Bba	estudante
0AF	32	Bba	professora
0AM	24	Mao	autônomo
0IF	66	CtQ	aposentada
0IM	83	LP	lavrador/soldado da borracha

Legenda da toponímia local:

Bba: Borba

Mao: Manaus

CtQ: Cá te Quero

LP: Lago do Piauí

Características dos informantes:

1. 0JF (MMD): solteira, 1^o ano do ensino médio, realizou algumas viagens rápidas para Manaus (°19m47s de gravação).
2. 0JM (LMD): solteiro, 2^o ano do ensino médio, realizou algumas viagens rápidas para a capital do estado (°15m42s de gravação).
3. 0AF (YCPSA): casada, ensino superior completo (°32m27s de gravação).

4. OAM (FPS): casado, ensino médio completo, nasceu em Manaus, entretanto, desde os seus primeiros anos de vida sempre morou em Borba (°27m55s de gravação).
5. OIF (MFC): solteira, iletrada, nasceu em uma comunidade próxima à cidade, mas já reside na sede há mais de cinquenta anos, °27m30s de gravação;
6. OIM (JPM), casado, iletrado, foi seringueiro (soldado da borracha) e juteiro, seus avós paternos eram bolivianos, nasceu em localidade próxima à sede, mora atualmente em Borba, freqüentemente vai à capital do estado visitar parentes (°31m26s de gravação).

Quadro 3: informantes do Grupo 1

Informantes	Idade	Natural	Profissão
1JF	15	NON	estudante
1JM	16	Ax	estudante
1AF	33	Cai	dona-de-casa
1AM	53	Troc	lavrador
1IF	96	Par	lavradora
1IM	68	FC	lavrador

Legenda da toponímia local:

NON: Nova Olinda do Norte

Cai: Caiçara

Par: Parintins

Ax: Axinim

Troc: Trocanã

FC: Foz do Canumã

Características dos informantes:

1. 1JF (CFS), solteira, 5^a série do ensino fundamental, só conhece a sede do município em estudo (°23m50s de gravação).
2. 1JM (ROC), solteiro, 8^a série do ensino fundamental, realizou viagens nas redondezas apenas, é filho de professor (°28m44s de gravação)
3. 1AF (ZPV), casada, ensino fundamental completo, já exerceu o magistério em sua comunidade por vários anos, já viajou várias vezes para Manaus, capital do estado (°20m45s de gravação).
4. 1AM (ASS), casado, 4^a série do ensino fundamental, trabalha na lavoura, mas sua atividade principal é a pesca artesanal (°40m de gravação).
5. 1IF (MPR), viúva, nasceu em Parintins, mas foi morar no local, onde reside há mais de noventa anos, em seus primeiros anos de vida; iletrada, é filha de índia com caboclo, lavradora aposentada (°55m11s de gravação).
6. 1IM (ONB), viúvo, iletrado, lavrador aposentado (°30m57s de gravação).

Quadro 4: informantes do Grupo 2

Informantes	Idade	Natural	Profissão
2JF	17	Bba	lavradora
2JM	17	SJ	lavrador
2AF	43	VG	lavradora
2AM	48	VG	lavrador
2IF	65	PrA	lavradora
2IM	58	AuG	lavrador

Legenda da toponímia local:**Bba: Borba****SJ: São João****VG: Vila Gomes****PrA: Paraná dos Arara****AuG: Auará Grande**

Características dos informantes:

1. 2JF (FBQ), solteira, 4^a série do ensino fundamental, nasceu e reside em Muratinga, já morou em Manaus por cerca de 1 ano (°30m25s de gravação).
2. 2JM (JRC), solteiro, 3^a série do ensino fundamental, trabalha na pecuária e na lavoura, vende seus produtos agrícolas na feira da cidade (°28m59s de gravação).
3. 2AF (MGRG), casada, 2^a série do ensino fundamental (°28m27s de gravação).

4. 2AM (VG), solteiro, 4^a série do ensino fundamental, fez viagem rápida a Manaus (°28m21s de gravação).
5. 2IF (MCP), casada, iletrada, filha de índia arara com caboclo, realizou viagens rápidas fora do município (°18m31s de gravação).
6. 2IM (MMR), casado, iletrado, repentista, compositor, seus avós eram paraibanos (°18m33s de gravação).

Quadro 5: informantes do Grupo 3

Informantes	Idade	Natural	Profissão
3JF	17	ES	estudante
3JM	15	CoA	lavrador
3AF	49	LR	dona-de-casa
3AM	31	Car	pescador
3IF	82	LaCe	lavradora
3IM	62	LaC	agricultor, marceneiro

Legenda da toponímia local e demais localidades:

ES: Espírito Santo

CoA: Comunidade do Alexandre

LR: Lago do Retiro

Car: Carapanatuba

LaCe: Lago do Cetemã

LaC: Lago do Caua

Características dos informantes:

1. 3JF (RBP), solteira, 8^a série do ensino fundamental, estuda em Borba (°33m53s de gravação).
2. 3JM (ICC), solteiro, 4^a série do ensino fundamental (°25m37s de gravação).
3. 3AF (ECF), casada, 1^a série do ensino fundamental, fabrica paneiros e tipitis³², aposentada (°17m52s de gravação).
4. 3AM (AHPS), solteiro, 2^a série do ensino fundamental, trabalha pouco na lavoura, suas habilidades são na caça e na pesca (°25m43s de gravação).
5. 3IF (DQF), viúva, iletrada, aposentada (°25m41s de gravação).
6. 3IM (TRG), casado, iletrado, sempre faz viagens para a capital, fabrica embarcações (°30m04s de gravação).

Na análise dos dados sob o viés do eixo diatópico, os dados de cada grupo serão computados separadamente, uma vez que o objetivo, neste caso, é observar geograficamente a configuração do fenômeno. Contudo, na análise em que o interesse recai na observação do fenômeno sob o prisma do eixo diastrático, em

³² O paneiro é um tipo de cesto muito utilizado pelo trabalhador para carregar os produtos da floresta. O tipiti é um utensílio utilizado para separar a massa da mandioca do tucupi (suco da mandioca).

que a atuação de fatores de natureza mais geral - como gênero e faixa etária - será investigada, os dados dos provenientes do G1, G2 e G3 serão computados e analisados conjuntamente. A decisão de tais dados serem tratados de forma global se deu em função do nosso entendimento de que os fatores diastráticos, que são inerentes aos indivíduos, requerem um número considerável de informantes, para evitar que particularidades de um ou de outro indivíduo interfiram nos resultados da análise.

1.4.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas gravadas *in loco*, (ver anexo 5A, p. 173 e 5B, p. 181), com duração média em torno de 30 minutos. As entrevistas foram realizadas, seguindo um padrão determinado, numa situação de fala oral maximamente descontraída, isto é, pedíamos aos informantes que relatassem fatos sobre o seu dia-a-dia, sempre focando os aspectos do passado e do presente das localidades.

Tal procedimento foi de vital importância na coleta de dados, uma vez que levou os informantes a mencionarem itens lexicais ligados ao costume da região, através dos quais observamos a ocorrência do fenômeno investigado (anexos 6, p. 191). As entrevistas seguiram o seguinte roteiro cujos temas estavam relacionados:

1. À atividade econômica, como extração de borracha, sorva, balata, que vai desde o corte da seringueira, a coleta do látex, até a produção;

2. Ao preparo da terra para o plantio da mandioca, preparo da farinha e seus derivados;
3. Ao cultivo da juta e seu enfardamento;
4. Ao plantio do feijão-de-praia, da melancia etc.;
5. À família e sua infra-estrutura; à prevenção e cura de doenças;
6. Às plantas medicinais e às mezinhas;
7. À alimentação, ao pescado, à caça;
8. À habitação, à construção de casas (incluindo mobília e utensílios domésticos), de canoas, batelões, etc.;
9. Ao transporte fluvial que vai desde o casco para pescar até ao barco de grande porte;
10. A fenômenos naturais do rio e da terra;
11. À vida social (incluindo festa, folclore, crendice, lenda e superstição).

A coleta de dados se deu em dois momentos. Primeiramente, permanecemos no município durante vinte dias. Depois deste período, retornamos ao local uma segunda vez na tentativa de recolher dados para o teste de

percepção. Os inquéritos foram gravados com uma filmadora SONY DCR-DVD653E. Os arquivos sonoros foram extraídos dos filmes produzidos, utilizando o programa *Xilisoft DVD Audio ripper* 2.0.58 build-1208.

Após as gravações, recolhemos dados pessoais dos informantes através de ficha (anexo 7, pág. 202), incluindo autorização para utilização dos dados em futuras publicações.

A segunda fase foi determinante para a recolha dos dados que atendem as exigências para as análises de cunho experimental. Os inquéritos foram gravados com um gravador SONY HI-MD WALKMAN MZ-RH1 e microfone SONY ECM-MS907. Os arquivos sonoros foram extraídos dos arquivos produzidos em WAV, mono, 1600 Hz.

Os registros foram editados no programa *CoolEdit*, onde foram segmentados e, em seguida, selecionados em Wavs. Para cada informante, estabelecemos duas planilhas no Excel, onde foram identificados os seguintes itens:

1. Registros de todas as palavras nas quais percebemos a ocorrência do fenômeno, cada uma identificada por um código, conforme sua realização;
2. Identificação de todos os contextos fonéticos, nos quais os fenômenos foram realizados.

Em cada planilha, foram criados códigos para identificar cada informante; o grupo ao qual pertence e número de registros do fenômeno.

1.4.4 TESTE DE PERCEPÇÃO

Como se sabe, o teste de percepção é um procedimento concreto de averiguação de determinados fenômenos. É a forma, neste caso de análise, que atende melhor às expectativas do pesquisador quanto à garantia dos resultados apreciados, uma vez que podemos contar com leituras diferenciadas sobre determinado fenômeno.

Adotamos tal procedimento para não correremos o risco de influenciarmos os resultados, uma vez que, pela condição de termos nascido e habitado no local do estudo por longa data, mantivemos contato com o fenômeno.

O teste de percepção foi realizado em duas etapas, com duas realidades lingüísticas diferentes: Manaus (Amazonas) e Niterói (Rio de Janeiro).

Contamos com a participação de estudantes do Curso de Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), os quais foram selecionados a partir das seguintes condições: (1) deveriam ser natos e residentes no local do teste e (2) deviriam estar matriculados nos dois primeiros períodos do curso (esta condição foi determinada, a fim de evitarmos a participação de alunos que já tivessem cursado disciplinas referentes a estudos fonético-fonológicos).

Para tanto, procedemos à gravação de palavras isoladas que nos permitiria a obtenção de um resultado mais pontual. Para atingirmos os objetivos a que nos propomos, selecionamos perguntas que tivessem como respostas as palavras que desejávamos. As palavras, em questão, foram escolhidas com base nos dados coletados nas entrevistas. Selecionamos aquelas palavras proferidas pelos informantes em que observamos a ocorrência do fenômeno em investigação.

A escolha da UFAM e da UFF se deu em função de pretendermos: (1) submeter o fenômeno à apreciação de pessoas que não o produzem, mas que sabem de sua existência e que, possivelmente, já tenham tido algum tipo de contato com ele; (2) submeter o fenômeno à apreciação de pessoas completamente alheias a eles; (3) utilizar recursos, como os existentes em laboratório de línguas, na aplicação dos testes; o fato de lecionarmos na UFAM, e de cursarmos o Doutorado na UFF, permitiu nosso acesso e a utilização dos recursos necessários.

Na aplicação do teste, adotamos os seguintes procedimentos: selecionamos do *corpus* recolhido em Borba 11 palavras que apresentavam o fenômeno do alçamento em diferentes contextos (ver anexo 8, pág. 203).

As palavras foram alocadas, alternadamente, em uma ficha que foi distribuída aos alunos, 16 em cada universidade, após a primeira apresentação do áudio.

O *corpus* selecionado para o teste está configurado na tabela abaixo:

Tabela 1: *corpus* para o teste de percepção

Cidade	Nº de Informantes	Alçamento
Manaus	16	11
Niterói	16	11
Total	32	22

Apresentamos, primeiramente, os registros sonoros. Os alunos ouviam numa sequência de três vezes, e, a partir de então, solicitamos a eles que assinalassem a alternativa que melhor representasse suas percepções. Em relação a cada segmento sonoro, foram apresentadas três alternativas grafadas, sendo uma delas referente à pronúncia considerada padrão, conforme ilustra o exemplo a seguir: a) *dÔis*; b) *dÚis*; c) *outros*_____. A última alternativa exibiu um espaço para que fosse registrada uma terceira pronúncia que porventura fosse percebida.

O registro em maiúsculas das vogais em estudo foi a forma que encontramos para destacar o fenômeno, sem que os alunos desviassem sua atenção para outro elemento sonoro da palavra.

2 O ALÇAMENTO NO CONTEXTO LINGUÍSTICO

2.1 ANÁLISE DOS DADOS

Antes de passarmos à análise propriamente dita, cabe esclarecer que, no cômputo geral e específico de cada grupo, estarão sendo medidas as ocorrências do alçamento das vogais posteriores tônicas, doravante (APT), considerando-se tanto a elevação da vogal média baixa [ɔ] para a média alta [o] quanto à elevação desta para a vogal alta [u].

Começamos contabilizando as ocorrências do alçamento das vogais posteriores tônicas, demonstrando tratar-se de um fenômeno bastante expressivo na fala dos borbenses.

Conforme informa a tabela abaixo, num universo de 1391 dados, todos retirados das entrevistas realizadas com os informantes dos três grupos representantes da zona rural, verificamos a representatividade do alçamento com 941 dos casos registrados com a variante regional, doravante (VR). Em número inferior, verificamos a variante padrão, doravante (VP), concorrendo com 450 dos casos.

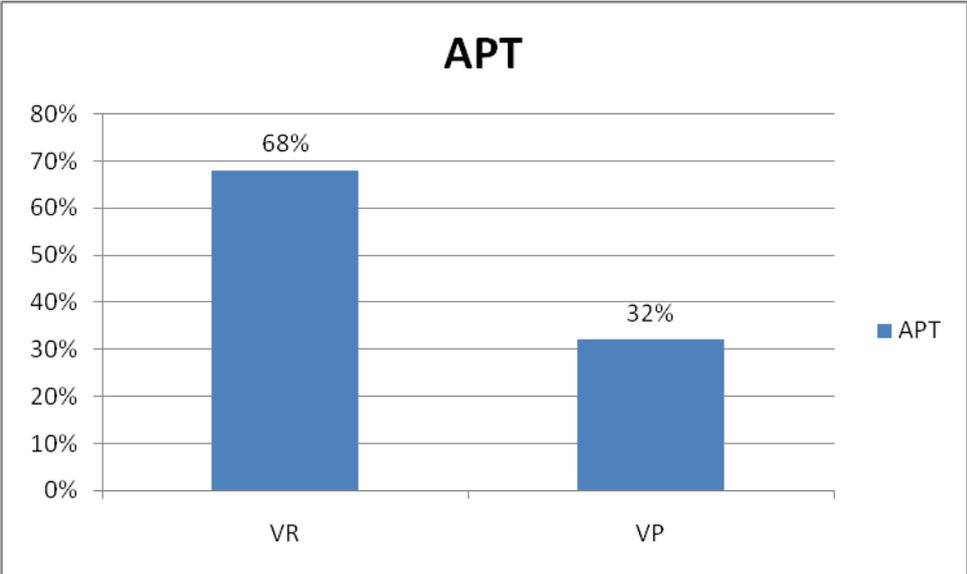
Tabela 2: ocorrências do APT pelos grupos G1, G2 e G3

Grupos	Variante Regional	Variante Padrão	Total
G1	602	186	788
G2	219	133	352
G3	120	131	251
TOTAL	941	450	1391

Podemos observar, através dos resultados, em termos percentuais, que o fenômeno é evidente na fala do homem que habita a zona rural do município de Borba. Embora já dê sinais de um processo de enfraquecimento, em razão dos inúmeros registros de palavras que demonstram casos de flutuação, ainda assim, é bastante representativo naquela região, fato marcante que faz com que aquela fala se diferencie e se destaque no contexto local.

Conforme ilustra o gráfico a seguir, a VR, cujos resultados apresentados pelos grupos da zona rural, alcançou o índice de 68% de ocorrências, prevalece em relação à VP, que incidiu em apenas 32% dos registros.

Gráfico Geral 1: percentuais gerais de APT pelos grupos: G1, G2 e G3.



2.2 TESTE DE PERCEPÇÃO

Em função de não termos obtido gravações com qualidade sonora apropriada para realizações de análise de natureza experimental, fizemos um teste de percepção, que foi aplicado em duas etapas, com duas realidades lingüísticas diferentes: Manaus (Amazonas) e Niterói (Rio de Janeiro), conforme já explicamos anteriormente (ver cap. I, p. 96).

Os resultados encontrados com a aplicação do teste revelaram a percepção do fenômeno pelos alunos em cada uma das palavras.

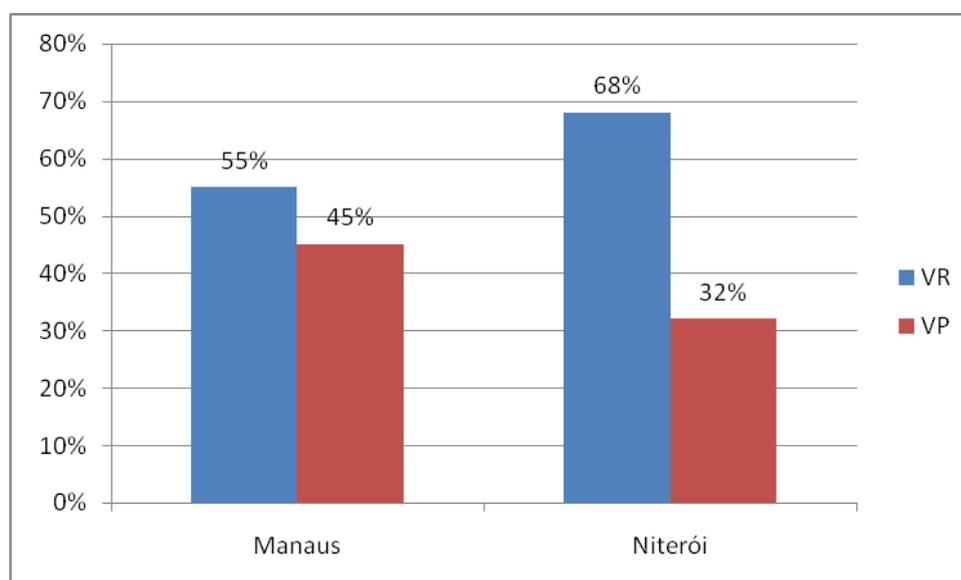
Os alunos de Manaus, embora tenham uma história de contato com o fenômeno do alçamento, e talvez por causa disso, identificaram menos o alçamento na maioria dos estímulos sonoros apresentados, em comparação com os resultados obtidos pelos alunos de Niterói. Na tabela abaixo, informamos os valores percentuais referentes a cada estímulo sonoro apresentado aos alunos.

Tabela 3: resultado do teste de percepção

Estímulos sonoros	Variantes	Ocorrências- Manaus	Valores percentuais	Ocorrências- Niterói	Valores percentuais
dÔis	VP	10	62,5	6	37,5
dÚis	VR	6	37,5	10	62,5
carÔço	VP	9	56	6	37,5
carÚço	VR	7	44	10	62,5
dezÔito	VP	11	69	8	50
dezÚito	VR	5	31	8	50
cavadÔr	VP	10	62,5	10	62,5
cavadÚr	VR	6	37,5	6	37,5
fÔgo	VP	6	37,5	3	19
fÚgo	VR	10	62,5	13	81
fÔlha	VP	11	69	9	56
fÚlha	VR	5	31	7	44
agüentÔ	VP	0	0	3	19
aguentÚ	VR	16	100	13	81
rÔUpa	VP	9	56	2	13
rÚpa	VR	7	44	14	87
arrÔz	VP	7	44	1	6
arrÚz	VR	9	56	15	94
mÔça	VP	7	44	8	50
mÚça	VR	9	56	8	50
cÔxa	VP	0	0	0	0
cÚxa	VR	16	100	16	100
TOTAL		176	TOTAL	176	

O resultado geral pode ser conferido no gráfico que se segue:

Gráfico 2: percentuais gerais do teste de percepção



Pelos resultados exibidos no Gráfico 2, verifica-se que os alunos de Niterói obtiveram um índice percentual de 68% na percepção do fenômeno do alçamento, enquanto que os alunos de Manaus obtiveram 55%. Esse resultado ratifica a existência e amplitude do referido fenômeno e nos serve de respaldo, dada nossa condição de habitante do local.

2.3 CONTEXTOS DE OCORRÊNCIA DO ALÇAMENTO DAS VOGAIS POSTERIORES TÔNICAS

Com a finalidade de verificarmos quais são os ambientes lingüísticos que mais propiciam a realização do fenômeno do alçamento das vogais posteriores tônicas, foram selecionados todos os contextos lingüísticos nos quais identificamos a ocorrência do fenômeno em investigação em nossos dados.

Os casos identificados de alçamento que ocorrem ocasionalmente nos registros dos informantes serão explicados em nota de rodapé. Tal fato dar-se-á em função do uso peculiar de alguns deles por algum informante. Entretanto, serão analisados, ainda que não apresentem consistência numérica para a representação percentual dos resultados.

Passamos, então, à listagem dos contextos em que se observou a ocorrência do fenômeno, apresentando exemplos correspondentes a cada um deles. É importante destacar que apontaremos alguns exemplos que demonstram, em relação a cada contexto arrolado, a possibilidade de ocorrência do fenômeno, quando, no contexto seguinte, encontram-se consoantes oclusivas, fricativas, nasais, laterais e tepe.

2.3.1 CONTEXTO DE DITONGO:

1. Ditongo /ow/ > /u/ em sílaba inicial de palavra:

c[u]ro	(couro)	s[u]be	(soube)
d[u]tro	(doutro)	t[u]ro	(touro)
d[u]tra	(doutra)	[u]ve	(ouve)
n[u]tro	(noutro)	[u]tro	(outro)
p[u]co	(pouco)	s[u]	(sou)
r[u]pa	(roupa)	t[u]	(tou)
[u]	(ou)	r[u]bo	(roubo)
v[u]	(vou)	p[u]ca	(pouca)
n[u]tra	(noutra)		

2. Ditongo /ow/ > /u/ em sílaba medial de palavra:

lav[u]ra	(lavoura)	vass[u]ra	(vassoura)
tes[u]ra	(tesoura)		

3. Ditongo /ow/ > /u/ em sílaba final de palavra:

ach[u]	(achou)	espant[u]	(espantou)
afast[u]	(afastou)	engravid[u]	(engravidou)
and[u]	(andou)	embrulh[u]	(embrulhou)
assombr[u]	(assombrou)	fal[u]	(falou)
apag[u]	(apagou)	facilit[u]	(facilitou)
ajud[u]	(ajudou)	falt[u]	(faltou)
acab[u]	(acabou)	fech[u]	(fechou)
avis[u]	(avisou)	grit[u]	(gritou)
aument[u]	(aumentou)	inteir[u]	(inteirou)
atac[u]	(atacou)	junt[u]	(juntou)
arrebent[u]	(arrebentou)	jog[u]	(jogou)
arrum[u]	(arrumou)	lev[u]	(levou)
afirm[u]	(afirmou)	levant[u]	(levantou)
aposent[u]	(aposentou)	lav[u]	(lavou)
acompanh[u]	(acompanhou)	lemb[r]u	(lembrou)
afund[u]	(afundou)	mat[u]	(matou)
agarr[u]	(agarrou)	melhor[u]	(melhorou)
aguent[u]	(aguentou)	mud[u]	(mudou)
arri[u]	(arriou)	mand[u]	(mandou)
atir[u]	(atirou)	[u]	(ou)
boi[u]	(boiou)	olh[u]	(olhou)
bot[u]	(botou)	pux[u]	(puxou)

brig[u]	(brigou)	plant[u]	(plantou)
baix[u]	(baixou)	par[u]	(parou)
cheg[u]	(chegou)	prepar[u]	(preparou)
coç[u]	(coçou)	prest[u]	(prestou)
convid[u]	(convidou)	pul[u]	(pulou)
cort[u]	(cortou)	pens[u]	(pensou)
contrat[u]	(contratou)	pergunt[u]	(perguntou)
carreg[u]	(carregou)	pass[u]	(passou)
cacet[u]	(cacetou)	pis[u]	(pisou)
cas[u]	(casou)	peg[u]	(pegou)
cont[u]	(contou)	queim[u]	(queimou)
cri[u]	(criou)	quiet[u]	(quietou)
compr[u]	(comprou)	retir[u]	(retirou)
cav[u]	(cavou)	rasg[u]	(rasgou)
desaboto[u]	(desabotoou)	reclam[u]	(reclamou)
desat[u]	(desatou)	rem[u]	(remou)
desencant[u]	(desencantou)	sug[u]	(sugou)
desloc[u]	(deslocou)	s[u]	(sou)
desov[u]	(desovou)	sec[u]	(secou)
demor[u]	(demorou)	sobr[u]	(sobrou)
desconjur[u]	(desconjurou)	sent[u]	(sentou)
deix[u]	(deixou)	sel[u]	(selou)
derrub[u]	(derrubou)	telefon[u]	(telefonou)
demor[u]	(demorou)	trabalh[u]	(trabalhou)
desembrulh[u]	(desembrulhou)	torn[u]	(tornou)

desmanch[u]	(desmanchou)	termin[u]	(terminou)
descadeir[u]	(descadeirou)	tir[u]	(tirou)
d[u]	(dou)	tac[u]	(tacou)
enxerg[u]	(enxergou)	trat[u]	(tratou)
encant[u]	(encantou)	tom[u]	(tomou)
enterr[u]	(enterrou)	transform[u]	(transformou)
empurr[u]	(empurrou)	us[u]	(usou)
engravid[u]	(engravidou)	v[u]	(vou)
(es)t[u]	(estou)	vir[u]	(virou)
entr[u]	(entrou)	volt[u]	(voltou)
estud[u]	(estudou)	var[u]	(varou)
err[u]	(errou)	vaz[u]	(vazou)
acalm[u]	(acalmou)	ajeit[u]	(ajeitou)
complet[u]	(completou)	convers[u]	(conversou)
cuid[u]	(cuidou)	espi[u]	(espiou)
fic[u]	(ficou)	começ[u]	(começou)

4. Ditongo /oj/ > /uj/ em sílaba inicial de palavra:

b[uj]	(boi)	n[uj]te	(noite)
c[uj]sa	(coisa)	peixe-b[uj]	(peixe-boi)
d[uj]s	(dois)	p[uj]s	(pois)

d[uj]da	(doida)	[uj]to	(oito)
f[uj]ce	(foice)	d[uj]do	(doido)

5. Ditongo /oj/ > /uj/ em sílaba medial de palavra:

bisc[uj]to	(biscoito)	dez[uj]to	(dezoito)
desc[uj]so	(descoiso)		

6. Ditongo /oj/ > /u/ em sílaba final de palavra:

dep[us]	(depois)
---------	----------

7. Ditongo /õe/ > /u/ em final de palavra:

plantaç[ũ]s	(plantações)	apresentaç[ũ]es	(apresentações)
-------------	--------------	-----------------	-----------------

8. Ditongo /ow/ > /u/ antes de consoante oclusiva:

r[u]bo	(roubo)	r[u]pa	(roupa)
p[u]ca	(pouca)	d[u]tra	(doutra)

9. Ditongo /ow/ > /u/ antes de consoante fricativa:

[u]ve	(ouve)	tr[u]xe	(trouxe)
-------	--------	---------	----------

10. Ditongo /oj/ > /uj/ antes de consoante oclusiva:

n[uj]te	(noite)	d[uj]da	(doida)
---------	---------	---------	---------

11. Ditongo /oj/ > /uj/ ~ /u/ antes de consoante fricativa:

plantaç[ũ]s	(plantações)	desc[uj]so	(descoiso)
f[uj]ce	(foice)		

2.3.2 CONTEXTO DE OCLUSIVA:

1. /o/ > /u/ em sílaba inicial de palavra, após consoante oclusiva:

b[u]lo	(bolo)	b[u]lsa	(bolsa)
b[u]to	(boto) subs.	b[u]a	(boa)
b[u]i	(boi)	b[ũ]	(bom)
b[u]ta	(bota) ³³ subs.	b[u]ba	(boba)
b[u]ca	(boca)	p[u]s	(pois)
d[u]ido	(doido)	p[ũ]ta	(ponta)
p[ũ]to	(ponto)	p[u]pa	(popa)
p[u]rto	(porto)	p[u]co	(pouco)
p[u]ço	(poço)	p[u]vo	(povo)
p[u]rco	(porco)	p[u]ram	(poram) ³⁴
d[u]tro	(doutro)	d[u]tra	(doutra)
d[u]ida	(doida)	d[u]ze	(doze)
d[u]r	(dor)	d[u]	(dou)
d[ũ]no	(dono)	d[ũ]na	(dona)
d[u]s	(dois)	c[u]rpo	(corpo)

³³ A palavra *boto* sofre flexão de gênero, *bota*, na fala local.

³⁴ Forma irregular do verbo *pôr* no pretérito perfeito do indicativo, 3ª pessoa do singular.

t[u]ro	(touro)	t[ũ]co	(toco)
t[ũ]ma	(toma)	c[u]ro	(couro)
g[ũ]ma	(goma)	g[ũ]mes	(Gomes)
g[u]sto	(gosto)	c[ũ]pro	(compro)
c[u]xa	(coxa)	c[ũ]mo	(como) v.
c[ũ]pram	(compram)	c[ũ]ta	(conta)
c[ũ]to	(conto)	c[ũ]me	(come)
c[u]lisa	(coisa)	c[ũ]tam	(contam)
c[ũ]nego	(cônego)	c[ũ]pra	(compra)
d[u]bro	(dobro)	b[u]as	(boas)
p[u]rto	(porto)	b[u]lha	(bolha)

2. /o/ > /u/ em sílaba medial de palavra, após consoante oclusiva:

cab[u]co	(caboc(l)o)	ceb[u]la	(cebola)
cab[u]ca	(caboc(l)a)	enc[ũ]tram	(encontram)
arp[u]a	(arpoa)	disp[u]sto	(disposto)
aband[ũ]no	(abandono)	ad[ũ]de	(adonde)

à t[u]a	à (toa)	Ant[ũ]nio	(Antônio)
dout[u]ra	(doutora)	cat[u]rze	(catorze)
est[ũ]mago	(estômago)	gost[u]so	(gostoso)
respeit[u]so	(respeitoso)	pesc[u]ço	(pescoço)
perig[u]so	(perigoso)	mac[ũ]nha	(maconha)
ac[u]cho	(acocho)	arrisc[u]so	(arriscoso)
bisc[u]jito	(biscoito)	desc[u]iso	(descoiso)
pec[ũ]nha	(peconha)	diret[u]ra	(diretora)
enc[ũ]tra	(encontra)	enc[u]sta	(encosta)
id[u]so	(idoso)		

3. /o/ > /u/ em sílaba final de palavra, após consoante oclusiva:

acab[u]	(acabou)	peixe-b[u]i	(peixe-boi)
derrub[u]	(derrubou)	dep[u]s	(depois)
ajud[u]	(ajudou)	comprad[u]r	(comprador)
morad[u]r	(morador)	pescad[u]r	(pescador)
and[u]	(andou)	convid[u]	(convidou)
mand[u]	(mandou)	zelad[u]r	(zelador)
cavad[u]r	(cavador)	engravid[u]	(engravidou)

estud[u]	(estudou)	plant[u]	(plantou)
aguent[u]	(aguentou)	facilit[u]	(facilitou)
augment[u]	(aumentou)	falt[u]	(faltou)
agricult[u]r	(agricultor)	grit[u]	(gritou)
aposent[u]	(aposentou)	junt[u]	(juntou)
bot[u]	(botou)	levant[u]	(levantou)
cort[u]	(cortou)	mot[u]r	(motor)
cont[u]	(contou)	mat[u]	(matou)
contrat[u]	(contratou)	past[u]r	(pastor)
cacet[u]	(cacetou)	pergunt[u]	(perguntou)
desencant[u]	(desencantou)	prest[u]	(prestou)
dout[u]r	(doutor)	quiet[u]	(quietou)
desat[u]	(desatou)	sent[u]	(sentou)
encant[u]	(encantou)	trat[u]	(tratou)
(es)t[u]	(estou)	volt[u]	(voltou)
espant[u]	(espantou)	jog[u]	(jogou)
apag[u]	(apagou)	peg[u]	(pegou)
brig[u]	(brigou)	rasg[u]	(rasgou)
cheg[u]	(chegou)	sug[u]	(sugou)
enxerg[u]	(enxergou)	sec[u]	(secou)
desloc[u]	(deslocou)	tac[u]	(tacou)
fic[u]	(ficou)	computad[u]r	(computador)
mot[u]r	(motor)	ralad[u]r	(ralador)

4. /o/ > /u/ antes de consoante oclusiva:

b[u]ca	(boca)	r[u]pa	(roupa)
j[u]go	(jogo)	b[u]to	(boto)
cab[u]co	(caboco)	enc[ũ]tra	(encontra)

2.3.3 CONTEXTO DE FRICATIVA:

1. /o/ > /u/ em sílaba inicial de palavra, após consoante fricativa:

v[u]	(vou)	v[ũ]mito	(vômito)
f[u]res	(flores)	f[u]lha	(folha)
f[ũ]me	(fome)	f[u]rno	(forno)
f[u]rça	(força)	f[u]sse	(fosse)
f[u]r	(for)	f[u]ram	(foram)
f[u]ra	(fora) adv.	f[u]go	(fogo)
f[u]jice	(foice)	f[u]mos ~ f[ũ]mos	(fomos)
r[u]r	(ror)	s[u]rva	(sorva)

z[u]a	(zoa)	s[u]be	(soube)
s[u]fro	(sofro)	s[ũ]bra	(sombra)
s[u]gro	(sogro)	s[u]pa	(sopa)
s[u]b	(sob)	s[u]	(sou)
s[u]bre	(sobre)	j[ũ]go	(jogo)
s[ũ]mos	(somos)	r[u]sca	(rosca)
s[u]ro	(soro)	r[u]lo	(rolo)
ch[u]cha	(chocha)	r[u]sto	(rosto)
r[u]pa	(roupa)	r[u]xa	(roxa)
r[u]xo	(roxo)	f[u]lego	(fôlego)
cach[u]rro	(cachorro)		

2. /o/ > /u/ em sílaba medial de palavra, após consoante fricativa:

dez[u]ito	(dezoito)	tes[u]ra	(tesoura)
vass[u]ra	(vassoura)	pess[u]a	(pessoa)
cach[u]rro	(cachorro)	lav[u]ra	(lavoura)

galer[o]so	(galeroso)	pess[u]as	(pessoas)
------------	------------	-----------	-----------

3. / o/ > /u/ em sílaba final de palavra, após consoante fricativa:

av[u]	(avô)	lav[u]	(lavou)
cav[u]	(cavou)	lev[u]	(levou)
desov[u]	(desovou)	detef[ũ]	(detefon)
avis[u]	(avisou)	us[u]	(usou)
cas[u]	(casou)	vaz[u]	(vazou)
pis[u]	(pisou)	err[u]	(errou)
agarr[u]	(agarrou)	enterr[u]	(enterrou)
arr[u]z	(arroz)	pens[u]	(pensou)
empurr[u]	(empurrou)	profess[u]r	(professor)
começ[u]	(começou)	pass[u]	(passou)
coç[u]	(coçou)	deix[u]	(deixou)
plantaç[ũ]s	(plantações)	fech[u]	(fechou)
ach[u]	(achou)	desmanch[u]	(desmanchou)

baix[u]	(baixou)	defens[u]r	(defensor)
---------	----------	------------	------------

4. /o/ > /u/ antes de consoante fricativa:

p[u]s	(pois)	d[u]r	(dor)
p[u]ço	(poço)	d[u]ze	(doze)
estr[u]va	(estrova)	id[u]so	(idoso)
ac[u]cho	(acocho)	alm[u]ço	(almoço)

2.3.4 CONTEXTO DE NASAL:

1. /o/ > /u/ em sílaba inicial de palavra, após consoante nasal:

m[u]ça	(moça)	m[u]sca	(mosca)
m[ũ]te	(monte)	m[ũ]stra	(monstra)

m[ũ]stro	(monstro)	m[u]lho	(molho)
n[u]jo	(nojo)	n[ũ]me	(nome)
n[u]ssa	(nossa)	n[u]tro	(noutro)
n[u]ite	(noite)	n[u]vo	(novo)

2. /o/ > /u/ em sílaba medial de palavra, após consoante nasal:

alm[u]ço	(almoço)	teim[u]so	(teimoso)
nam[u]ro	(namoro)	can[u]a	(canoa)

3. /o/ > /u/ em sílaba final de palavra, após consoante nasal:

afirm[u]	(afirmou)	reclam[u]	(reclamou)
arrum[u]	(arrumou)	transform[u]	(transformou)
queim[u]	(queimou)	tom[u]	(tomou)
rem[u]	(remou)	termin[u]	(terminou)

torn[u]	(tornou)	sonh[u]	(sonhou)
acompanh[u]	(acompanhou)	senh[u]r	(senhor)

4. /o/ > /u/ antes de consoante nasal:

n[ũ]me	(nome)	d[ũ]na	(dona)
t[ũ]ma	(toma)	g[ũ]mes	(Gomes)
pec[ũ]nha	(peconha)	aband[ũ]no	(abandono)
est[ũ]mago	(estômago)	mac[ũ]nha	(maconha)

2.3.5 CONTEXTO DE LATERAL:

1. /o/ > /u/ em sílaba inicial de palavra, após consoante lateral:

l[ũ]ge	(longe)
--------	---------

2. / o/ > /u/ em sílaba medial de palavra, após consoante lateral:

col[u]ca	(coloca)	cautel[u]so	(cauteloso)
----------	----------	-------------	-------------

3. / o/ > /u/ em sílaba final de palavra, após consoante lateral:

fal[u]	(falou)	sel[u]	(selou)
pul[u]	(pulou)	val[u]r	(valor)
olh[u]	(olhou)	embrulh[u]	(embrulhou)
desembrulh[u]	(desembrulhou)	trabalh[u]	(trabalhou)

4. / o/ > /u/ antes de consoante lateral:

b[u]lo	(bolo)	[u]lho	(olho)
h[u]je	(hoje)	f[u]lha	(folha)
ceb[u]la	(cebola)		

2.3.6 CONTEXTO DE VIBRANTE:

1. /o/ > /u/ em sílaba inicial de palavra, após consoante vibrante:

[ˈʁupa]³⁵ (roupa)

2.3.7 CONTEXTO DE TEPE:

1. /o/ > /u/ em sílaba medial de palavra, após o tepe:

car[u]ço (caroço) mentir[u]so (mentiroso)

gar[u]to (garoto)

³⁵ O registro com essa vibrante ocorreu com um informante apenas, em cuja fala foi detectada sua concorrente [ˈhupa].

2. /o/ > /u/ em sílaba final de palavra, após o tepe:

atir[u]	(atirou)	par[u]	(parou)
apar[u]	(aparou)	prepar[u]	(preparou)
demor[u]	(demorou)	retir[u]	(retirou)
desconjur[u]	(desconjurou)	tir[u]	(tirou)
descadeir[u]	(descadeirou)	var[u]	(varou)
inteir[u]	(inteirou)	vir[u]	(virou)
melhor[u]	(melhorou)		

3. /o/ > /u/ antes do tepe:

s[u]ro	(soro)	f[u]ram	(foram)
c[u]ro	(couro)	t[u]ro	(touro)
nam[u]ro	(namoro)	lav[u]ra	(lavoura)
vass[u]ra	(vassoura)	tes[u]ra	(tesoura)

2.3.8 O ALÇAMENTO NA CONSTITUIÇÃO DE SÍLABA

1. /o/ > /u/ em contexto inicial de palavra:

[ũ]ça	(onça)	[ũ]tem	(ontem)
[ũ]ze	(onze)	[u]lho	(olho)
[u]h!	(oh!)	[ũ]de	(onde)
[u]ve	(ouve)	h[u]je	(hoje)
[u]vo	(ovo)	[u]tro	(outro)
[u]	(ou)	[ũ]da	(onda)
[u]ito	(oito)	[u]sso	(osso)
h[ũ]mem	(homem)		

2. /o/ > /u/ em contexto medial de palavra:

a[ũ]de	(aonde)	anteri[u]res	(anteriores)
--------	---------	--------------	--------------

3. /o/ > /u/ em contexto final de palavra:

arri[u]	(arriou)	desaboto[u]	(desabotoou)
boi[u]	(boiou)	interi[u]r ³⁶	(interior)
cri[u]	(criou)	arp[u]a	(arpoa)

2.3.9 O ALÇAMENTO APÓS ENCONTRO DE ECONSOANTES

1. /o/ > /u/ após encontro de consoantes em contexto inicial de palavra:

gr[u]sso	(grosso)	tr[u]xe	(trouxe)
pr[ũ]to	(pronto)	tr[ũ]co	(tronco)

³⁶ Na palavra <interior>, também há registros da variação com o apagamento de /r/ final, [ʔɛri'u].

2. /o/ > /u/ após encontro de consoantes em contexto medial de palavra:

estr[u]va	(estrova)	patr[u]a	(patroa)
patr[ũ]na	(patrona)		

3. /o/ > /u/ após encontro de consoantes em contexto final de palavra:

assombr[u]	(assombrou)	lembr[u]	(lembrou)
constr[u]i	(constrói)	quebr[u]	(quebrou)
compr[u]	(comprou)	sobr[u]	(sobrou)
entr[u]	(entrou)		

Conforme verificamos, o alçamento das vogais posteriores tônicas ocorre em ambientes em que é precedido ou seguido por consoantes oclusivas, fricativas, nasais, laterais e tepe, o que sugere que a presença de tais consoantes não

influencia diretamente na ocorrência ou não do fenômeno. Verificamos também que o alçamento ocorre ainda constituindo sílaba, após encontros consonantais e em contexto de ditongo, tendo este último se mostrado bastante recorrente.

Apesar da multiplicidade, em termos de contextos de ocorrência, uma observação mais atenta dos dados, indica haver regularidade envolvendo a maioria dos contextos citados: a ocorrência do fenômeno é favorecida em sílaba final de palavra, na presença de semivogal alta na mesma sílaba (contexto de ditongo) e de vogal alta em sílaba(s) adjacente(s), além de outros contextos menos representativos, conforme ilustram exemplos que se seguem:

Foram selecionadas as 468 palavras realizadas pelos informantes, onde ocorreu o fenômeno do alçamento. Percebemos que, em muitas das palavras, ocorreram os contextos linguísticos simultaneamente, por esta razão o número de ocorrências não corresponde ao número exato das palavras computadas.

p[u]co	(pouco)	p[u]co	(pouco)
s[u]fro	(sofro)	s[u]bre	(sobre)
s[u]gro	(sogro)	s[ũ]mos	(somos)
s[u]b	(sob)	s[u]ro	(soro)
arrisc[u]so	(arriscoso)	Ant[ũ]nio	(Antônio)
acab[u]	(acabou)	bisc[u]ito	(biscoito)
ajud[u]	(ajudou)	peixe-b[u]i	(peixe-boi)
and[u]	(andou)	comprad[u]r	(comprador)
aguent[u]	(agüentou)	convid[u]	(convidou)

aument[u]	(aumentou)	cacet[u]	(cacetou)
apag[u]	(apagou)	desencant[u]	(desencantou)
brig[u]	(brigou)	enxerg[u]	(enxergou)
n[u]jo	(nojo)	jog[u]	(jogou)
n[u]ssa	(nossa)	n[u]ite	(noite)
[ũ]ça	(onça)	n[u]tro	(noutro)
[ũ]ze	(onze)	[u]vo	(ovo)
[u]ve	(ouve)	h[u]je	(hoje)
gr[u]sso	(grosso)	[ũ]tem	(ontem)
assombr[u]	(assombrou)	pr[ũ]to	(pronto)
constr[u]i	(constrói)	entr[u]	(entrou)
p[u]vo	(povo)	lemb[r]u	(lembrou)
s[u]rva	(sorva)	morad[u]r	(morador)
s[u]be	(soube)	mand[u]	(mandou)
s[u]za	(Souza)	facilit[u]	(facilitou)
respeit[u]so	(respeitoso)	falt[u]	(faltou)
desc[u]iso	(descoiso)	peg[u]	(pegou)
derrub[u]	(derrubou)	rasg[u]	(rasgou)
n[ũ]me	(nome)	pesc[u]ço	(pescoço)
gost[u]so	(gostoso)	tr[u]xe	(trouxe)
[u]lho	(olho)	quebr[u]	(quebrou)
[ũ]de	(onde)	compr[u]	(comprou)

Os exemplos arrolados confirmam a regularidade aventada. Sem dúvida, a maior ocorrência do fenômeno se observa em ambientes em que se verifica a presença dos fatores favorecedores arrolados: sílaba final de palavra, presença de semivogal alta na mesma sílaba e de vogal alta em sílaba(s) adjacente(s). Apresentamos a seguir tabela com o levantamento das ocorrências do fenômeno,

considerando o que acabamos de expor:

I = vogal alta na mesma sílaba; ex: c[uj]sas (coisa)

II = vogal alta em sílaba(s) adjacente(s); ex: m[ĩ]t[i]r[u]s[u] (mentiroso)

III = sílaba final de palavra; ex: senh[u]r (senhor)

IV = outros contextos; ex: m[u]ça (moça)

Tabela 4: Levantamento do APT no contexto linguístico

Contexto	Nº de ocorrências	Resultados %
I	299	29
II	305	29
III	279	27
IV	152	15
Total	1035	100

Cumpramos informar que incluímos também na categoria I (presença de semivogal alta na mesma sílaba) os casos de monotongação provenientes de ditongos constituídos por vogal média-alta posterior fechada [o] e semivogal alta arredondada [w] (ex.: tr[ow]xe > tr[u]xe).

De acordo com Aragão,

a monotongação é vista como uma redução do ditongo à vogal simples ou pura, por um processo de assimilação completa, no dizer de Xavier e Mateus, também tem sido estudada dos mais diferentes pontos de vistas, ora como uma variação fonética, de facilidade de articulação, ora como uma marca sociolinguística e dialetal. (ARAGÃO, 2008, p. 4).

Em nosso estudo, os dois pontos de vista arrolados se encaixam e contribuem para o entendimento do fenômeno.

Retomando, agora, resultados encontrados, podemos concluir que, além do contexto final de palavras (que também é identificado como favorecedor do alçamento das vogais posteriores átonas), é de fundamental importância, para a ocorrência do fenômeno de alçamento das vogais posteriores tônicas, a presença de uma vogal alta, seja nos casos de monotongação (devido à assimilação completa), seja nos contextos de ditongo (devido à assimilação parcial), seja ainda nos casos de presença de vogal alta em sílabas adjacentes (devido à harmonia vocálica).

O alto percentual de ocorrência do alçamento na fala dos borbenses da zona rural, visto isoladamente, pode induzir a conclusões que não refletem ao quadro real das variantes em disputa. Conforme demonstraremos na seção seguinte, com base na análise dos fatores sociais, a VR está passando por um processo de enfraquecimento, concorrendo com a VP, uma vez que foi constatado um número bastante representativo do uso da VP na fala de todos os informantes.

3 O ALÇAMENTO NOS EIXOS DIATÓPICO E DIASTRÁTICO

Os dados serão analisados, considerando-se os dois eixos determinantes na constituição da variação, a fim de verificarmos qual é a influência que cada fator regulador apresenta em relação ao fenômeno estudado.

- a) Diatópico: eixo através do qual os dados gerais representam as alternâncias que se concretizam nos limites físico-geográficos;
- b) Diastrático: eixo que, por sua vez, define as alternâncias, espelhadas nos modelos de comportamentos estratificados socialmente, resultando, desta forma, no comportamento lingüístico relacionado aqui aos fatores reguladores determinados pelo gênero e pela faixa etária dos informantes.

3.1 O FENÔMENO DO ALÇAMENTO NO EIXO DIATÓPICO

Em relação aos limites físico-geográficos do fenômeno, começamos por considerar os valores referentes às ocorrências do alçamento na fala dos informantes que constituem os grupos da zona rural (G1, G2 e G3). Desta forma, os

números apresentados a seguir representam as 941 ocorrências de VR e as 450 ocorrências de VP verificadas nos dados provenientes de tais grupos.

Tabela 5: ocorrências do APT nos grupos da zona rural

Grupos	Variante Regional		Variante Padrão		Total
	N	%	N	%	
G1	602	76,4	186	23,6	788
G2	219	62,2	133	37,8	352
G3	120	47,8	131	52,2	251
TOTAL	941		450		1391

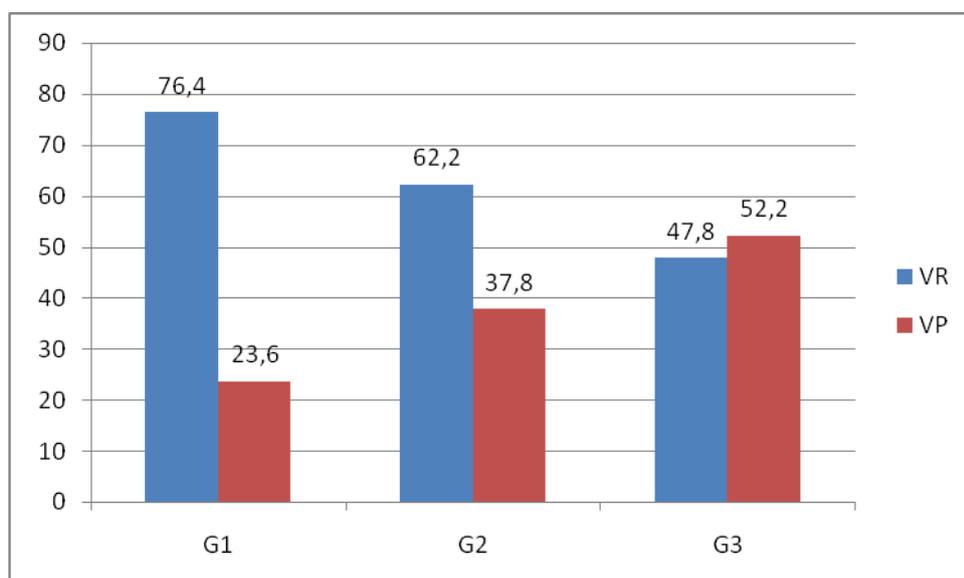
O G1, constituído pelas comunidades mais próximas da sede do município, ocupa o primeiro lugar com o número majoritário de casos de ocorrências do alçamento.

Em termos de distância em relação à sede, ainda que em direções opostas, depois do G1, vem o G2, que apresentou o segundo maior índice de registros do alçamento.

O G3, o mais distante da sede, foi o grupo que apresentou menor incidência da VR.

Pela configuração dos resultados até então, podemos concluir que, quanto mais distante da sede está a localidade, menor é a incidência do fenômeno. O Gráfico seguinte sistematiza os resultados encontrados.

Gráfico 3: percentuais do APT nos grupos da zona rural



3.2 O FENÔMENO DO ALÇAMENTO NO EIXO DIASTRÁTICO

3.2.1 GÊNERO

Com base no modelo de análise proposto pela teoria variacionista, selecionamos o fator regulador gênero cujos resultados, considerando o somatório dos dados referentes aos três grupos, são apresentados na tabela 6.

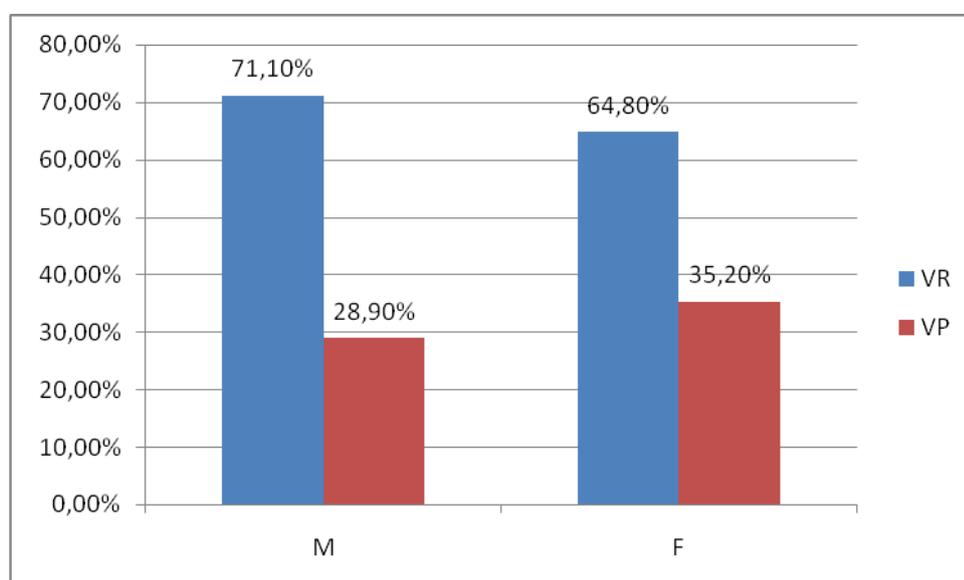
Tabela 6: ocorrências do APT em relação ao gênero (zona rural)

Gênero	VR		VP		Total
	N	%	N	%	
M	448	71,1	182	28,9	630
F	493	64,8	268	35,2	761

Os resultados obtidos confirmam tendência observada em estudos anteriores. Embora a VR esteja muito presente tanto na fala das mulheres quanto na dos homens da zona rural de Borba, observa-se maior incidência da VP na fala feminina, confirmando a preferência das mulheres por variantes de maior prestígio.

O gráfico 4 ilustra os resultados apresentados na tabela 6.

Gráfico 4: percentuais do APT em relação ao gênero (zona rural)



3.2.2 FAIXA ETÁRIA

O fator faixa etária é um dos parâmetros pertinentes na mensuração do avanço ou da estagnação da variação lingüística. Com base nos resultados exibidos na tabela 7, verificamos o comportamento de cada grupo de faixa etária com relação à ocorrência do fenômeno do alçamento das vogais posteriores tônicas na zona rural.

Tabela 7: ocorrências do APT em relação à faixa etária (zona rural)

Faixas etárias	VR		VP		Total
	N	%	N	%	
gJ	147	45,7	175	54,3	322
gA	301	77,6	87	22,4	388
gI	493	72,4	188	27,6	681

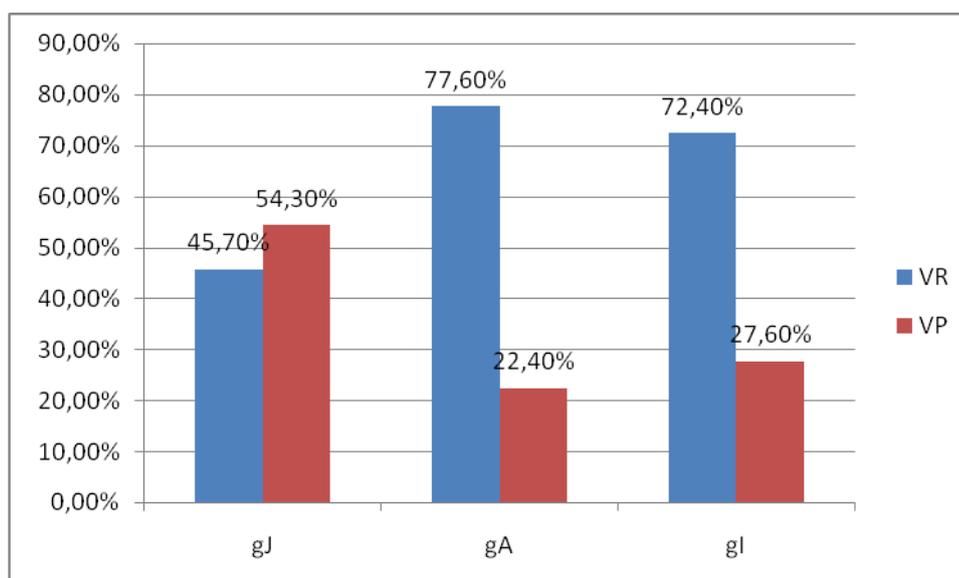
gJ = grupo jovem

gA = grupo adulto

gI = grupo idoso

Em termos percentuais, o que se percebe em função dos resultados encontrados é que a menor incidência da VR verifica-se justamente no grupo dos jovens, indicando que a VR está num processo de enfraquecimento, em relação à VP.

Gráfico 5: percentuais do APT em relação à faixa etária (zona rural)



De acordo com os resultados encontrados, o alçamento das vogais posteriores tônicas ainda está fortemente representado na região, em todas as faixas etárias, apesar de os números relativos ao grupo dos jovens, como já dissemos, apontarem para a existência de uma tendência ao enfraquecimento da VR em relação à VP.

A existência de tal tendência é reforçada pelo fator escolaridade aqui considerado qualitativamente. Conforme já informamos, os informantes que

compõem os grupos da zona rural possuem baixo índice de escolaridade, encaixando-se em duas esferas: (1) aqueles que nunca tiveram contato com a escola, os iletrados, e (2) aqueles que cursaram ou cursam o ensino fundamental. No primeiro caso, encontram-se preferencialmente os idosos; no segundo, os adultos e os jovens, sendo que, em relação aos adultos, os jovens se apresentam com mais tempo de estudo. Interpretados sob este prisma, os resultados do fator faixa etária evidenciam a atuação da escola, no que se refere ao reforço da VP.

3.3 O GRUPO DE CONTROLE URBANO: G0

3.3.1 G0 X DEMAIS GRUPOS NO EIXO DIATÓPICO

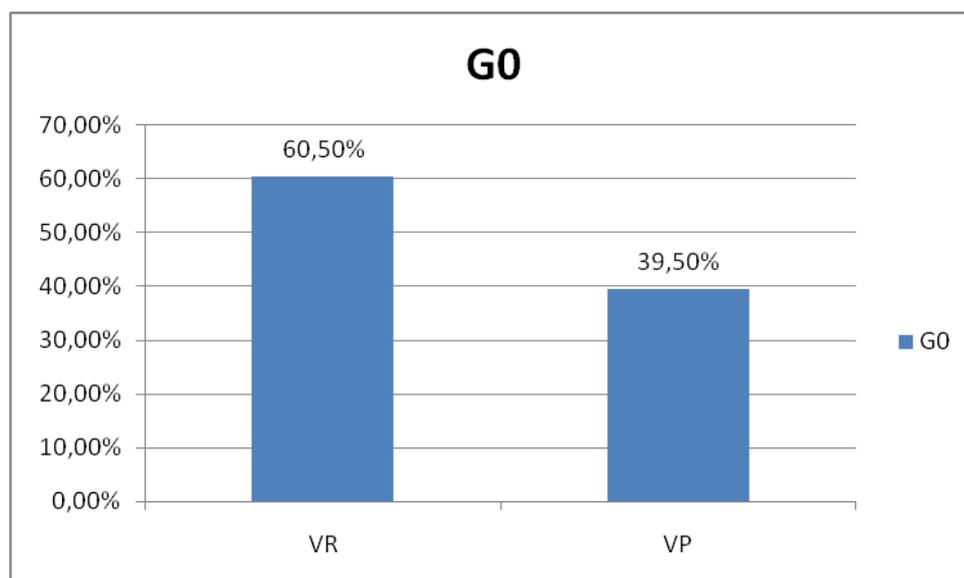
O grupo zero (G0), representante da zona urbana, mereceu tratamento especial no que diz respeito à constituição do *corpus* e análise dos dados, por se tratar de um grupo de controle, conforme explicamos anteriormente. Os resultados obtidos com o G0 serão confrontados com os resultados relativos aos demais grupos, a fim de verificarmos, em relação ao fenômeno estudado, a existência de limites fronteiraços entre zona urbana e zona rural, no que se refere tanto ao eixo diatópico quanto ao eixo diastrático. E, assim sendo, havendo na sede do município universidades e escolas de ensino fundamental e médio, foram também admitidos na composição deste grupo informantes com ensino médio e superior (conferir características dos informantes na p. 87).

A tabela 8 e o gráfico 6, que se seguem, apresentam os resultados encontrados, em relação a este grupo.

Tabela 8: ocorrências do APT no grupo G0

Grupo	Variante Regional	Variante Padrão	Total
G0	228	149	377
%	60,5	39,5	100

Gráfico 6: percentuais do APT no G0

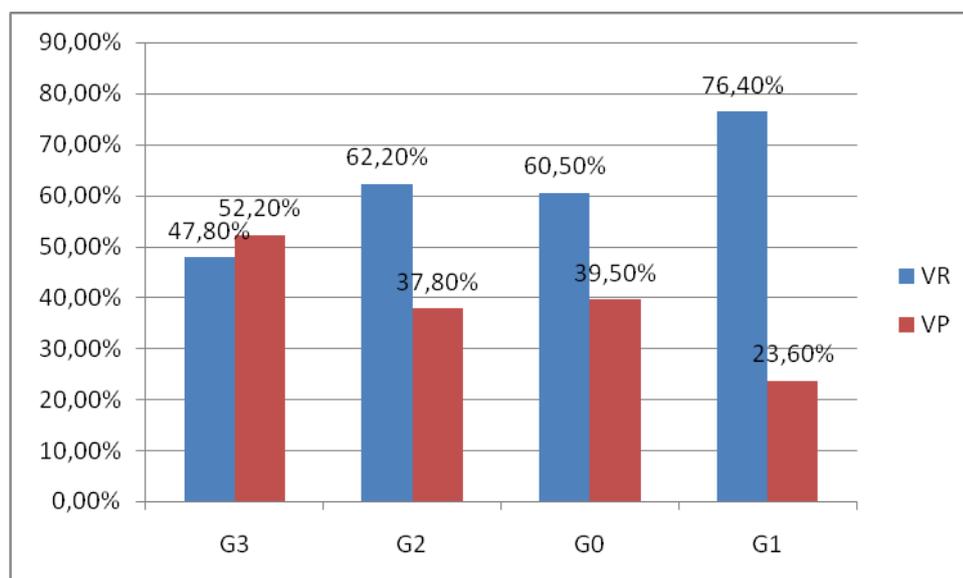


O confronto dos resultados do G0 com os do G1, G2 e G3, é exibido na tabela 9 e gráfico 7 a seguir.

Tabela 9: ocorrências do APT nos grupos G0, G1, G2 e G3

Grupos	Variante Regional		Variante Padrão		Total
	N	%	N	%	
G0	228	60,5%	149	39,5%	377
G1	602	76,4%	186	23,6%	788
G2	219	62,2%	133	37,8%	352
G3	120	47,8%	131	52,2%	251

Gráfico 7: percentuais gerais do APT nos grupos G0, G1, G2 e G3



Os resultados apresentados na tabela 9 e, principalmente, no gráfico 7, em que disponibilizamos os grupos de acordo com sua situação geográfica, demonstram estar o fenômeno diatopicamente configurado da seguinte forma: (1) observa-se maior incidência da VR no G1; (2) a segunda maior incidência da VR se verifica nos grupos G0 e G2 cujos percentuais, praticamente, se equivalem; (3) a menor incidência da VR ocorre no G3. Como podemos observar, na medida em que se avança em direção ao lado de cima do rio, o fenômeno tende a ser menos observado.

3.3.2 G0 X DEMAIS GRUPOS NO EIXO DIASTRÁTICO

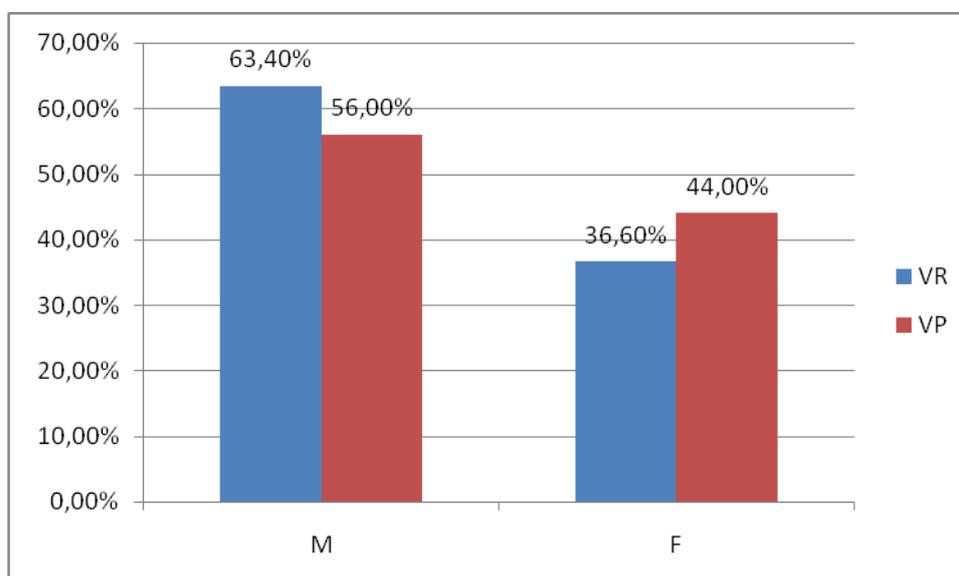
3.3.2.1 GÊNERO

No que diz respeito ao fator gênero, os números encontrados referentes ao G0 estão expostos na tabela 10 e, na seqüência, no gráfico 8.

Tabela 10: ocorrências do APT nos gêneros do G0

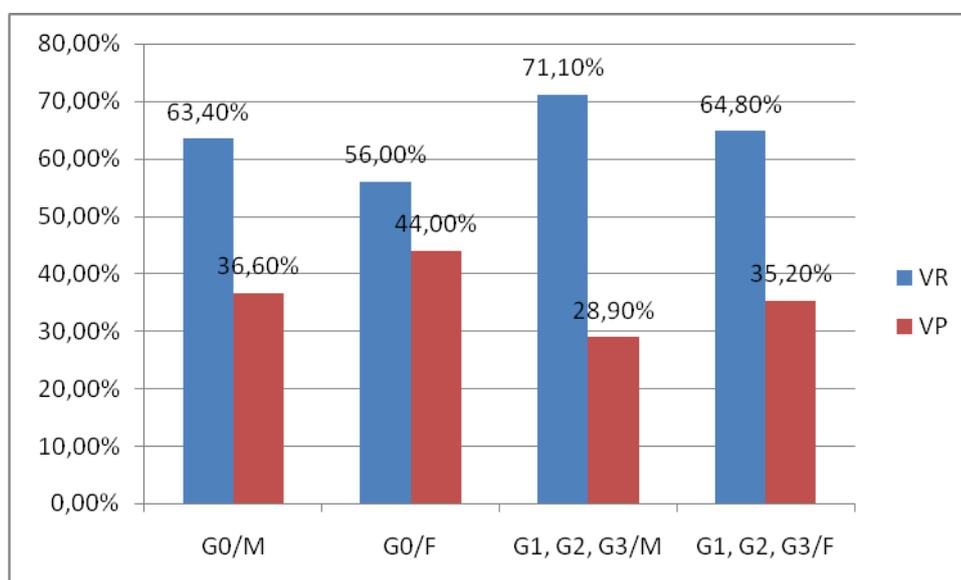
Gêneros	VR		VP		Total
	N	%	N	%	
M	144	63,4	83	36,6	227
F	84	56	66	44	150

Gráfico 8: percentuais gerais do APT nos gêneros do grupo G0



Os resultados do G0, representante da zona urbana, estão em consonância com os resultados referentes à zona rural, conforme demonstra o gráfico a seguir:

Gráfico 9: percentuais do APT nos gêneros dos grupos G0 X G1, G2, G3



A observação dos resultados nos mostra que, seja na zona urbana ou na zona rural de Borba, as mulheres tendem a usar menos do que os homens a VR, o que reforça o postulado sociolinguístico de que as mulheres são mais sensíveis a variantes prestigiadas socialmente.

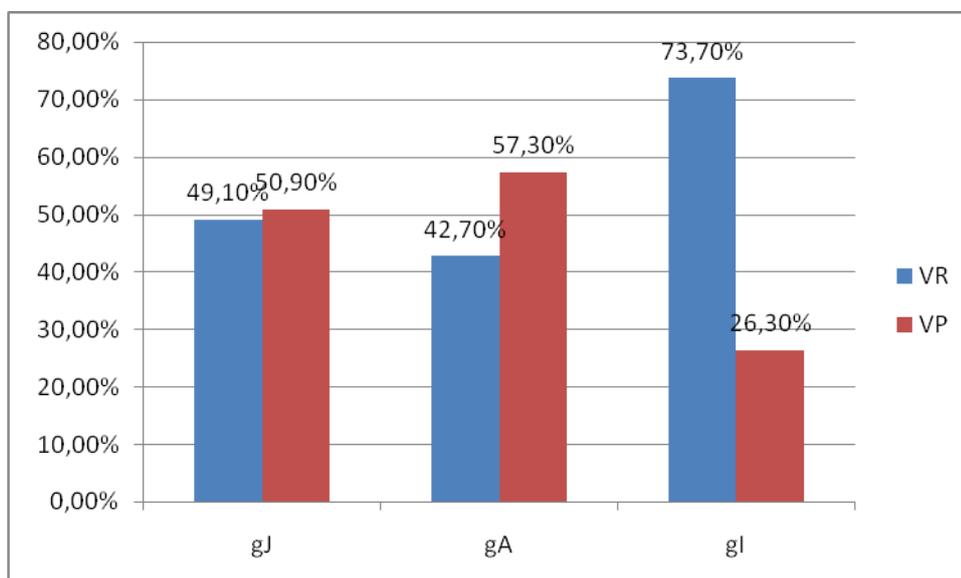
3.3.2.2 FAIXA ETÁRIA

Apresentamos na tabela e gráfico que se seguem os resultados do G0, em relação ao fator faixa etária.

Tabela 11: ocorrências do APT nas faixas etárias do G0

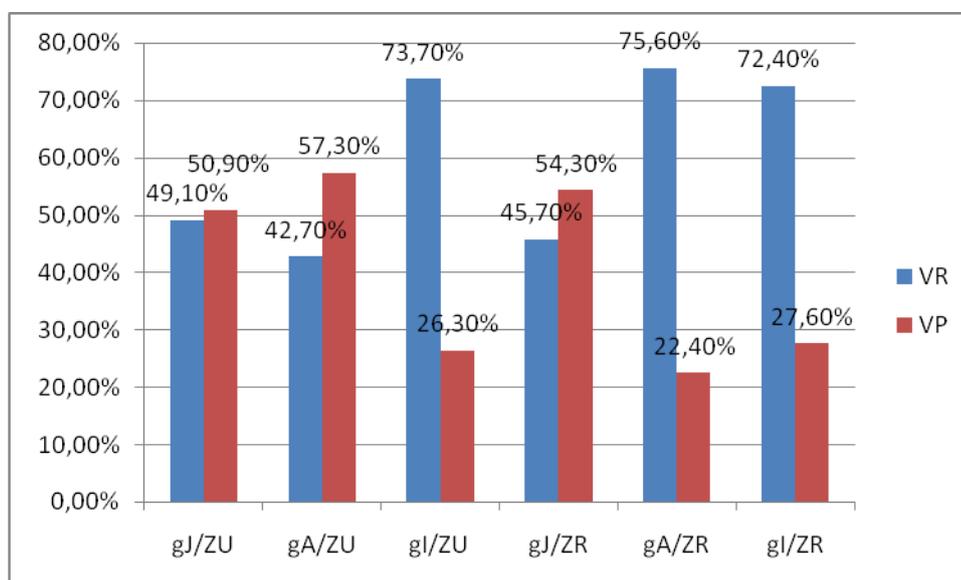
Faixas Etárias	VR		VP		Total
	N	%	N	%	
gJ	27	49,1	28	50,9	55
gA	50	42,7	67	57,3	117
gI	151	73,7	54	26,3	205

Gráfico 10: percentuais gerais do APT nas faixas etárias do G0



Os resultados que encontramos apresentam a seguinte particularidade: o grupo de adultos, ao contrário do esperado, usa menos a VR do que o grupo dos jovens. Em relação ao grupo dos idosos, as expectativas se confirmam. Antes de comentar tais resultados, preferimos apresentar, no gráfico seguinte, o confronto entre zona urbana (ZU) e zona rural (ZR), no que se refere ao fator faixa etária.

Gráfico 11: percentuais do APT nas faixas etárias dos grupos da ZU (G0) X ZR (G1, G2, G3)



A particularidade observada nos resultados relativos ao fator faixa etária do G0 fica ainda mais evidente quando confrontados os percentuais da zona rural

com os da zona urbana: o grupo de adultos do G0 usa menos a VR do que o grupo dos jovens, quando o esperado era que, o uso da VR caísse com a diminuição da faixa etária. A explicação para tal particularidade foi encontrada no grau de escolaridade dos informantes do G0. Enquanto o grupo de jovens é constituído por dois informantes que cursam o ensino médio, o grupo de adultos constitui-se por um informante que já concluiu o ensino médio e por uma informante com o ensino superior completo. Para realçar o quadro que descrevemos, vale ressaltar que os dois informantes do grupo de idosos são iletrados. Mais uma vez, portanto, encontramos evidências de que a escola exerce importante papel no reforço da VP e de que os fatores escolaridade e faixa etária são determinantes no que diz respeito ao caminho a ser percorrido pelo fenômeno variável em estudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se de um lado, a língua pode ser analisada, considerando-se a influência que seus elementos internos exercem uns sobre os outros dentro de um determinado contexto lingüístico, por outro, pode ser também observada através do comportamento social de seus falantes. Foi a partir dessas duas vertentes que analisamos nossos dados, até chegarmos aos resultados conclusivos desta Tese.

O alçamento, conforme, demonstrou a análise desenvolvida neste trabalho, constitui-se um fenômeno bastante produtivo na região em investigação.

Após a mensuração quantitativa dos dados, observamos que determinados ambientes linguísticos e sociais favorecem a ocorrência do fenômeno. Assim sendo, passamos a apontar aqueles que, de acordo com os resultados, mais contribuem para o alçamento das vogais posteriores tônicas, nosso fenômeno em estudo.

Começando pelos fatores linguísticos, observamos que, além do contexto final de palavras (que também é apontado como favorecedor do alçamento das vogais posteriores átonas), a presença de uma vogal alta - seja nos casos de monotongação (devido à assimilação completa), seja nos contextos de ditongo (devido à assimilação parcial), seja nos casos de presença de vogal alta em sílabas adjacentes (devido à harmonia vocálica) - é de fundamental importância, para a

ocorrência do fenômeno de alçamento das vogais posteriores tônicas.

Passando para os fatores sociais, verificamos que, em relação ao eixo diatópico, o fenômeno se configura ao longo do rio Madeira de forma que: (1) o maior percentual de ocorrência da VR verificou-se no G1; (2) o segundo maior percentual de ocorrência da VR foi registrado nos grupos G0 e G2 cujos resultados, apresentando uma diferença de apenas 2%, tecnicamente se equivalem; e (3) o menor percentual de ocorrência da VR observou-se no G3. Resumindo, os números encontrados demonstram que a maior incidência do fenômeno se observa na parte de baixo do rio e que, à medida em que se avança em direção à parte de cima do rio, o fenômeno tende a ser menos observado.

No que concerne ao eixo diastrático, constatamos, com base nos resultados encontrados na análise do fator gênero, que, seja na zona urbana ou na zona rural de Borba, as mulheres tendem a usar menos do que os homens a VR, o que reforça o postulado sociolingüístico de que as mulheres são mais sensíveis a variantes prestigiadas socialmente do que os homens.

Os resultados encontrados, referentes ao fator faixa etária, mostram que, embora o fenômeno seja significativamente observado em todas as faixas etárias, sua menor incidência se verifica no grupo dos jovens, o que aponta para a existência de uma tendência ao enfraquecimento da VR em relação à VP.

A existência da tendência acima referida é evidenciada pelo fator escolaridade, considerado qualitativamente, em termos de análise. Conforme

pudemos observar, os informantes iletrados tendem a empregar mais a VR, em detrimento da VP, do que aqueles que frequentam ou frequentaram a escola. Considerando que a atuação da escola reforça a VP, ao mesmo tempo em que lhe atribui maior prestígio, podemos concluir que o fator escolaridade reforça os resultados do fator faixa etária, em que se observa menor incidência da VR no grupo dos jovens, e do fator gênero, em que se verifica a preferência do gênero feminino pela VP.

Diante do que foi analisado, observamos que, de uma maneira geral, o fenômeno passa por um processo de enfraquecimento. Este fato pode ser atribuído a alguns fatores sociais que recaem sobre seus falantes, uma vez que a região está passando também por um processo de transformação social e econômica que, de certa forma, está trazendo vantagens para o homem que ali vive. Algumas delas são os programas sociais dos governos que já direcionam um olhar mais humanizante, principalmente, para os ribeirinhos. Estes já podem contar com uma série de benefícios sociais que possibilitam mais seu contato com o mundo modernizado, ao contrário do que ocorria em décadas atrás. Conseqüentemente, essas transformações vão repercutir na própria língua, uma vez que ela é reflexo das atitudes e da atuação de seus falantes na sociedade.

O homem ribeirinho, que sempre esteve à mercê do grande estigma que se abateu sobre a região desde os tempos coloniais, condicionado pela sua própria história, é vítima do preconceito lingüístico, em razão de sua maneira peculiar de se expressar. Para a maioria da população, ele transgride todas as regras do “bem falar” quando revela, na sua fala, os traços do alçamento das vogais posteriores

tônicas. Evidentemente, esta é uma concepção lingüística de uma sociedade que está arraigada aos moldes do certo e do errado.

E, por fim, diante do que nos propusemos neste trabalho, que foi fazer a descrição do ponto de vista lingüístico e sociolingüístico da fala do homem borbense, pensamos ter atingido nossas metas, e, desta forma, ter contribuído com os estudos sobre nossa língua, ao revelarmos para a comunidade acadêmica mais um fenômeno de variação.

REFERÊNCIAS

ABRAÇADO, Jussara. **Mudanças no sistema pronominal do português brasileiro**: causas e conseqüências. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1991.

ABREU, J. Capistrano de. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. [s.l.] Brigut, 1960.

ACADEMIA Brasileira de Letras. **Vocabulário ortográfico da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: ABL, 1999.

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. In: **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes (orgs.). 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2001.

AMARAL, A.. **O dialeto caipira**. São Paulo: Hucitec; Brasília, INL, 1982.

ARAGÃO, M. do S. de. **Ditongação x monotongação no falar de Fortaleza**. Disponível em: <http://www.profala.ufc.br/trabalho9.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2009.

ASSIS BRASIL, José P. M. de. **A imigração açoriana**. Baseado em texto de José Pinheiro Machado de Assis Brasil. Disponível em: <http://assisbrasil.org/>. Acesso em: 31 out. 2006.

AZEVEDO, J. Lúcio. **Os jesuítas no Grão-Pará, suas missões e a colonização**. Lisboa: Tavares Cardoso, 1901.

BAÊTA NEVES, Luiz Felipe. **Vieira e a imaginação social jesuítica**: Maranhão e Pará no séc. XVII. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5. ed. São Paulo, Hucitec, 1990.

BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**: história externa das línguas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia**: análise do processo de desenvolvimento. Ilustrações de Israel Cysneiros, prefácio de Arthur Cezar Ferreira Reis. Rio de Janeiro: Conquista, 1976.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães (et. al.). Campinas: Pontes, 1989.

_____. **Problemas de lingüística geral I**. Tradução de Maria Glória Novak e Maria Luisa Neri; rev. Do Prof. Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

BEOZZO José Oscar. **Leis e regimentos das Missões**: política indigenista no Brasil. São Paulo: Ed. Loyola, 1983.

BERNARDO, Maria Clara R. & MONTENEGRO, Helena Mateus. **O falar micaelense**: fonética e léxico. Viseu: João Azevedo Editor, 2003.

BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed., revista e ampliada. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

BITTAR, M., FERREIRA Júnior, Amarílio. **Infância, catequese e aculturação no Brasil do século 16**. [s.l.], Revistas Brasileiras de Estudos Pedagógicos. v. 81, n. 199, 2003.

BLUMSTEIN, S. The Relation between Phonetics and Phonology. In: **Phonetica**, 1991, 48, p. 108-19.

BOLÉO, Manuel de Paiva. **Filologia e história**: a emigração açoriana para o Brasil. Coimbra: Edição da Casa do Castelo, 1945.

BORGES, Luiz C. **A língua geral amazônica**: aspectos de sua fonética. Dissertação (Mestrado em Linguística), IEL, Unicamp, Campinas, 1991.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRÖNDAL, Viggo. **Essais de Linguistique générale**. Copenhague, 1943, p. 20-1.

BRUNO, Ernani Silva. **História do Brasil - geral e regional**. vol. I. Amazônia. São Paulo: Cultrix, 1966.

BUENO, Francisco da Silveira. **A formação histórica da língua portuguesa**. 3. ed. rev. São Paulo: Edição Saraiva, 1967.

BUNSE, Heinrich A. W. **Estudos de dialetologia no Rio Grande de Sul: problemas, métodos, resultados**. Rio Grande do Sul: Edições da Faculdade de Filosofia – UFRS, 1969.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica. Introdução à teoria e à prática com especial estaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CALLOU, Dinah. e outros. Um problema na fonologia do português: variação das pretônicas In: Pereira, C.C. e Pereira, P.R. (orgs). **Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários** in memoriam Celso Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

_____. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Sociolinguística*. In MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna C. (orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**, v. 1, 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2001.

CAMARA JR., J. Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.

_____. **Princípios de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **Dicionário de lingüística e gramática**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

CAMPOS, Maria Sandra. **Aspectos fonológicos e lexicais do português falado na zona rural de Borba.** 2005, 247f. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

_____. **Amostras do português falado na zona rural de Borba.** UFAM / UFF / FAPEAM. Manaus, 2006.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **Iniciação ao latim.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica.** 7. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

_____. **História interna da língua portuguesa.** In: IV Seminário Superior de Língua Portuguesa. Cadernos da ABF, Rio de Janeiro: UERJ, vol. II, n. 02. Jan. 16 a 20, 2004, p. 43.

CARVALHO, João Carlos de. **Amazônia revisitada: de Carvajal a Márcio Souza.** Rio Branco: EDUFAC, 2005.

CASAGRANDE, Nancy dos Santos. **A implantação da língua portuguesa no Brasil do século XVI: um percurso historiográfico.** São Paulo: EDUC, 2005.

CAVALCANTE, Hydelvídia de O. Corrêa. **O falar do caboclo amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves.** Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1980.

CAVALIERE, Ricardo. **Anchieta e a língua falada no Brasil do século XVI.** Revista Portuguesa de Humanidades. Braga, Universidade Católica Portuguesa, v. 5, fases 1-2, 2001.

CEDEAM. **Cartas do Primeiro Governador da Capitania de São José do Rio Negro, Joaquim de Mello e Povoas (1758-1761): transcrições paleográficas.** Introdução do Prof. Samuel Benchimol. Manaus: Universidade do Amazonas, 1983.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: MIT Press, Massachussets, 1965.

CINTRA, L. F. L. **A linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo**: seu confronto com a dos Foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres, Usagre. Contribuição para o estudo do leonês antigo e do galego-português do séc. XIII. Lisboa: C.E.F., 1959.

COHEN, M. **Matériaux pour une sociologie du langage**. Paris, Maspero, v. 2, 1956.

COSERIU, Eugenio. **O homem e a sua linguagem**. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

COUTINHO, I. L.. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso. **Língua portuguesa e realidade brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1972.

CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética**. 2. ed. Trad. e adaptação Maria Carmelita Pádua Dias, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DIAS, Francisco dos R. M. **A história do Açores**. Disponível em: <http://www.gfcasp.hpg.ig.com.br/>. Acesso em: 26 abr. 2005.

DRUMMOND, Maria Francelina I.. **Do falar cuiabano**. Cadernos cuiabanos. 5. seção: Lingüística, n. 1. Cuiabá, 1978.

ELIA, Silvio. **Ensaio de filologia e lingüística**. 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo, MEC, 1975.

_____. **A unidade lingüística do Brasil**: condicionamentos geo-econômicos. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1978.

_____. **Fundamentos histórico-lingüísticos do português do Brasil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

FARIA, E. **Fonética histórica do latim**. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

FARIA PAIVA, Dulce de. **História da língua portuguesa: século XV e meados do século XVI**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

FERRARINI, Sebastião A. **Borba – primeira vila do Amazonas**. Manaus: Metro Cúbico, 1981.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem Filosófica - Antropológica**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1974.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Carlota et al. **Diversidade do português do Brasil: estudo de dialectologia rural e outros**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988.

_____. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA NETO, Waldemar. **Introdução à fonologia da língua portuguesa**. São Paulo: Hedra, 2001.

FISCHER, J. L. **Social influences on the choice of a linguistic variant**. Word. n. 14, p. 47-56, 1958.

FISHMAN, J.A. **The Sociology of Language: An Interdisciplinary Social Science Approach to Language in Society**. Rowley, MA: Newbury House Publ., 1972.

FREIRE, José Ribamar Bessa, et al. **A Amazônia colonial**. 4. ed. rev. e ampl. Manaus: Editora Metro Cúbico, 1991.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

FREITAS, Décio. **Escravidão de índios e negros no Brasil**. Instituto Cultural Português/Escola Superior de Teologia. Porto Alegre, 1980, p. 11-17.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Influência açoriana no português do Brasil**: em Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da terra do Brasil**: História da Província Santa Cruz. Disponível em: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. Acesso em 30 abr. 2006.

GIGLIOLI, P. Paolo. **Language and Social Context**. England: Penguin Books, 1980.

GLEASON JR. H. A. **Introdução à lingüística descritiva**. Trad. João Pinguelo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1961.

GOMES, Christina A. **Variação sociolinguística e teoria lingüística**. In: RONCARATI & ABRAÇADO, Jussara. **Português brasileiro II**: contato, lingüístico, heterogeneidade e história (orgs). Niterói: EDUFF, 2008.

_____. & RONCARATI, Cláudia N. Variáveis fonológicas. In: MOLLICA, M. Cecília & BRAGA, M. LUIZA (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

GONÇALVES VIANA, A. R.. **Estudos de Fonética portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973.

GONÇALVES, Eduardo Brasão. **O falar regional algarvio**. Stilus. Algarve, Associação dos Jornalistas e Escritores de Algarve, n. 1, 2000.

Governo do Estado do Amazonas. Disponível em: <http://www.amazonas.am.gov.br/>. <http://www.amazonia.com.br/>. Acesso em: 25 mai. 2006.

HAUY, Amini Boainain. **História da língua portuguesa**: séculos XII, XIII, e XIV. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

História da língua portuguesa em linha. **Geografia da língua portuguesa**. Gravação do grupo de variação do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa. Ponta Garça: São Miguel. Dialectos portugueses insulares açorianos. <http://www.instituto-camoes.pt-Dialectos> portugueses-Revista sonora. Acesso em: 3 jul. 2006.

HORA, Dermeval da (org.). **Estudos sociolingüísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa: Pallotti, 2004.

JAKOBSON, Roman et al. **Língua, discurso, sociedade**. Trad. de Cidmar Teodoro Pais, José Teixeira Coelho. São Paulo: Global Ed., 1983.

_____; FANT, G.; HALLE, M. **Preliminaries to speech analysis: the distinctive features and their correlates**. Cambridge, MIT Press, 1951.

JONES, Daniel. **The phoneme: its nature and use**. Cambridge, 1950.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

LADEFOGED, Peter. **A course in phonetics**. 2. ed. London: Harcourt Brace & Jovanovich, New York, 1982.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro, INL, 1943.

LEVI STRAUSS, C. Raça e História In: _____. **Antropologia Estrutural II**. Rio de Janeiro [s.d].

LIMA, Deborah de Magalhães. **A construção histórica do termo caboclo**. Sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. Cadernos NAEA (Núcleo de Altos Estudos Amazônicos), UFPA, vol. 2, n. 2, dez. 1999, p. 5.

LONGARZO, A. J. **Anchietana: desvendando a outra face**. 1996. Dissertação (Mestrado). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1996.

LYONS, J. **Linguagem e Lingüística**. Uma introdução (trad.). Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1987.

MAIA, Álvaro. **Discriminação dos limites dos municípios do Estado do Amazonas**. Manaus, [s.d].

MAIA, Eleonora Motta. **No reino da fala: A linguagem e seus sons**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

MAIA, M. C. **História do galego-português**: estado lingüístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência ao galego moderno). Coimbra: I.N.I.C., 1986.

MARQUES, Sandra Maria Oliveira. **As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal**. 2006. Tese (Doutorado), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

MATEUS, M.H.M. **Aspectos da fonologia portuguesa**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigações Científicas, 1982.

_____. **A mudança da língua no tempo e no espaço**. ILTEC / FLUL, 2005. Disponível no site http://WWW.iltec.pt/pdf/wpapers/2005-mhmateus-mudanca_linguapdf. Acesso em: 11 fev. 2009.

MATTOS, Rosa Virgínia Mattos e. *O português arcaico*: fonologia. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

_____. **Orientações atuais da lingüística histórica brasileira**. Revista DELTA. Vol. 15, n. especial. São Paulo, 1999.

_____. O português brasileiro: sua formação na complexidade multilingüística do Brasil colonial e pós-colonial. In: BASTOS, Sônia & VENÂNCIO Américo (orgs). **Do português arcaico ao português brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2004.

MCGRATH, David. **Parceiros no crime**: o regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional. Cadernos NAEA, publicação do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da UFPA, vol. 2, n. 2, dez. 1999, p. 57.

MEILLET, A. **Esquisse d'une histoire de la langue latine**. Paris, Klincksiek, 1977.

MELO, Gladstone Chaves de. **Iniciação à filologia portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1967.

_____. **A língua do Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1981.

MELLO, Octaviano. **Topônimos Amazonenses**: nomes das cidades amazonenses, sua origem e significação. Edições Governo do Estado do Amazonas. Manaus, 1967.

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. **A Amazônia na era pombalina: correspondência inédita do governador e capitão-general do estado do grão Pará e Maranhão** Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Tomos I, II, III. Brasil: IBGE, 1963.

MESGRAVIS, Laima. **O Brasil que os europeus encontraram: A natureza, os índios, os homens brancos.** São Paulo: Contexto, 2000.

MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Introdução à Sociolinguística variacionista.** Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

_____. e BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2003.

MONTAIGNE, Michel de. **Os ensaios: Livro 1.** Trad. de Rosemery Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MOTA, Maria Antónia C. Da. Língua em contacto e variação. In: **Varição lingüística no espaço, no tempo e na sociedade.** Actas do encontro regional da Associação Portuguesa de Linguística. Miranda do Douro: Edições Colibri, 1994.

MOUTINHO, Lurdes de Castro. **Uma introdução ao estudo da Fonética e Fonologia do português.** Porto: Plátano Editora, 1999.

MORAES, J. & WETZELS, L. Sobre a duração dos segmentos nasais e nasalizados em português. **Um Exercício de Fonologia Experimental.** Em: Cadernos de Estudos Lingüísticos 23. Campinas: UNICAMP, jul./Dez. 1992, p. 153-166.

MORAES, J. Intonation in Brazilian Portuguese. In: D. HIRST & A. DI CRISTO (eds.). **Intonation Systems – A Survey of Twenty Languages.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 179-194.

MORALES, Humberto López. **Sociolinguística.** 2. ed. Madrid: Gredos, 1993, p. 310.

MUNICÍPIO DE BORBA. **Relatório.** Manaus: Imprensa Pública, 1918.

MUSSALIM, F.; BENTES, Anna C. (orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do Atlas lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa de Ruy Barbosa, 1958.

NARO, Anthony J. **Estudos diacrônicos**. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. Fatores extralingüísticos: idade. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Introdução à Sociolingüística variacionista**. Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

NUNES, J.J.. **Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia**. 4. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1952.

OHALA, J. J. & JAEGER, J. J. (Eds). Experimental Phonology. In: **Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society**. Orlando, FL: Academic Press, 1986, p. 207-22.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. **A variação lingüística no Brasil**. In: RONCARATI & ABRAÇADO, Jussara. **Português brasileiro II: contato, lingüístico, heterogeneidade e história** (orgs). Niterói: EDUFF, 2008.

OLIVEIRA, José Aldemir. **A vivência nas cidades da Amazônia: algumas reflexões**. Cadernos do CEAS, Salvador Centro de Estudo e Ação Social, n. 207, p. 55, set./out., 2003.

OLIVEIRA, Fernão de. **Grammatica da Lingoagem Portuguesa**, [s.l.], 1534.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista – discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez, 1990.

PAIVA, Dulce de. **História da língua portuguesa: século XV e meados do século XVI**. São Paulo: Ática, 1988.

PAGOTTO, Emilio Gozze. **Variedade do português no mundo e no Brasil**. Línguas do Brasil /Artigos. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br>. Acesso em: 17 jul. 2006.

PAIVA, Maria da C. Fatores extralingüísticos: sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Introdução à Sociolinguística variacionista**. Cadernos Didáticos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

PÊCHEUX, M. **Analyse automatique du discours**. Paris, Dunod, 1983.

PENA, Sérgio D. J. (org.). **Homo brasilis**: aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC-RP, 2002.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas das Diferenças**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PINHEIRO, Aurélio. **À margem do Amazonas**. Col. Brasiliana (86). São Paulo: Editora Nacional, 1937.

PIKE, Kenneth Lee. **Phonemics**: a technique for reducing languages to writing. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1947.

PONTES FILHO, Raimundo Pereira. *Estudos de história do Amazonas*. Manaus: Valer, 2000.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis da fala: um estudo sociolingüístico do diálogo da literatura brasileira; apresentação de Ataliba T. de Castilho. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1982.

RANAURO, Hilma. **O falar do Rio de Janeiro**: um estudo de caso. Rio de Janeiro: Liv. Ed. Cátedra: Faculdades Integradas Castelo Branco, 1988.

REIS, Arthur C. F.. **A política de Portugal no vale amazônico**. Belém, 1918.

RÉVAH, I. S. **L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brasil du XVI^e siècle à nos jours**. Anais (do) Primeiro Congresso Brasileiro de Língua falada no teatro. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; MEC, 1958.

_____. **Comment et jusqu'à quel point les parlers brésiliens permettent-ils de reconstituer le système phonétique des parlers portugais des XVI^e – XVII^e siècles**. Separata das Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Lisboa, 1959.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. Disponível em: <http://geocities.yahoo.com.br/terrabrasileira/>. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Acesso em: 18 mai. 2006.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis,. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

RODRIGUES, Carmen Izabel. **Caboclos da Amazônia**: a identidade na diferença. Novos Cadernos NAEA, Belém, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, vol. 9, n. 1, p. 119, jun. 2006.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro. **Da zona urbana à rural/entre a tônica e a pré-tônica**: o alteamento /o/ > /u/ no português falado no município de Cametá/Ne paraense – uma abordagem variacionista. Dissertação (Mestrado em Letras), Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

RONCARATI, C. Fatores fonológicos. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Introdução à Sociolinguística variacionista**. Cadernos Didáticos, Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

ROSETTI, A. **Introdução à fonética**. Trad. Maria Leonor Carvalho Buesco. 2. ed, rev. e ampl. Lisboa: Publicações Europa-América, 1962.

SALES, João Nuno. **Ciganas**. Coleção dirigida por Osório Mateus. Lisboa, Quimera, 1988, *e-book* 2005.

SAMPAIO, Patrícia. **Espelhos Partidos**. Etnia, legislação e desigualdade na colônia. Sertões do Grão-Pará, 1755 - 1823. Tese (Doutorado em História), UFF, Niterói, RJ, 2001.

SAPIR, E. **Linguagem**. Uma introdução ao estudo da fala. 2. ed. Trad. de J. M. Câmara Jr.. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SAUSSURE, F.de. **Curso de lingüística geral**. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix. 1995.

SCHANE, S. A. **Fonologia gerativa**. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

SCHERER, Elenise Faria et al. **Políticas sociais para os Povos das águas**. Cadernos do CEAS, Salvador Centro de Estudo e Ação Social, n. 207, p. 91,

set./out., 2003.

SEBRAE/AM. **Diagnóstico sócio-econômico e cadastro empresarial de Borba**. 2. ed. Manaus: Programa Estudos e Pesquisas, 2001.

SILVA, Maria Emília B. da,. **Os estudos dialetológicos e o seu compromisso com o ensino**. Cadernos da ABF. Vol. II, nº 01. Rio de Janeiro: ILetras UERJ, 2003.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1976.

_____. **História da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

SILVA, Rosa V. Mattos e, **O português arcaico: fonologia**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

_____. **Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVEIRA, Omar G. **A "grammatica" de Fernão d'Oliveira**. Tese apresentada a concurso para provimento de uma cadeira de português do Colégio Pedro II. Rio de Janeiro, 1954.

SÍLVIO ELIA. **A unidade lingüística do Brasil: condicionamentos geoeconômicos**. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora, 1978.

SOARES, Lúcio de Castro. **Amazônia**. Guia da excursão n 8, XVIII Congresso Internacional de Geografia. Rio de Janeiro: Edição do Conselho Nacional de Geografia, 1953.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo**. 2. ed. São Paulo: Alfa-ômega, 1977.

SPESSATTO, Mary Bortolanza. **Linguagem e colonização**. Chapecó: Argos, 2003.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TEYSSIER, P.. **História da língua portuguesa**. Trad. Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A língua de Gil Vicente**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

TRUBETZKOY, N. (1939). **Principles of phonology**. Berkeley: University California Press. Tradução, 1969.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: an Introduction**. Great Britain: Penguin Books. 1979.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão,. **Texto e ensino: análise da variação**. Cadernos da ABF. Rio de Janeiro: ILetras, UERJ, Vol. II, n 01, 2003, p. 109.

VAISSIÈRE, J. Langue, prosodies et syntaxe. In: **Prosodie et syntaxe**. ATALA (Association pour le Traitement Automatique des Langues), 1997, p. 54-80.

VASCONCELOS, C. M. **Lições de filologia portuguesa: seguidas das Lições práticas de português arcaico**. Disponível no *site*: História da Língua Portuguesa em Linha. Arquivo. Lisboa: Dinalivro, [s.d.]. Acesso em: 14 de mai. 2005.

VASCONCELLOS, J. Leite de. **Textos arcaicos**. 4. ed. Coord. por J. Leite de Vasconcellos, Lisboa: Livraria Clássica, 1903-1904.

_____. **Lições de Filologia Portuguesa**. Lisboa, Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1959.

VASCONCELOS, Simão de. **Crônica da Companhia de Jesus**. 3. ed. Petrópolis: Vozes/INL, 1977.

VIANA, Oliveira. **Evolução do povo brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1962.

VOTRE, Sebastião. Fatores extralingüísticos: escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). **Introdução à Sociolinguística variacionista**. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos UFRJ, 1992, p. 75.

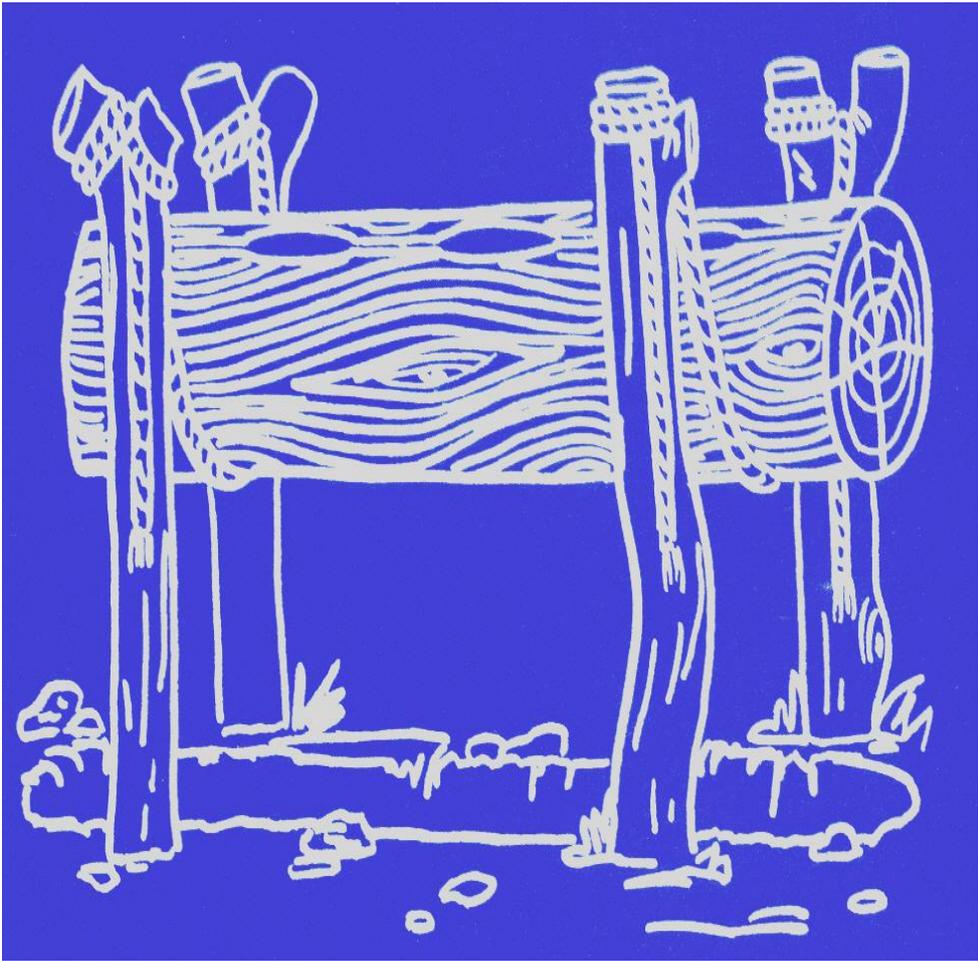
WEIREICH, V., LABOV, W., HERZOG, M.I. Empirical foundations for a theory of language change. In: Lehmann, W., Malkiel, Y. **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-187.

WILLIAMS, Edwin B. **Do latim ao português**: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Trad. por Antônio Houaiss. Oxford University Press, 1961.

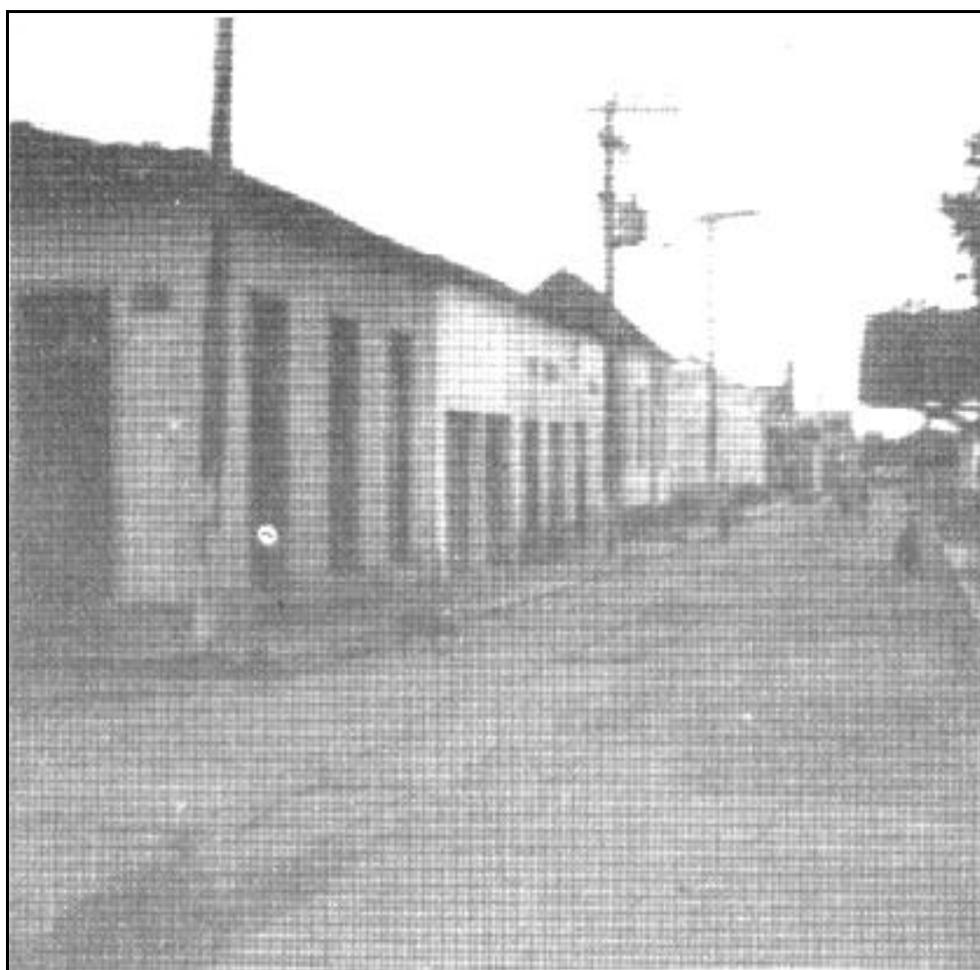
WOLFRAM, Walt & FASOLD, Ralph W. Field Methods in the Study of Social Dialects. In: COUPLAND, Nikolas & JAWORSKI, Adam (eds.). **Sociolinguistics**: a reader. New York: St Martin's Press, p. 88-115.

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 - Instrumento de percussão trocano



Anexo 2 - Casario antigo de influência portuguesa



Anexo 3 - Transporte fluvial (Recreio)



Anexo 4 - Basílica e estátua de Santo Antônio



Anexo 5A - AMOSTRAS DO CORPUS

Falante 31: MaCaP

Idade: 65 anos

Profissão: lavradora

Local de nascimento: Paraná dos Arara

Escolaridade: iletrada

Endereço atual: Santa Helena

E1-dona Maria, a senhora pode, então, falar o nome completo da senhora pra gente? como é que é o nome da senhora todo?

F-meu nome é Maria de Castro Pantoja.

E1-a senhora tá com que idade hoje?

F-tô cum sessenta e cinco anos (cachorro rosnando)

E1-e a senhora é nascida aqui mesmo?

F-não, sinhô!

E1-e onde que a senhora nasceu?

F-eu su nascido do... lago do... paranã dos Arara!

E1-e a senhora mora aqui a quanto tempo nessa região aqui?

F-mano! é aqui, já faz muitos anos! já... eu vim de lá... meu pai morreu eu tava... fiquei cum cinco anos... meu pai morreu, a mia mãe morreu, ela tá cum sês ano, vai fazê agora vinte e três de fevêro, foi morta, mas ela num morava aqui não!

E2-como era o lugar que você nasceu? Paraná...

F-dos Arara!

E2-dos Arara, né? e seu pais eram de onde?

F-unhum!... é... meu pai era de Santarém!

E2-e a mãe?

F-mia mãe era de lá, mia mia era índia... unhun! [pra que...]

E2-do paraná das Arara, né?

F-anhan! pra que qu'eu vô contá pavulage, dutra... dutra classe era num era, né? ela era do paraná dos Arara, mana, mas ela era índia, né? aí, eu su assim, pur caso que...

E2-de qual... de qual tribo ela era?

F-mana! aí, qu'eu num sei! quando ela morreu ela num contava pra nós, né?

E2-não contava, por que que você acha que ela não contava?

F-anhan! num sei, mana! aí, nós fiquemo... nós era doze irmão! só eu, nós era só

doas, su eu e a ôtra que tá im Borba, é só!

E1-senhora quando falou que a mãe da senhora era índia, parece assim que o... o... tem um jeito assim que as pessoas num gostam de índio, como é que é?

F-num gosta de índio! eu falo, pur caso qu'eu digo que mia mãe (risos) era índia, porque eu... falo assim particolá, né? porque num tem ôtras pessua, né? aí, eu falo assim!

E2-mas não gostam de falar, né? que [são índio?]

F-[não!] ninguém num falu assim, né? porque já... assim...ele... já... já... é... ôtras pessoa, né? assim particolá, <-ente> fica assim!

E1-e a senhora quando... quando era mais moça assim, com uns vinte anos de idade (cachorro rosnando), como é que era a vida da senhora naquela época?

F-ah! mano! <-ssa> vida, mano! mi mãe morreu eu tava cum cinco ano, né? daí, eu... dando morro, né? pela bêra, aí, deu <pa> nós vivê, <pa> nós vivê! aí, foi, foi, foi inté que nós se aprumemo, fiquemo sem mãe, sem pai... sem tudo!

E1-e quem que cuidou de vocês?

F-quando a mia mãe morreu num faz <-inda>... ela vai fazê cinco anos agora im feverêro, vai fazê cinco anos!

E2-vocês tiveram que trabalhá cedo pra...?

F-ih! nós tivemo que trabalhá pra lá, mana! nós vivemo puquinho lá, aí já que nós viemo já grandona, aí (inint) melhorá, aí melhorô, já depôs de tudo grande, né?

E2-e trabalhava e que, dona Maria?

F-eu trabalhava im roça, mana! era... era o jeito que num tinha ôtra cuisa, né? era im roça, só roça, só roça! <-té> agora, <-inda> trabalho im roça, é! (risos)

E2-é? como é que é pra fazer a farinha? conte pra gente!

F-como é? <-ente> joga n'água, aí, rala... aí... mete no moto(r), né? tira a... a dura pra metê no motô, aí, faz a mandioca tudinho, aí, <-ente> vai ispreme nutro dia, aí torra.

E2-espreme aonde?

F-no tipiti! aí, no tipiti aí, <-ente> torra, mana! mas... hun! é muito bom <pa> torrâ massa... eu acho dimás bom, olha! dipôs de eu caí (risos), contava pr'essa gente, dipôs que aquela caiu, <-cabu> tudo, minha animação de torrâ massa... tô cum três mês que eu caí... caí, minina, fui na casa do meu filho, fui chamá ele, minina, quando fui pr lá, e voltei, né? manazinha! faz de conta que me agarraru assim, me levantô, soltô cum mia cara no pau, que rasgô a mia vista!

E2-que que a senhora acha que... quem lhe agarrou?

F-mana, eu num sei, mana! olha! eu passei mal, essa minina, passei mal, passei mal, agora eu tu melhó, passei um mês e cinco dia lá im Borba... mana, direto assim na injeção, ah! mana! eu tenho passado uma vida que só eu! agora, não eu tu

melhó, eu milhorei essa semana!

E2-dona Maria, como é que faziam o sabão antigamente?

F-mana, eu num me lembro! (risos)

E2-não faziam sabão de andiroba?

F-eu <ac->...que o pessual contou que era de andiroba, né, mana? tudinho de andiroba fazia... é!

E2-a senhora nunca fez?

F-não, mana! nunca eu fiz!

E1-aí, o sabão vocês compravam?

F-nós comprava!

E1-é... e a senhora assim, quando... a senhora teve quantos filhos?

F-quantos filho eu já teve? dez::!

E1-dez! criou tudo?

F-não, mano! morreu três! dôs minino e uma minina.

E1-mas morreu por quê?

F-porque:: um morreu de quebranto, né? e os... dôs eu num podia tê já, Deus tirô!

E1-e esse menino que morreu de quebranto tinha quanto anos já?

F-ele tava cum <se->... cum três meses!

E1-três meses! e como... o que é o quebranto?

F-anhan! o quebranto é um:: assim, um chega cum fome, aí, tem uma criança, aí, o sinhô agrada, quando o sinhô sai, o quebranto já ficô na criança!

E1-que <so->... aí, a pessoa agrada... é como assim?

F-é, porque agrada! cum fome, né? sem tumá nada, aí, dá quebranto.

E1-e tem como <cu->... tirar o quebranto?

F-tem! tem gente que mata o quebranto na hora, mas tem gente que num mata nao!

E1-como é que o pessoal faz pra quebrar?

F-mano! pra <-ente>... eles benzi!

E1-benzer?

F-ununhun!

E1-e qualquer pessoa pode botar quebranto?

F-não, qualqué pessoa não!

E2-quando a senhora tinha seus filhos, a senhora tinha em casa mesmo?

F-ãnh!

E2-a senhora tinha os seus filhos em casa?

F-eu tinha!

E2-como é que fazia?

F-eu <tin->... quando me dava a dô, eu tinha rapidinho! sem partêra nem não, cê pensa que... que antes tinha partêra! (pessoa enxotando galinha), mana! num tinha

partêra! pra cá num tinha partêra, essa minina, huuun! agora naaaaão! eu tenho... eu tô canso de dizê pras pessoa (-agora, naaaaão! tudo mundo agora é bonito, que tem luz, tem tudo), eu disse, mas adonde eu morava, mana! hunnnn! era ruim, agora não!

E1-era muito difícil?

F-tá... agora... modificô, que agora tem parteeêra! tem médico, tem hospital, tem tudo! né? tem tudo na vida agora!

E2-e como é que a senhora <cria->... cuidava das doenças?

F-(pausa) [das criança?]

E2-[quando as crianças]... quando a senhora ficava doente, por exemplo... da mãe-do-corpo!?

F-ah! eu tinha a... a... aí, que eu ia <pa->... a... a... quando chegava gente de <fo->... da <di->... quando as partêra vinhu de Borba, né? qu'elas moravu tudo im Borba! aí, qu'eu mandava <pe->... pegá elas, pr'elas me puxari.

E2-como é que puxa, dona Maria, a senhora...?

F-bem, mana! (inint)

E2-depois tomava remédio?

F-é... tu sabe quantos vidro de aguardente eu tumei... eu <tu->... de... <ma-> de mamona eu tumei? eu tumei dez vidro! mas, olha! tu pensa qu'eu sufro uma dô na barriga? que mulhé d'agora só é cortada, a dor na barriga, é tudo canto... é isso dó, isso dói aqui... mas im mim não, sinhora! eu digo bem, essa minina, eu... eu tava falando... a...<tru> dia eu tava na ribancêra, tava falando pr'essa gente (-olhe! eu su mãe de dez:: filho, mas eu duvido qu'eu me quêxe, qu'eu tu sintindo isso, tu sintindo aquilo, não! nem operada eu num sô!), eu disse... tudo mundo se admira, os Graça aí! as mulhé dele que digo assim (-mas, tu num é operada, Maria?), eu disse assim (-minina, tu é doida!?), eu disse (-sô operada não, minina!) eu su mãe de dez:: filho, mas num... num... nem eu sô operada! e nem ando cum dô na mia barriga prum lado pro ôtro não!)

E2-é porque a senhora [se cuidava], né? como a senhora se cuidava?

F-[eu me cuidava], ah! muito remédio! eu tumava, dipôs de eu tá... quando acabava o resgarde, né? aí, eu tumava o <de->... o... os remédio direto!

E2-qual era o remédio?

F-casca de pau, né? mana! que tem muito na... na bêrada! e a mamona qu'eu tumei... basta dizê qu'eu tumei dez:: vidro de mamona! num tem pra mulhé que ganha neném!

E2-e quando tinha o bebê, andava assim, pegava chuva, andava... pegava vento, ou...?

F-de causá num causava mar não! agora, mulhé d'agora num pode nem saí, tão

tudo caído <pulo> terrêro! num pode más fazê nada! eu digo (-ah! mana!), eu morava lá na casa do meu sugro aí no Jauari, de lá eu vim aqui pra casa da mia mãe, mas eu duvido que sufro dor na cabeça, agora qu'eu sofro dor na cabeça porque eu caí, né? mas eu nunca sufri, tá aqui esse daqui que mora cumigo, esse velhinho aqui, faz muitos ano, mas nunca tive... dizê (-ah! essa daqui anda só... choca cum dor na cabeça... isso aquilo! não! eu não, num fico... num fico mermo!

E2-me diga uma coisa, por que que o... quando é que o... parto sobe pra cabeça, por que que isso acontece?

F-porque num toma o remédio <pa> arriá né?... é... porque <so->... a <su->... eu tenho filho, num tomo o remédio... completo, logo <pa> descê tudo, né? e eu não, eu, quando a... a... a... tinha o meus filho, eu tomava logo cumpleto, aí, pronto! pegava chuva, pegava sol, mas nunca... nunca! e eu num...

E2-e quando sobe pra cabeça o que que acontece?

F-o que acuntece, fica doido! o parto (inint), o parto num pode subí pra cabeça ele fica doido! viu!

E1-e que remédio que a pessoa toma pra descer tudo?

F-mano, ali qu'eu num sei!

E1-a senhora tomava o quê?

F-eu tumava... é o que eu tu lhe ixplicando... a mamona! a mamona é muito bom, mano! eu nunca sufri nada não! tava falando pr'essa gente (-nunca!), na mia vida não!

E2-dona Maria, como é essa história do boto flechar as pessoas?

F-é assombrá!

E2-ãnh! conte aí, como é que...?

F-é assombrá!

E2-como é que acontece?

F-o que acuntece, que tu í na bêra impatada (risos), e que achá um que tá, de vaga, né? pro lado dele, ele vai só... bobá cum ele! vai dançá!

E2-ms como é que ele flecha?

F-mana! ele assombra! pessoa fica doido, né?... fica assombrada!

E2-e, aí, tem remédio pra...?

F-tem! só tem que... quem sabe tira(r) ele, os... faze(r) banca, faze(r) isso pra tira(r).

E2-quem é que tira?

I-(inint) do pajé!

F-aqui só tem um, que eu gabo ele que <-té> é o cumpadre Antonio Ferro, mora lá im Borba!

E2-ele tira assombração?

F-unhun! ele tira na hora, mana!

E2-senhora já viu alguém aqui assombrado pelo boto?

F-já! uma cunhada minha... falava que só ela, aí, fui imbora, ela... até se arretirô daqui, ela foi imbora pra mora(r) lá im Borba... ãssim... runh! quase ela morre!

E1-como é que aconteceu com ela?

F-que aconteceu que ela correu... tava na bêra tumando banho, né? a filha desceu, impatada e se... fez já ela... desceru junto, tiveru lá, ela ainda tumô banho, e ela <-inda> ficô... aí, assombrô ela! aí, mana! runh! gente assombrado é um verdadêro lascado! mas quase ela morre!

E1-a pessoa assombrada fica como?

F-<-ente> fica... <-ente> fica doido, né? fica doido mermo!

E1-mas o... o boto assim pra assombrar a pessoa, ele vira gente, como é que é?

F-mano! eu já vi dizeri, qu'eu não... diz que vira gente, né? a pessoa... eu tenho um... um cumpadre qu' é pirigoso! ele mora até lá im Borba, ele vinha até cumigo agora, mas eu foi ficá... eu foi... eu vim de lancha, e num deu pra mim trazê ele.

E1-mas ele é pirigoso por quê?

F-por casa qu'ele é bamba mesmo <pa> tirá os ispríto que tivé... o assombrado que num... num tivé... é... tira mesmo!

E2-como é o nome dele?

F-Antonho Ferro!

E2-ele tá lá em Borba?

F-tá, sim senhora!

E2-onde é que ele mora lá?

F-mana, vu já te ixplicá (galo cantando), tu sabe adonde é a casa do Zozó?

E2-não, mas eu posso saber!

F-bem perto da casa do Zozó... é... indo daqui do::... do frutuante (vozes)... do frutuante do cumpadre Ernando! subindo lá, né? num tem aquela travessia lá... num tem aquela pracinha lá... tem duas praça, uma pra cá e uma... bem cunfronte a casa do Zozó mesmo, bem lá ele mora!

E2-Antonio Ferro, né?

F-unhuuuun! ele mora em lá! bem perto do (inint).

E2-e... me diga uma coisa, a senhora pescava com o seu marido?

F-uhun! nem flecha eu num sei pegá! ah! eu... não, mana! eu num sei pescá... eu (risos), (inint) sei pescá, digo (-meu Deus do céu!), qué dizê quem... uma (inint) de matá pêxe, huje eu disse um dia pro Tracajá, pena que nem isso num sei flechá... num sei flechá, lá num sei jugá uma linha lá, eu sô uma buba vela mesmo (risos), num sei! pra que eu vu cuntá pavulage, eu num sei... essas coisa aí eu num sei pescá não!

E2-mas o Claudionor pesca?

F-pesca!

E2-e quando ele pesca é a senhora que vai cuidar do peixe?

F-é!

E2-como é que faz pra cuidar do peixe?

F-<-ente> raspa, retalha, né? e tira o bucho, iscarda, lava bem cum limão! aí, que vai cuzinhá o pêxe!

E2-tem que lavar com limão por quê?

F-purque é:: muito pitiú, né? aí, o pêxe é muito... a gente iscalda bem iscaldadinho e passa limão, cozinha ele.

E2-aí, come com quê?

F-cum farinha!

E2-a farinha num pode faltar?

F-runh! não, eu aqui, na mia casa, não, mana! vucê... pode subí nessa bêra aí, nesse bêradão... que a senhora cumpra um litro de farinha, num tem! mas aqui im casa eu quero é vê que eu fico sem farinha.

E2-vocês fazem pra vender?

F-não, mana! eu faço assim pra nós <armu->... se <jan->... a... a... a... <pa> nós passá o tempo mermo aí, <-té> acabá, quando acaba, a gente torra vai fazê de novo.

E2-como é o café da manhã de vocês, com que vocês tomam café? tem pão por aqui?

F-não, mana!

E2-o que que faz pra tomar...?

F-o que nós faz que nós compra... lá im Borba, aí nós traz... bulacha, rosca! (galo cantando)

E2-mas quando não tem a bolacha, a rosca, toma com quê?

F-mas eu nunca... ficô aqui im casa, é direto, quando eu vô pra Borba eu trago, mando atrás, mando comprá, mas quando, num fico sem uma... sem uma bucha dentro da mia cozinha.

E2-e as outras pessoas, quando falta o que é que elas fazem?

F-elas vão... comprá também! mas eu num fico sem macaxêra, sabe! cunhece? macaxêra é bom! pois é!

E1-a senhora faz cozida?

F-cuzido... frito... cuzido! é bom macaxêra!

E2-pra tomar no... com café da manhã?

F-é... o Dudu tava cu'uma saca pra... pra aquela impregada do Careca aqui im casa! pra prima dele mermo!

E2-vocês têm cacau aqui?

F-num tem, mana!

E2-nunca trabalharam com o cacau?

F-não, mana! eu tenho três pé de cacau (risos), é um bem aí, ôtro bem aqui, ó! não... eu num plantei aqui, tu sabe, é o seguinte, porque vai pro fundo... é só o que não plantei!

E2-e quando vai pro fundo, dona Maria? é perigoso?

F-mas! morre tudo o que tá plantado!

E2-e é perigoso... pra... pras pessoas?

F-unhun! é, mana, fica ruim! <-caba> tudo que tem! <caba> banana, <caba>, <-caba> tudo! vai pro fundo, né?

E2-e dá... e dá cobra?

F-runh! sicuriju! (risos)

E2-senhora já viu assim?

F-sicuriju::? runhun! pergunta pr'esse daqui! caiu n'água uma viagem atrás do sicuriju, caiu n'água, tava trançado... numa goiabêra lá... na cuiêra, que lá istá... a... cuiêra, ó! que rodaru o sicuriju e trançaru... mataru!que tu pensa que num mataru!

E2-era grande?

F-minina, era muito grande?

E1-que jeito que tava?

F-<deuso livre>, é muito ruim!

Anexo 5B – Amostra do *corpus*

Falante 48: ONuB

Idade: 65 anos

Profissão: lavrador

Local de nascimento: Foz de Canumã

Escolaridade: analfabeto

Endereço atual: Foz do Canumã

E1-é... seo Onídio... o... como é que é o nome todo do senhor, primeiro?

F-é Onídio Nunes Barreto.

E1-e o senhor tem quantos anos?

F-sessenta e oito.

E1-sessenta e oito anos... o senhor é nascido aqui mesmo?

F-aqui mesmo.

E1-aqui <ne->... nessa... nessa região aqui?

F-nessa região aqui.

E1-onde exatamente o senhor nasceu?

F-aqui mesmo, foz de Canumã!

E1-Foz de Canumã! tá, e o senhor sempre morou aqui?

F-é, sempre morei aqui, é!

E1-o senhor já conhece Manaus?

F-já.

E1-já, né?

F-Manaus, Itacoatiara, Borba, <puraí> tudo!

E1-ãhan! agora o::... o senhor já... já é morador antigo aqui, como... como é que é a vida do lugar aqui::, o dia-a-dia de vocês?

F-sim! olha, aqui o disinvorvimento más aqui é pescaria... pescaria... e agucortura também, né? pescaria, agucortura, são esses dôs poblema dê... dê disinvorvimento aqui, dê... dê... vamo dizê assim de pogresso, né? é a pescaria e... a agucortura... é! pecuária, quase ninguém mexe com esse negócio de pecuária, é bem pôcos... que mexe cum esse negócio de pecuária, né? más é pescaria a agucortura mesmo.

E1-unhun! e o senhor sempre trabalhou com quê?

F-eu trabalhei sempre na agucortura mesmo!

E1-agricultura, né?

F-é.

E1-mas o senhor já pescou também?

F-não! qué dizê pescava só assim <pa> alimentação de casa, né! mas, pra assim comercializá, não! agora o povo daqui... têm muito daqui, não, que pesca <pa>... cumercializá, né? pegá o pêxe, levá pra Manaus pra vendeê, esse negócio todo aí! agora, eu não <pe->... pescava só mesmo pra manutenção de casa mesmo, né? pescando de malhadêra, pescando... de zagaia (inint) o pêxe de noite, esse negócio assim!

E1-de... como?

F-de zagaia... zagaia!

E1-como é que é a zagaia?

F-zagaia... é de nôte! aquela pescaria de nôte! pega a lanterna vai focando, o pêxe taí, <-ente> arpoa... né? cum zagaia!

E1-hum! entendi! agora a... a agricultura, o senhor plantava o quê?

F-a roça! milho! juta, eu plantei muita juta também, né? na época! plantei muita juta! siringa, também cortei muita siringa, é! cortei muita siringa também, agora, parei por casa que... siringuêra num tem más dinhêro, ficô disvalorizada, a burracha do Amazonas ficô disvalorizada, aí, a gente parô, né? (barulho) mas nós tinha siringal, né?

E2-como é que trabalhava na juta seo...?

F-a juta era um trabalho... era um trabalho muito cansativo, e muito... até arriscado, porque tinha essas ocasião que <á->... quando a inchente era grande... o jutar ficava c'uma braça, doas braça de fundura, e a gente tinha que buscá aquele fêxo de juta lá no fundo, c'umo acunteceu diversas vez cum muitas pessua, o bicho agarrava a pessua lá... im cima da jangada... <-ente> uma jangada de cem, duzentos fêxo, né? e, aí, ia tirá a juta lá no fundo pra subí pra colocá... pra pudê lavá ela, né? tirá a fibra dela, e, às vez, o bicho, teve ocasião que o bicho agarrô o... as pessoa lá no fundo, sucuriju a <co->... a cobra sucuriju, né? e matava mesmo, era um serviço arriscado a juta, é! mas graças a Deus que cum nós num acunteceu nada disso!

E1-aí, tinha... é... fazia o quê? pega a folha...?

F-<-ente> pega a juta, tira a aquela fibra, leva no varal, istende, seca, e vai fazê os farlido, os farlido são uns farlido grande, assim, dê cinqüenta, sessenta quilo, né? qu'ente faz... aí, quanto tá... aquela quantia, <-ente> vende pro patrão, ô pra quarqué uma pessoa que... num tivé cumpromisso, gente vende pra quarqué que <ti->... que comprá, né? era isso! às vez, nós produzia uma tunelada e meia, duas tunelada, cunforme o roçado qu'ente fazia, né?... é... mas é um serviço meio... não é fácil não! tem <épo->... ocasião qu'ente caía n'água... cum chuva, no inverno... chuva, né? caía n'água, a chuva chuvendo, a gente tinha que caí n'água porque, sinão, istragava o... o jutar, porque ia pro fundo, e não apruveitava, tinha que í lá naquele dia! chuva... fosse cum chuva, ô num chuva, o cara tinha que í, é... tinha

que í no trabalho!

E2-além do <sucú->... do... da cobra, tinha um outro bichinho que gruda, [qual é o nome?]

F-[isso! isso!] sanguessuga! aquilo também é uma coisa (inint), uma ocasião, eu lá... só eu no roçado, isso já era umas... quase quatro hora, aí, eu caí n'água, novamente, pra tirá os fêxo pra lavá a juta, né? caí n'água, peguei a <cui->... butei na canoa e fui lavá, era uito fêxo qu'eu tirei <pa> lavá, quando eu istava terminando de lavá, já o derradêro, eu senti uma cucêra bem no tuco da mia cuxa, olha! eu tava <si->... eu tava c'um... cum carção que nem esse aqui mesmo, né? eu senti aquela cocêra bem no tuco da mia cuxa, aí, eu miti a mão... run! mia nossa sinhora... que quando eu miti a mão, incheu... mia mão da... da... na sanguessuga, era destamanhão a bicha assim, e aquilo... quando que isbarrô, ela já tava... ela só fiz iscapulí pro ôtro (inint), aí "topô"no purão da canoa, mia perna ficô lavadinha de sangue, parece que tinhu me cortado, né? aí, digo mermo... que tenho medo e... e nujo daquele bicho! mia nossa sinhora, isso é uma sanguessuga, aí, eu tirava aquela bicha, chega tava dançando... era perto de casa assim! naquele tempo eu tinha mia mãe, aí, eu foi pra lá, quando ela me inxergô (-que fui que acunteceu, rapaz, tu te cortô?) (-e, que nada mamãe, foi uma sanguessuga que me pegô e... não já tá lá no purão da canoa, aí, eu num tinha nem terçado lá, né? aí, eu peguei um terçado, ela fui cumigo, chegemo lá a bicha tava lá! aí, cortei ela cum terçado, chega o purão da canoa ficô (inint) de sangue! a bicha (inint)... me admiro que... aquile qu'é um bicho... ela era destamanhão assim, pús eu num sintia aquele bicho, num sintia não! eu lavei uito fêxo de juta, e eu num sintia ela sigura aí no tuco da mia cuxa, e quando coçô, qu'eu miti a mão, que fui dá nela, já tava cheia, só fez iscapuli, "tchopô!" n'água, isso... é... sanguessuga, pús ela tem... im certas parage qu'ela... cumo aqui no Madêra, meu ermão trabalhu num jutar dum... é... dum tio nosso... tio <Orlan->... tio Orlando, diz ile que <-ente> passava na carrêra, numa báxa que tinha, mas, quando saía dê lá a perna dele vinhu implastadinho só delas... é... ela na... na carrêra, que <-ente> passava, perna já saía implastadinha só dela... sanguessuga! aquilo é um bicho muito... vige, Maria!... é...

E1-mas, de primeiro usava na medicina, né? pra, diz que, era pra limpá o sangue?

F-é::, diz que era! era mesmo... é! a pessoa que tava cum sangue, assim, meio ruim, ela <tira->... puxava tudo aquele sangue roim, né? isso... usava mesmo! mas, eu tenho... é... medo daquele bicho, que Deus me livre!

E1-essa cobra que o senhor falou que dá no fundo, que é... quase... parece que pegou uma pessoa...

F-é.

E1-como é que é o nome dela?

F-é sucurijô!

E1-sucuriju, mas, ela... é... é... é venenosa?

F-não, ela num é venenosa não! ela só:.... agarra a pessoa assim, ela mata só no acocho, né? ela mata só no acocho... ela... ela, no que ela <-garru>, deu o laço, aí, ela sortá, ela num... num morde más não! ela... no que ela deu o laço, ela sortô, a cabeça dela fica livre! (inint) mordendo não, ela só acochando, mas aquilo pra matá é rápido, que o acocho dela... agüente a porrada dela, que o acocho dela é forte! com uma <-casião>, o camarada istava arpuando pirarucu, cê já viu falá no pirarucu, pôs é, ele foi arpuá pirarucu, aí, ele tava entre dus paus assim, isperando pirarucu bóia pr'ele arpuá, né? ele nem dava... diz que quando deu fé já... quando o bicho jugu o laço, veio por trás dele e jogô o laço, mas a valença dele, ela jugu o laço e prendeu os dus pau, e os pau erum grosso, né? aí, o bicho forcejava, <forceja-> e ele ficô lá quieto, mas era dessa grussura, ó, o animar, munstro, e, aí, fui acochando, fui acochando, fui acochando, fui acochando... até que parü dê acochá, aí, veio... ele contava, que aí, veio bem pertinho do nariz dele já, a cabeça dela, aí, ele aguentu o fuligo, né? aí, ele aguentu o fuligo, aí, teve... lá ele puxô a cabeça e...se disimbrulhu dê novo, caiu n'água e... pensando que já tava morto, né? diz que... porque aquilo, o sucurijô, assim, diz que é pescador da cobra grande, pescadô da cobra grande! ela mata a <co->... essas... essas coisa, ela mata assim, aí, vai chamá, aí, caiu n'água que... run! que quando ele saiu, cara... pra terra, olha, pegô a canoa dele e, olha, se mandô! dizi que ela, diz que ela vai avisá que ela já matu uma... <-ma>... a... a caça qu'ente chama pra ela... pra cobra, né? aí, diz que a bicha vem... buscá, e quando chega que num tá, aí, diz que ela ingole o sucurijô, o pescadô, a cobra grande ingole o pescadô, porque tá mintindo... é... de acuntecê, diz ele que nem dava, que o bicho veio tão sortinho, quando deu fé, foi o bicho inguliu "vuh!"que ile prestô atenção tava no laço já! e, aí, mas os pau erum grosso, ele foi acochando, foi acochando, foi acochando... aí, ele quieto lá, ele quietô, aí, veio bem pertinho do nariz dele, ele aguentô fuligo, aí, viu que num tava más puxando... tava morto cum certeza, aí, só fiz disimbrulhá, e... (risos)

E1-essa cobra tem quantos metros, mais ou menos?

F-olhe, dessa cobra... aí, intão, a cobra grande é uma coisa que muitas... dizim que num existe cobra grande, porque num tem isso na lenda, né? cobra grande! tapiraiauara também diz que num tem... já viu falá em tapiraiauara?

E1-não!

F-é uma onça, onça d'água falado! tapiraiauara... é uma <on->... é uma onça pirigosa n'água, e a cobra grande também! mas existe a cobra grande, sei bem que existe, e a tapiraiauara também existe, porque aí num lago que tem... jauari... lago do jauari, ali atrás do Nova Olinda lá tinha! uma viagem meu tio fui pra lá, e, aí, uma

filha dele inguliu uma ispinha, aí, ôtro cumpanhêro fui chamá ele lá... isso já era umas sês e meia da nuite, lá quando chegu bem no meio... que o lago aru, que nem esse canumazão de largura, né? largo o lago, quando chegu lá ele gritu "ih::!", aí, respondeu assim pru lado dum anigal, num sei se vucês cunheci o que é aningar, aningar é um bamburrar pro'nde o bicho se mete lá, aí, ele (-puxa, tá pra ali!), aí, ele no remo pra lá... chegô bem no meio do rio, ele tornô gritá de novo, aí, ele arrespundeu, aí, ele cunhiceu que não era grito de gente não! aquilo era um ôro dum bicho, né? que o bicho ôrra iguar a um boi, essa onça d'água, é o mermo ôro do boi, aí, ele cunhiceu, disse (-rapaz, isso não é o (inint) que tá pra cá não, olhe, isso... isso não é bicho, isso é um urro, e é tapiauara!) (barulho) <-ente> já sabia que ela morava lá mermo nesse lugá... iles dubraru pra trás, mas o bicho anada discunforme, quando chegaru na buca do igarapé, que entraru pra saí pra fora, pra pegá esse paraná aqui, ela já vinha bem pertinho deles, olha! aí, iles... aí, iles intenderu mermo que era ela mesmo que vinha istorrando, istorrando, istorrando, istorrando, e eles meteru no remo, era ele más um rapaizinho que fui cum ele, diz ele, que quando chegu pertinho já pra saí aqui pro paraná, que ela dêxô ele, e vortô de novo lá pra onde... se acomodava mesmo, né? era! essa tar da tapiraiauaara, é uma unça pirigosa, braba pue dimás, né? e a cobra grande ixiste também, porque uma viagem... era até um italiano... era um cumerciante, ele num acreditava que ixistia <ta->... ixistia cobra grande, ele num acreditava que ixistia... era aí no capitari, no Madêra, no Capitari, abáxo do Urucurituba, bom! até qu'ile vinha passando num mutur, mutur dele andava bem a beça, quando ele deu fé, quando a bicha... boiô e butô im cima do mutur, aí, ele mandô o chofer puxá o que tinha de força no mutur, né? e ele... tudo o tempo a bicha acompanhando o mutur, num ficava de jeito nenhum... aquile munstro bicho, mas num ficava, aí, ele se alembrô que::... naquele tempo... tinha aquela festa de Borba, Santo Antonio de Borba, né? aí, diz que se o... aquele bicho... ele fizê cum que aquele bicho dêxá... a imbarcação e ficá que ele ia cunduzí pessuar de graça lá pra festa dele, né? aí, diz ele, que o bicho fui dêxando, aí, tirô assim (inint) assim, ficô lá no remanso novamente onde ela morava, no remanso! remanso é aquela... rebuliço de água, né? aquele negóço todo, né? tem aquele rebojo, aí, ele ficô pra lá! diz ele, mas viu! viu a bicha parmo im cima mesmo, quase bêra cum bêra cum o mutur assim, a cobra grande, aquele munstro do animal... é.

E1-e o senhor saiu pra caça(r) assim muitas vezes?

F-olha, eu caçava ,assim, mas perto assim... <puraqui> mesmo nessa região... nessa terra daqui mesmo, matava só, assim, negóço de porco, anta, <-ente> matava também assim!

E1-e... e como é que é o jeito de caçar aqui, do lugar?

F-olhe, o jeito de caçá aqui, gente entra na mata (barulho), pur ixemplo, dê dia... porque tem caçada dê dia, tem caçada dê nuite, né? de nôte, é o seguinte, de nôte <-ente> faz o caminho bem varridinho, bem limpinho, aí, de noite a gente vai naquele caminho, aí, tem a vereda da caça, onde sempre ela atravessa, às vez, o caminho, né? aí, o cara fica isperando, num demora a bicha vem! é:: paca, é viado, anta mesmo!

E1-aí, mata com a espingarda?

F-aí, mata cum a ispingarlda, é.

E1-mas, tem alguma armadilha que faz?

F-olha, dê armadilha tem... armadilha... mas eu nunca gosto de armadilha não, porque... sempre... tinha causo que se dava cum esse negócio de armadilha, né? de... às vez, a pessoa tá dispercibido, num se alembrá... é... que aquilo... armadilha é o seguinte, cê parte um pau, mete a ispingalrda aqui, ôtro no cano, pra agüenta(r) ela, aí, cunforme é a caça, é a artura que a gente coloca a... a espingarlda, né? pur ixemplo, paca, é isso aqui, olha! a paca... altura, o viado ia <puraqui>, ó! e a anta também, a mesma coisa do viado também... é, e, aí, às vez, a pessua facilitavu, num se alembravu, dava na corda... deu na corda, a bicha dispara! é uma varinha que tá no... no gatilho, no qu'ente dá na corda, aquela varinha sobe o gatilho e dá no... no coiso da ispingarlda, e, aí, a bicha dispara.

E1-essa armadilha chama como?

F-é armadilha mesmo! é armadilha mesmo!

E1-é armadilha mesmo! mas tem armadilha sem ser com espingarda?

F-tem uma que faz de tuco... agora tão fabricando... muita gente faz aqueles tuco destamaninho assim, e tem diversos tipo de armadilha também, né? porque tem armadilha até pru pêxe também... no bêradão! pru pêxe, é o seguinte, vucê pega uma vara <-finca> bem... bem <-fincado>, põe uma... uma linha com anzor aqui na ponta da vara e verga aquela vara, e aqui tem... ôtro... mudelo qu'ente faz pra prendê aquela vara, né? aí, a isca fica cum... o anzor fica com a isca, um pêxe, uma coijo, coloca lá, quando o pêxe vem cumê, que pega na... no anzor... um pêxe, aquela vara dispara "vopt!", que o pêxe vai ficá lá im cima!... é... a... a vara, ela tem uma força danada, o pêxe fica lá im cima, pendurado no anzor, né? é uma armadilha também! pra pêxe, agora, pra caça, tem diversos tipo de armadilha, tem gente que faz até armadilha... o seguinte, pur exemplo, tem a vereda da caça aqui, qu'ela passa toda noite, né? vereda é o caminho dela, que ela passa aí, aí, o camarada pega, faz um buraco, assim, <purali> assim, de dus metro de fondura, vamo dizê assim, aí, coloca uns pau pór cima, umas fulha, que, aí, vucê num nota se tem o buraco ali, num nota se tem buraco ali, e, aí, a caça já é acostumado passá ali, né? mas aquilo é bem rasiño, aquela fulha cum aqueles galinho qu'ente coloca lá, aí, ela vem, no

qu'ela vem... qu'ela pisa lá "tuh!" lá <pa> dentro do buraco... (criança falando)

E1-essa armadilha tem nome?

F-não! é armadilha mesmo, só qu'eu... num é o buraco qu'ente faz, né? aí, ela "thô!" pra dentro do buraco, agora sai, num sai de jeito nenhum, aí, quando chega a bicha tá lá e o camarada pega e mata! (criança falando)

E1-aí, além dessa aí, tem alguma que... é... pega o bicho vivo? tem alguma armadilha dessa que pega o bicho vivo?

F-tem! é aquela... é tipo uma... olha, eles pegavu era onça, isse tipo que tu falando aí, eles pegavu onça viva, né? é uma armadilha também, agora, aquela tem um... é... <-ente> faz de vara mermo... de vara... <-ente> corta uma varas, e vai fazendo aquilo, assim, tipo um... num sei se vucês num cunhece, paresque, a arapuca... num cunhece não! pôs é! mas é cumprido, faz cumprido, cumo daqui pra ali dessa porta... corta más cumprido! pra onça faz más cumprido, agora pra onça tem que ser as vara, pelo meno, nessa grussura, pra onça, né? tem que se(r) a vara, pelo meno, nessa grussura aqui, aí, faz ela lá, e dêxa uma porta aqui, aí, vucê pega... um macaco, um pássaro, seja lá o que for! aí, coloca lá dentro, lá pru lado de lá, a porta é aqui, vucê coloca pru lado de lá qu'é pr'ela intrá pru lado... sintia ela entre, no qu'ela entru... a porta tá suspensa, né? más tem... uma burracha aqui c'uma... um preguinho aqui, qu'ente ingata uma corda, no que a... a bicha vai passando...que passa, aí, aquela tampa arreia "tuh!", aí, ela fica lá dentro, num sai de jeito nenhum, ela fica só rodando ali dentro! num sai! quando a pessua chega lá, a bicha tá lá dentro, a onça, maracajá, seje [lá...]

E1-[o bicho] que tá lá é vivo?

F-é vivo, é vivo! tá vivinho lá dentro... é... pode passá o tempo que passá, ela num sai lá de jeito nenhum! fica até... o dia que o camarada vai lá!

E1-e, aí, essa armadilha tem nome?

F-olha, o... nome dessa armadilha mermo é arapuca... é arapuca, é... cumo eu tu lhe falando, é tipo assim... é más istreito, más ô meno, vem dá essa largura aqui, ó! pra cá (grito de criança), mas só qu'é cumprida, daqui pra porta assim!

E1-unhun! e pra pegar passarinho tem armadilha também, como é que faz aqui?

F-é... pra pegá passarinho tem muito... pessual <puraqui> mermo faz de tala! aquelas... aquelas cuisinha assim... é... cumo é que é?

I-gaiola.

F-gaiola! gaiola, faz aquilo <pa> pegá passarinho, né? é gaiola! aí, bota a cumida lá dentro, quando já tem ôtro curió, pur ixemplo, pro... o curió que (inint) aquele negóço tudo, né? e o ôtro vem... vê se é, aí, inxerga ele lá dentro, aí, vai... entra também pra lá, pra í brigá cum ôtro que tá lá dentro... quando ele entra pra lá a portinha também "truf!", aí, ficum lá dentro.. é... a gaiola, justamente pro passarinho!

E1-as pessoas aqui, costumam prender muito bicho, assim, pra criar em casa? passarinho, macaco, essas coisa assim, ou não?

F-é... não! <puraqui> não! principalmente, agora... depus que... sôrgiu o ibama, que agora o ibama dá im cima, esse negócio... ele pegá ele leva mesmo, às vez, ele dá... paga morta, aquela coisa toda, né? e, aí, num sei que é... meio difiço tê... à vez, tem um... papagaio, à vez, macaco é difice! do primêro não, do primêro, pessual criavu mermo (galinha cacarejando) <pa> (inint), aí, criavu mermo, mas huje im dia, paresque, num tão más criando não!

E2-como é que faz pra... preparar... pra fazer o roçado da mandioca, como é que faz?

F-não, aquilo <-ente> roça, primêro roça os... os mato más báxo... bota... roça primêro o mato más báxo, depôs vai derribá, agora já facilitô, porque tem motosserra, né? do primêro era no machado... machado, aquilo... num... num sei se vucês cunheci o qu'ê machado? pôs é! e... encabavum o machado e ium no toco do pau (inint), até o pau caí e derribavu, às vez, uma quadra, duas quadra (galinha cacarejando), aí, derrubavu tudo o machado, aí, os pauzão iu batê <purali>, pegava três, quatro home só num... só num pau, aquilo pra pudê derribá, né? às vez, <-ente> levava meio dia, quatro home num pai daquile pra derribá, aquele munstro do pauzão <purali>, já hoje im dia não, motosserra é rapidinha, né? derroba o roçado, aí, depôs derrobá o roçado, aí, ispera, pelo menos, vinte dias, pra queimá, né? pelo meno, tem que isperá vinte dias pra queimá... no verão, aí, ele queima o roçado, quando ele queima bem... mas de quarquá manêra, ainda que quême bem, <-ente> tem que incuivará, incuivará é o seguinte, a gente junta os pau, né? juntá os pau, vai queimá novamente, que se chama cuivara, aí, queima, depôs de queimá (criança gritando) que vai se fazê o plantio (galinha cacarejando), depôs do plantio da roça, pur ãxemplo, aí, vai tê a capina, você tem que dá... quando o roçado é na mata, vucê tem que dá pelo menos três capina na... na planta <pa> pudê ele disinvorvê, né? e... purque se você dêxá ele no mato num dá nada! tem que capiná pra bicha pudê disinvorvê, e dá bem de produção, aí, a roça... a roça... é... dá um trabalho... a farinha é um prudoto qu'ela num... num paga nem, siqué, a metade do serviço qu'ente tem, pelo preço que... a... agora qu'ela tá melhózinha, mas negócio de vinte, vinte e cinco reás o saco da farinha, num tem cundições, por causo que cai a roça, derriba, capina, incuivara, planta, capina... nos sês, é que vai pruduzí a farinha, no sexto serviço é que (inint) (galinha cacarejando)

E2-mas faz isso sozinho não?

F-olha, quando:... a roça é de... umas duas hectária, pur ãxemplo, aí... tem que metê gente, né? tem que metê gente, purque duas roça, duas hectária de roça, assim, dá muita farinha também! dá muita farinha... dá muito trabalho e muita dispesa, é! tudo

isso! intão, cê tem que pagá pelo meno quatro pessoa, pelo mínimo você tem que pagá umas quatro pessoa!

E2-como é que chama esse... esse... esse amontoado de gente, esse...?

F-é:: vamo dizê assim, quando faz, assim, é um ajuri, ajuri se chama! ajuri!... é... e:: muito chamu puxirum::, e ôtro chamu ajuri, né?... é... é isso!... é.

E1-agora, o senhor tava falando que primeiro tem que derrubar as árvores, né? pra fazer roçado?

F-é, isso!

E1-mas, quando corta a árvore, depois tira o pau, queima tudo, num fica ainda aquele pedaço das raízes, assim, do tronco?

F-é.

E1-como é que faz com aquilo?

F-aquilo fica lá no roçado mesmo, aquilo num se tira não, tira não! fica no roçado mesmo!

E1-e apudrece?

F-apudrece!... é... apudrece! muitos apodreci, muito nem apodrece... daquile... daquile tuco torna a brotá de novamente, é, daquela raiz que fica imbáxo do solo, aquilo fica... a terra refresca, né? ele num morre, a intão, dali torna brotá novamente.

E1-que que o senhor sente de diferença, o senhor que já tem assim um pouco mais de idade, da época de quando o senhor era novo, assim, até uns vinte, vinte e cinco anos aqui e hoje em dia, que que o senhor acha que deu mais assim de diferença... o senhor sente?

F-olha, tem doas... doas opção aqui... im termo, vamo dizê assim, de::... nesse rio aqui, de prudução de pêxe, isses tempos anteriores era fácil viu, era fácil dimás esse rio aqui... Canumã! esse mês dê janêro, quando era na época do pêxe ovado... jaraqui ovado! esse paraná ficava dum lado a utro de pêxe! vucê ia remando pur cima de pêxe! <pa> vucê pegá o pêxe, vucê num precisava de nadinha! era só vucê metê uma vara assim “junh!”, o pêxe pulando “druuuuuunh!” dentro da canoa... é... era... pra vucê pegá um panêro cum pêxe, era rapidinho, num caricia cê tê zagaia, num precisava cê tê tarrafa, num pricisava de nadinha! era só metê uma vara assim “drunh!”, o bicho pulavu... o jaraqui pula, né? aí, ele pulava “druuuuuuuunh!”, pulava pra tudo lado, aí, vinha dentro da canua (inint), um bucado aí, é o suficiente, de nuite já num podia más quase viajá cum tanto pêxe liso, que o pêxe liso cê sabe que é... a pirara, é a piraíba, é o filhote, é o dórado, esses negócio [todo... dava discunforme!]

E1-ele chama liso, por quê?

F-dava discunforme!... é porque ile num tem escáma, num tem escáma... é, pêxe de linha num tem escáma! então.... é....é chama pêxe liso <purisso>... é, e, aí, iles...

dava discuforme! pr'ente... jogava a linha... é... era só jogá já ia, o cara matava um, dôs, só pra cumê mesmo! depôs qu'esses barcos de pesca cumeçaru entrá cá, pra cá, pra cumercializá, né? pegá o pêxe pra levá pra vendê, agora, meu amigo, nem os daqui mesmo tão pegando! tem muita gente que tem rede... rede de pescá aqui o pêxe aqui, mas nem iles daqui, iles num pegu más, porque o pêxe desapareceu tudo! E1-mas tem muita gente aqui que pega peixe ovado, né?

F-tem! (inint)

E1-mas isso num atrapalha não?

F-atrapalha mesmo! o ibama... veio isse ano aqui, disse que ia impunibí isse... isse rio aqui Canumã... esse ano, ia tê a pescaria do pêxe ovado, né? ia tê, mas afinar de conta pararum, num vieru butá uma placa, num vieru fazê nada, né? e, aí, o pessual ficu continuando pescá, e pego a prudução, que ele ovado que pruduizim, né? aí, levu o pêxe ovado, e cumo que vai <-umentá>, aí, só pode í diminuindo mesmo, ele levu o ovado tudo, e o pêxe ovado que pruduiz eles levu, aí, a razão que tá agora esse (inint), e nós tamo cumprando galinha, temo cumprando salchicha, temo cumprando aquela bicha "calambresa", esse negócio <pa> pudê armuçá que o pêxe num tem... é.

E1-e a outra coisa que o senhor achou que mudou?

F-mudô, mudô!... é, purque nôtro tempo era muito farto, iche-maria! <pe->... pegava esse negócio de... da (inint) tudo (inint) <pa> manutenção de casa, iche! era... no porto de casa mesmo jogava a linha, aí, num demora o pêxe já ia... pegava cum facilidade, agora, meu amigo, <-ente> sai, às vez, pra pegá o pêxe aí, o camarada passa o dia quase todinho <pa> trazê a janta somente... pra trazê a janta somente! acabô fartura! aquela facilidade acabô! a intão, sube essa parte mudô::, mas num mudô para melhó, mudô para pió... é.

E1-e alguma coisa mudou pra melhor?

F-olhe, o que mudu pra melhó! agora... agora, que nós temos agora, nesse ano agora, foi esse negócio que governo... mandô fazê, e prumeteu que ia fazê e, <arrealmente>, ele veio aqui e viu que a necessidade, o povo precisava mermo, que num tinha nada mermo! e daí, realmente, qu'ele prumeteu que ia fazê, tá saindo mermo... é... esse <isfalto>, essa luz qu'era até onze horas da noite, e a... a energia aqui, era até onze horas da noite, né? num mutur aí, nessa casinha, mutur de luz, mas era até onze horas, aí, a gente tinha uma friza, num podia... colocá um pêxe, <-ente> num podia colocá um frango, num podia colocá nada, purque era até onze hora a energia, aí, dispôs não, qu'ele disse que vinha... puxá a energia de Nova Olinda pra cá, direto, e de fato tá! direto, agora não, <sin->... põe um pêxe <pa>... qualque(r) coisa numa friza, né? agüenta, que(r) dize(r) qu'esse negócio já mudu para melhó, né?... é... mudô!

E1-ainda tem gente que trabalha com seringueira aqui?

F-siringa não! tem muito siringal <puraqui>, mas num... ninguém trabalha cum siringa! o...a siringa tá uienta centavo o quilo, tá uienta centavo o quilo! a siringa, <-ente> tem que saí... quando eu curtava siringa, meu horário de saí pra cortá siringa era duas hora, três hora da madrugada, que tem... porque o corte da siringa é cedo, porque a siringa é o seguinte, você for cortá ela aí com... com o dia quente, já como tá, num dá o leite não! dá aquilo bucadino dê leite, intão, vucê tem que apruveitá quando ela tá fresca assim, a siringa tá bem friazinha, aí, vucê mete a faca nela... cê sabe cumo é que sê corta siringa?

E1-não!

F-pôs é, aquilo é o seguinte, a árve... grussona, assim, corta! uma árve grossona, assim, ela pega três tigela, né? aí, vucê pega a faca, assim... porque num tem nem uma faca más aqui! a faca é um negócio dum ferro (barulho), enrolado, ferrinho, inrolado a ponta, aí, vucê pega, risca assim “vruuuuuuu!” um parmo! a largura da bandêra que a <gen->... fala bandêra, né? é um palmo de largura, agora, o gorpe qu’ente faz é bem fininho, dum pra ôtro, é bem fininho! vucê pega (criança falando), corta ali, impurra a tigela, (inint) pro leite iscorrê na tigela, prazo dê... duas hora... duas hora e meia vucê vai culhí o leite, vucê vai derramando da tigela numa vasilha que ucê... o barde que se chama! o barlde... aí, vucê colhe dez::, quinze litro, vinte litro, cunforme a quantia de siringuêra, né? vucê... vucê coloca... (barulho) na épuca, a burracha era defumada! vucê fazia um fogo, mitia uma lata, furada aqui a boca, qu’era o buião que se chamava, buião, aí, vucê mitia naquele coisa, aí, butava o cavaco, ô intão, caruço dê babaçu pra dá aquela pressão, aí, vucê ia... fazia a burracha (criança gritando), burracha ia crescendo, ia crescendo, ia crescendo, fazia aquelas burrachona assim... burracha! depôs não, depôs iles... iles... <ideiaru> que... assim... vamo dizê, a burracha impressada, ficava más fácil do siringuêro trabalhá, a burracha impressada! a impressada é o seguinte, vucê faz uma cáxa... uma cáxa destamanho assim, pur ixemplo... nesse tamanho, cum essa largura aqui... vucê faz aquela cáxa, aí, vucê traz o leite e deposita naquela cáxa, aí, depôs quando enche aquela cáxa, aí, vucê tira aquela burracha dê lá, e bota im cima duma tábua e coloca um peso im cima pra impressá ela, pra saí tuda aquela água, né? que a burracha ela tem uma água, aí, saí tuda aquela água da burracha, a burracha fica mesmo que isso aqui de duro, (barulho) fica bem impressadinha, e, aí... aí, cê já vai colocá já ela pra secá... <pa> secá, porque quando o patrão vem pra comprá, a burracha já tá no jeito! já tá sequinho! quando vucê vindia... primêro, quando vucê vindia burracha, assim, cumo sê chama... verde! era vinte pór cento a porcentage dela, né? e vinte pór cento... se fizesse cem quilo, iles só me pagavu oitenta quilo, e <se->... e vinte era da água que saía, né? intão, era vinte pór cento a purcentage da burracha, já a

imprensada não, a impresada, quando ela tá bem impresada num tem más purcentage, e num sai más nada! já tá más do que seca a berracha, né? não há purcentage não, antão, facilitu o trabalho da defômação pra impresada, porque a gente num pegava más aquela fumaça! olha, até huje em dia, tu sofrendo um poblema na vista divido isso, qu'eu defômava berracha, e aquela fumaça ia tudo no meu rosto... chegú uma equipe aqui, um tempo desse... e... equipa... equipe dê médico ocolista, e fui fazê um ixame lá, aí, eles me disseru que o... e <catraca> que tá no meu sólho! só que <-inda> tá verde e num pode opera(r), só depôs de amadurecê, né? proveniente dessa berracha aí, dessa fumaça que apanhava no... no rosto... é... fabricando a berracha, aí, intão, ela é prejudicial, negócio de fumaça, já a impresada, num tem esse negócio não, é só colocá o:: leite lá, dêxa lá, pronto! tem más <pi->... já pode fazê ôtro trabalho... é... facilitava por essa parte, né? pôs é!

Anexo 6 –Estímulos do *corpus* por informante**G0: 0JF**

aonde	galeroso	onze	roupa
boto	homem	ou	#tou
diretora	monte	outro	computador
dois	noite	pessoa	sou

G0: 0JM

Antônio	garoto	noutro	pouco
bom	gosto	oito	roubo
cônego	hoje	outro	sou
defensor	namoro	pessoas	#tou
estudo	noite	ponto	vou

G0: 0AF

acompanhou	chegou	hoje	#tou
aonde	contou	onde	tronco
apresentações	encontra	porto	tu
boas	grosso	sou	vou
boto			

G0: 0AM

bom	dois	noite	outro
canao	durmo	novo	pessoa
cauteloso	folha	oito	pouco
chegou	foram	onze	sou
contou	longe	ou	vou
dobro			

G0: 0IF

acalmou	completou	foram	passou
ajeitou	conversou	grosso	pegou
boca	couro	moça	pessoa
boiou	cuidou	noite	porto
bolha	deixou	oito	tomou
boto	espionou	onze	#tou
chegou	falou	outro	trouxe
coisa	ficou	parou	vou

G2: 0IM

ajudou	deixou	gosto	passou
acabou	depois	hoje	patrona
arreventou	dois	interior	pegou
atacou	doze	lavou	pessoa
atirou	encosta	matou	pescoço
avô	entrou	motor	pouco

boca	errou	muito	pulou
bom	ficou	noite	sombra
cachorro	flores	noutro	sorva
canoa	fogo	novo	sugou
caroço	foice	oito	#tou
carregou	foram	onça	vassoura
chegou	força	ou	vazou
coisa	fosse	outra	vou
coloca			

G1: 1JF

acabou	dois	motor	pessoa
boto	dono	noite	plantações
canoa	dor	nome	pois
casou	doutora	noutra	pouco
coisa	fomos	novo	reclamou
começou	foram	oito	senhor
como	homem	onde	sobre
come	interior	onze	sou
depois	longe	outro	vou
dezoito			

G1: 1JM

foram	ou	pouca	pegou
noite	passou		

G1: 1AF

aonde	doze	oito	pessoas
criou	foram	outro	vou
detefon	hoje	passou	

G1: 1AM

agricultor	demorou	fechou	pessoa
arriscoso	desencantou	fome	onda
avô	dezoito	hoje	onde
biscoito	doido	idoso	pois
boca	dois	junto	porco
bolo	doutro	mandou	porto
canao	doze	melhorou	pouco
casou	errou	motor	respeitoso
chegou	espantou	noite	senhor
coisa	facilitou	noutro	sou
compram	fosse	novo	tacou
conta	fomos	ou	#tou
conto	for	outro	valor
criou	foram	passou	vou

G1: 1IF

achou	depois	interior	patroa
afastou	desabotoou	jogou	pegou
afirmou	desmanchou	lavoura	peixe-boi
aonde	dezoito	levou	pensou
aposentou	dois	mentiroso	perigoso
arroz	doutor	moça	peessoa
aumentou	doze	monstro(a)	pois
boca	empurrou	noite	poram*
bolsa	entrou	noutro	professor
boto	estou	novo	roupa
botou	falou	oh!	selou
caboclo(a)	ficou	oito	senhor
cacetou	fogo	onde	sofro
canoa	folha	ou	sorva
caroço	for	osso	sou
cebola	foram	outro	tornou
chegou	forno	ovo	#tou
coisa	gostoso	apagou	varou
contratou	hoje	passou	vou
deixou	homem	pastor	

G1: 1IM

acabou	desembrulhou	jogou	outro
acocho	dois	lembrou	parou
agarrou	embrulhou	mandou	pegou
aguentou	entrou	matou	pescador
anteriores	enxergou	monstro	peessoa
boca	facilitou	motor	pois
boiou	ficou	mudou	prestou

canoa	fogo	noite	puxou
caroço	fôlego	nojo	quietou
chegou	folha	noutro	rosto
coçou	for	novo	sobre
coisa	força	oito	toco
cortou	fosse	onça	tornou
coxa	gritou	onde	#tou
deixou	grosso	onze	trabalhou
depois	hoje	ou	voltou

G2: 2JF

boca	ficou	novo	ralador
botou	for	oito	sogro
coisa	foram	outro	tomou
como	gostoso	peconha	#tou
depois	homem	pegou	vou
dois	matou		

G2: 2JM

canoa	homem	onça	somos
coisa	noite	outra	tronco
dois	novo	perigoso	

G2: 2AF

bom	encontram	monte	ou
casou	falou	mudou	outra
coisa	ficou	noutra	pegou
compro	fomos	novo	pessoa
dona	levou	onça	#tou
doutro			

G2: 2AM

acabou	depois	interior	onze
arriou	dois	jogo	outra
bolo	doze	lavoura	ouve
bolsa	enterrou	mandou	ovo
cachorro	fogo	monte	patrona
canao	folha	motor	pegou
chegou	fora	noite	porco
coisa	foram	nome	pouco
contou	goma	novo	toma
corpo	gomes	oito	#tou
cortou	hoje	onça	varou
couro	homem	onde	vou

G2: 2IF

assombrou	ficou	perigoso	sofro
boba	hoje	pessoa	sogro
acabou	levantou	rasgou	sou
coisa	motor	retirou	tomou
dor	noutro	rosca	#tou

doutra	outro	senhor	vou
--------	-------	--------	-----

G2: 2IM

abandono	depois	interior	pessoa
agricultor	dezoito	motor	porco
boi	falou	oito	povo
catorze	hoje	outro	

G3: 3JF

achou	engravidou	olho	sobre
acompanhou	falou	outro	#tou
boa	fomos	passou	virou
chegou	mandou	pessoa	voltou
coisa	noite	pouco	vou
contam			

G3: 3JM

arpoa	hoje	oito	professor
couro	noutro	outro	sopa
dois			

G3: 3AF

à toa	dois	mudou	sofro
ajudou	dor	noite	sou
boca	entrou	olho	#tou
acabou	fomos	outro	vômito
coisa	foram	passou	vou
conta	hoje	sob	

G3: 3AM

arpoa	arriou	folha	sentou
-------	--------	-------	--------

G3: 3IF

arriou	ficou	noite	pouco
botou	folha	osso	vou

G3: 3IM

arriou	doutro	oito	tesoura
atirou	fogo	passou	#tou
boca	hoje	professor	vou
canoa	nome	sou	zelador
dois	noite	teimoso	

Anexo 7 - FICHA DE INFORMANTE

Dados pessoais:

Nome:

Idade:

Local de nascimento:

Profissão:

Endereço atual:

Estado civil:

Escolaridade:

Viagem:

Para onde?

Quantos filhos:

Qual a origem dos pais:

Assunto abordado na entrevista:

Tempo de gravação:

Observação:

Anexo 8 – Teste de Percepção

Nome:

Curso:

Naturalidade:

Marque a alternativa que **melhor** represente o **som** da vogal destacada nas palavras abaixo:

- 01) () dÔis
() dÚis
() outra_____

- 07) () agüento
() aguentÚ
() outra_____

- 02) () carÔço
() carÚço
() outra_____

- 08) () rÔUpa
() rÚpa
() outra_____

- 03) () dezÔito
() dezÚito
() outra_____

- 09) () arrÔz
() arrÚz
() outra_____

- 04) () cavadÔr
() cavadÚr
() outra_____

- 10) () mÔça
() mÚça
() outra_____

- 05) () fÔgo
() fÚgo
() outra_____

- 11) () cÔxa
() cÚxa
() outras_____

- 06) () fÔlha
() fÚlha
() outra_____

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)